

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS

NATAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA EPISTEMOLOGIA DA COMPLEXIDADE:
uma prática criativa de transcendência para atletas com deficiência

ANNA CLARA SOUZA SOBRAL

Orientador: Prof. Dr. João Henrique Suanno

ANÁPOLIS
ABRIL DE 2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS

ANNA CLARA SOUZA SOBRAL

NATAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA EPISTEMOLOGIA DA COMPLEXIDADE:
uma prática criativa de transcendência de atletas com deficiência

Texto de Defesa de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, da Universidade Estadual de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias.

Linha de Pesquisa: Educação, Escola e Tecnologia

Eixo: Processos Educativos e diversidade

Orientador: Prof. Dr. João Henrique Suanno

ANÁPOLIS
ABRIL DE 2023

Folha de aprovação

PSP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação



Universidade
Estadual de Goiás



ESTADO
DE GOIÁS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA n.1087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei n° 9610/98, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do autor / autora.

Dados do autor (a)

Nome Completo Anna Clara Souza Sobral

E-mail annaclarasobral@hotmail.com

Dados do trabalho

Título Natação sob a epistemologia da complexidade: uma prática criativa de transcendência para atletas com deficiência

Dissertação

Curso/Programa PPG - IELT

Concorda com a liberação documento?

SIM

NÃO

Obs: Período de embargo é de um ano a partir da data de defesa

Anápolis

Local

24/05/2023

Data

[Assinatura]
Assinatura do autor / autora

[Assinatura]
Assinatura do orientador / orientadora

RESUMO

Busca-se nesta pesquisa investigar a Natação sob a perspectiva da teoria da complexidade, olhando a Natação para atletas com deficiência como um caminho para o reconhecimento do sujeito criativo e para a transcendência. A linha de pesquisa é Educação, Escola e Tecnologia. Tem-se como pergunta problematizadora: a natação, por meio das práticas pedagógicas de seus professores, contribui para a transcendência de atletas com deficiência? O objetivo geral: Analisar se a natação pode contribuir para a transcendência de atletas com deficiência. Desdobra-se em três objetivos específicos: 1. Investigar o que é transcendência do ser atleta deficiente; 2. Reconhecer o sujeito criativo e integral por meio do pensamento complexo; 3. Buscar em atletas da Associação Paralímpica do Futuro relatos sobre a natação. Os principais autores que iremos utilizar são: M. D. Alves (2015), O. Andries Junior (2008), G. Bachelard (1998), Y. Berge (1986), E. Kunz (2015), M. C. Moraes (2004), E. Morin (2003, 2015, 2010), J. H. S. Suanno (2014) e La Torre (2004). O fluir metodológico direcionado para desvelar o problema é por meio da pesquisa qualitativa, abraçando os caminhos exploratórios para estudar o objeto. A escolha da técnica da entrevista aproxima-se mais do objetivo proposto no projeto e foi constituída de sete perguntas abertas, priorizando a vivência e espontaneidade dos participantes, considerando as emoções, as percepções e os sentimentos sobre a importância das práticas aquáticas em suas vidas. Através das falas dos atletas, enxerga-se que a natação se expande em todos os sentidos, sejam eles sociais, físicos e psíquicos, além da interação social, para além de ficar somente nadando de uma borda à outra. A Natação é um processo educativo que tem o seu espaço de ensino-aprendizagem, e a sala de aula é a piscina; o corpo não precisa ficar “preso” a carteiras, e a atenção não é somente no professor. Dentro da água, é preciso focar em si e em seus movimentos; caso contrário, o aluno afunda, se afoga, ou não sai do lugar. Olhar para a Natação através das lentes do pensamento complexo possibilita enxergá-la para além do nível macrofísico, do nível do que é visível ou percebido pelos cinco sentidos. Estar em contato com a água é um momento de abertura da consciência para a criatividade e a intuição, de conexão com o sagrado e a essência humana.

Palavras-chave: Natação. Complexidade. Transcendência. Atletas com deficiência.

ABSTRACT

The aim of this research is to investigate swimming from the perspective of complexity theory, looking at swimming for athletes with disabilities as a way for the recognition of the creative subject and for transcendence. The line of research is Education, School and Technology. The problematizing question is: does swimming, through the pedagogical practices of its teachers, contribute to the transcendence of athletes with disabilities? The general objective: To analyze whether swimming can contribute to the transcendence of athletes with disabilities. It unfolds into three specific objectives: 1. Investigate what is the transcendence of being a disabled athlete; 2. Recognize the creative and integral subject through complex thinking; 3. Search athletes from Associação Paralímpica do Futuro for reports about swimming. The main authors that we will use are: M. D. Alves (2015), O. Andries Junior (2008), G. Bachelard (1998), Y. Berge (1986), E. Kunz (2015), M. C. Moraes (2004), E. Morin (2003, 2015, 2010), J. H. S. Suanno (2014) and La Torre (2004). The methodological flow aimed at unveiling the problem is through qualitative research, embracing exploratory paths to study the object. The choice of interview technique is closer to the objective proposed in the project and consisted of seven open questions, prioritizing the experience and spontaneity of the participants, considering emotions, perceptions and feelings about the importance of aquatic practices in their lives. Through the athletes' speeches, it is seen that swimming expands in all senses, be they social, physical and psychic, in addition to social interaction, beyond just swimming from one edge to the other. Swimming is an educational process that has its teaching-learning space, and the classroom is the swimming pool; the body does not need to be “stuck” to desks, and attention is not only on the teacher. Inside the water, you need to focus on yourself and your movements; otherwise, the student sinks, drowns, or stays put. Looking at Swimming through the lens of complex thinking makes it possible to see it beyond the macrophysical level, the level of what is visible or perceived by the five senses. Being in contact with water is a moment of opening the conscience to creativity and intuition, of connection with the sacred and the human essence.

Keywords: Swimming. Complexity. Transcendence. Athletes with disabilities.

Mergulhar nesse conhecimento me fez ver que tenho medo de mim mesma, Que, quando estou nadando, esqueço esse medo e reconheço que sou um ser humano que ri, que chora, que sente, que pensa, que age, que briga, que fica triste, que fica alegre, que sente inveja, ciúmes e tem vaidades e preconceitos. Que posso morrer, que posso chorar, que posso viver e que posso amar! Posso ser resiliente... e por instantes tenho o poder de esquecer meus medos. Medo das mudanças, medo do escuro, medo do que não sei.

Vejo que o medo é de mim mesma. O medo de ser humana complexa e integral. Medo de chegar à minha essência e ver que sou isso tudo e estar sozinha num vazio profundo e silencioso do puro SER.

Nadando eu vou e volto nesse silêncio sem ter medo de ser e de não ser, de enxergar e não ver.

Se você tem medo... mergulhe! Aprenda a nadar e se explore no meio líquido!

E, quando perceber, estará nas mais profundas subjetividades de si,

Transcendendo ao além de todas as indigestões da vida.

(Anna Clara Souza Sobral)

“Apesar de árduo e solitário, o processo de pesquisar é também um desafio, pois a paixão pelo desconhecido, pelo novo, pelo inusitado acaba por invadir o espaço do educador, trazendo-lhe alegrias inesperadas.”

(Ivani Catarina Arantes Fazenda)

Dedicatória

Começo essa dedicatória retornando ao meu passado, dedico essa escrita primeiramente a Anna Clara criança, aquela menina que nunca desistiu de sonhar alto e desejou profundamente realizar seus sonhos. Te agradeço por me dar forças e agora essa escrita te conforta e traz realização em saber que sempre foi capaz e que pode transcender qualquer barreira e muros que a vida nos coloca.

Dedico agora para a mulher que me proporcionou o primeiro contato com a água, minha mãe, meu portal para esse mundo. Sei que não foi fácil a sua jornada em me oportunizar estudos de qualidade e alimentação, a vida foi árdua e difícil para você. Por isso te agradeço por sempre me dar forças e incentivar a ir além, buscar ser melhor, estudar, crescer com saúde e sabedoria. Mamãe Valnice Desterro de Souza.

Dedico para meu pai, que foi embora cedo demais. Sei o quanto ficaria orgulhoso em ver sua filha realizando seus sonhos. Te agradeço pela vida papai Edjalma Rocha Sobral.

Dedico também para meu irmão, Arthur Souza Sobral, meu parceiro desde o primeiro dia de vida. Acompanhou a correria e as angústias que passei nesse mergulho que venho fazendo. Um homem forte e que me ampara sempre que pode.

Dedico a irmandade do Santo Daime - Céu de Sant'ana, tive a oportunidade de ter a espiritualidade me guiando e dando forças para o fim desse ciclo, uma rede de apoio e alimento para alma.

Não posso encerrar essa dedicatória sem falar do meu orientador João Henrique Suanno, muito obrigada por me incentivar nesse mergulho, por tirar as barreiras que eu coloquei na minha cabeça, por acreditar no meu potencial criativo de escrita. É muito importante ter um orientador que ilumina o caminho, como um grande farol de um navio. Ter te conhecido foi fundamental para entrar nesse mestrado e materializar essa pesquisa.

E por fim a todos meus amigos, amigas, alunas e alunos que estiveram ao meu lado me ajudando, me escutando, me suportando em dias difíceis, Gratidão por entenderem minhas ausências.

Amo todos vocês

SUMÁRIO

MEMORIAL	8
INTRODUÇÃO	16
1 METODOLOGIA	25
1.1 Abordagem qualitativa	25
1.2 Pesquisa do tipo exploratória	27
1.3 Campo da pesquisa	28
1.4 Participantes da pesquisa	30
1.4.1 Descrição dos entrevistados.....	30
1.5 Instrumento de levantamento de dados	30
2 MOVIMENTO HUMANO, CORPOREIDADE, ÁGUA E NATAÇÃO	33
2.1 Importância do movimento corporal	33
2.2 Água e a subjetividade	42
2.3 Evolução da natação até a natação paralímpica	44
2.4 Natação paralímpica	48
3 EPISTEMOLOGIA DA COMPLEXIDADE E TRANSCENDÊNCIA DO SER	53
3.1 Epistemologia da Complexidade	53
3.2 Concepção de ser humano e a transcendência	57
4 MERGULHANDO E TRANSCENDENDO OS DADOS	68
5 CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS	86
REFERÊNCIAS	88
APÊNDICE A – Entrevistas com os atletas	91
APÊNDICE B – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido	98
APÊNDICE C – Fotos com os atletas	105

MEMORIAL

Sou Anna Clara Souza Sobral e nasci em Anápolis, Goiás¹. O meu primeiro contato com a natação foi aos 3 anos de idade em uma academia próxima à minha primeira casa. Aos 6 anos, minha mãe me tirou da natação e me colocou no balé. Não sei o motivo, mas sei que eu não gostava, nunca tive intimidade com a dança, mas fiquei até os 11 anos, quando minha mãe disse que a partir daquela idade eu iria sozinha. Então decidi mudar de modalidade, tentei futsal, vôlei, basquete... Mas sempre me lesionava ou não sentia afinidade. Até que então aos 12 anos resolvi voltar para a natação, me matriculei e ia toda semana a pé sozinha mesmo.

Com menos de seis meses a professora me chamou para participar das competições, e eu sem saber muitas técnicas topei. Fui com a cara e a coragem à primeira competição em Goiânia, não conhecia ninguém. Fiquei muito nervosa, mas no fundo da minha alma eu gritava por aquele momento. Uma sensação de alegria e nervosismo ao mesmo tempo não me deixava desistir. Eu sentia vergonha, tristeza, alegria e entusiasmo.

Essa primeira competição foi inesquecível, a única coisa que tinha na cabeça era que eu precisava nadar o mais rápido possível para não chegar em último, e então finalizei a prova quase desmaiando e vi que cheguei em primeiro. Foi inacreditável. Não tinha ninguém para comemorar comigo, nem a minha professora tinha ido, fui acompanhada com outro professor de outra turma.

Decidi mudar de horário e ir para a equipe de treinamento; nunca consegui chegar a um nível de alto rendimento suficiente para competir em campeonatos maiores. Mas não desisti de nadar, pois, independentemente das competições, a natação sempre me convidou intimamente a estar com ela. A água escondia o meu corpo magro e desajeitado.

Continuei nadando e participando de competições mais amadoras, mudei de turma por causa da rotina da escola e então no Ensino Médio conheci um professor que considero meu primeiro mestre da natação, Jomar Emiliano Carvalho. Esse homem me proporcionou sentir a natação com mais consciência, consciência corporal e psicológica. Sua formação é em Educação Física e Psicologia, e ele sempre ligava as duas linhas de pensamento para me ensinar. Gostava do tato dele em explicar as técnicas, em exemplificar e me desafiar. A primeira orientação que me fez foi para corrigir um mínimo detalhe no nado de peito e que, lembro como se fosse hoje, era um toque de paciência e atenção que eu estava precisando receber.

¹ Em boa parte desta dissertação, adotarei a forma de enunciação em primeira pessoa do singular, especialmente quando a intenção é fazer um relato pessoal ou me colocar como pesquisadora e sujeito.

Quando terminei o Ensino Médio, entrei para um cursinho preparatório para tentar o curso de Odontologia, organizei minha rotina e encaixei a natação, pois me sentia mais leve e com fome toda vez que nadava, era como se eu ganhasse energia e consciência para comer, pois nunca tive um apetite muito bom. Tive sérios problemas de estômago ao longo da minha vida, e a natação também me ajudava a ter uma melhor digestão.

Durante o cursinho pré-vestibular, a rotina foi apertando, e precisei parar de nadar por um ano. Foi um período de crise, tive gastrite forte. Decidi voltar a nadar, era a minha baliza de sustentação para seguir em frente. Então nesse retorno o professor Jomar me perguntou por que eu não prestava vestibular para Educação Física.

Fui pesquisar as disciplinas que compunham o currículo do curso na Universidade Estadual de Goiás. Gostei de ver que havia matérias da área da fisiologia humana, da área de práticas corporais e a tão sonhada disciplina Natação. Coloquei o curso como minha segunda opção porque ainda pensava que Odontologia seria a profissão da minha vida (algo colocado em minha cabeça desde a infância).

Prestei o vestibular e passei em uma boa colocação, como eu nunca imaginei que fosse capaz. Fiquei muito feliz, contei para o professor, e ele me disse que, quando eu pudesse fazer o estágio, ele me colocaria para trabalhar no clube onde eu treinava. Nos primeiros períodos, tive disciplinas na área de sociologia, filosofia, pedagogia, psicologia e cultura corporal do movimento. Comecei a entender que a Educação Física é algo muito além do corpo físico, que dentro de nós existe um ser que é físico, psíquico e espiritual. Comecei a gostar dessas disciplinas de humanas e que ligavam o esporte a elas. Então ir nadar já estava fazendo mais sentido do que simplesmente ir e vir de uma borda à outra. Conseguia ter conversas mais filosóficas com o professor Jomar.

A faculdade era em uma cidade vizinha (Goiânia), precisava viajar 45 km todos os dias de segunda a sábado. Estava bem cansada e com vontade de desistir, mas lembrava que no 5º período eu iria começar a aprender a dar aula de natação com o professor.

Quando comecei as disciplinas de estágio, estudávamos autores da Educação Crítica. Comecei a compreender a importância de uma educação que transforma, educação transgressora, crítica, emancipatória. Percebi o valor de ser professor ou professora, a influência que eu poderia causar nos alunos e nas alunas. Estava sendo formada para transformar a realidade em que eu fosse atuar. E então chegou o 5º período, eu fiz a entrevista para trabalhar no clube e passei no teste. Comecei a dar aula de hidroginástica, natação adulto e infantil. Sempre tive bastante vergonha, mas o professor me dava coragem para aprender a errar e ir me corrigindo e acertando.

Juntei os ensinamentos da faculdade com os do professor Jomar e fui enfrentando os medos de errar. Entrava na piscina para dar aula mais de perto, tinha crianças, idosos, adultos... Pessoas de todos os níveis. Comecei a sentir um outro lado da natação, o lugar de professora. Ver as pessoas aprendendo estava sendo tão divertido quanto aprender a nadar.

Com cinco meses de estágio orientado pelo professor Jomar, ele foi desligado da unidade, e eu fiquei sozinha. Chorei bastante, não sentia confiança no que eu estava fazendo, pensava que sem ele eu não poderia conseguir. Fiquei mais de quatro meses sozinha em várias turmas, das 14 às 21 horas e fazendo faculdade, até que entrou um outro professor para dividir comigo, mas ele não me orientava em nada, apenas dividia o serviço. Eu realmente estava sozinha com os alunos, o professor Jomar continuou me ajudando por um tempinho, mas logo seguiu sua vida.

Trabalhei nesse clube por mais um ano e meio e ganhei muita experiência como professora e treinadora da equipe de alto rendimento. Mas eu estava atrás de algum estágio em que eu pudesse ter um orientador, mas naqueles longos anos tive de me virar sozinha com os ensinamentos que já tinham me passado. Quando acabou meu estágio no SESI, mudei para uma empresa de assessoria esportiva em condomínios. Mais uma vez estava sozinha. Trabalhei nessa empresa até me formar e fiquei mais um ano nela.

O trabalho estava sempre ligado aos meus estudos acadêmicos, e o tema do TCC eu decidi que seria natação, pois era algo que eu sentia e experienciava todos os dias. Decidi ir pela linha da fisiologia e racionalidade, mas não consegui nem apresentar o projeto e nem achar orientador.

Nesse período estava fazendo um curso de yoga e praticando bastante com uma professora da faculdade. Sentia que a natação era como o meu momento de meditar, de praticar yoga. Sentia que a natação era uma conexão do corpo com a mente. Eu observava os alunos de natação falando que estavam ali para se sentirem mais felizes, para relaxarem; observava as crianças e os adultos se libertando, se expressando. Essa observação eu fazia dia e noite, noite e dia, percebendo todos os movimentos mais subjetivos da natação na vida de todas aquelas pessoas que passavam por mim, e quando eu ia nadar também sentia isso.

Na disciplina Metodologia da pesquisa, o professor dizia que as pesquisas na área da fenomenologia eram mais difíceis, porém sentia que eram mais divertidas e desafiadoras. Eu gosto de um bom desafio, então decidi mudar o tema do projeto para “A natação como forma de conexão entre corpo e mente” e estava em busca de alguém que pudesse me orientar. Parece que não tinha nenhum professor naquela faculdade que olhava para esse tema.

Fiquei dois anos trabalhando com um professor de natação que também se tornou um grande mestre das águas para mim, o professor José Ademar, que possui quase 43 anos de trabalho com a natação. Sua formação é em Educação Física e Pedagogia. Ele é um professor criativo, moderno, poeta e autodidata que me ensinou muito sobre o ensino da natação para além do corpo físico, mas na faculdade eu não encontrava nenhum professor para me orientar com o projeto do TCC.

Então, no 6º período, apareceu um professor de História, Nélio Borges, que veio de fora para dar aula no curso de Educação Física. Em uma aula que tive com ele, vi que se interessaria pelo meu tema e, quando acabou nossa primeira aula, fui conversar com ele, que me indicou o livro *APAIDEA*, um livro que fala sobre a formação do homem grego. Nesse livro há um capítulo sobre a ginástica como elemento essencial do ser humano.

Mergulhei profundamente num mundo totalmente subjetivo e transdisciplinar. A natação estava conectada a tudo que eu estudava, e esse professor me indicou leituras que falavam da história do corpo, das sensibilidades do corpo e finalmente da corporeidade. Estudando a cultura corporal do movimento e conectando com a natação, cheguei a entendimentos transcendentais sobre o ser humano e a água. Mas ainda sentia muita dificuldade para transcrever isso para o trabalho de conclusão de curso.

O professor dizia para eu escrever sem me preocupar com os erros, mas o mesmo frio na barriga que eu sentia para ir a uma competição eu sentia quando ia transcrever a subjetividade da natação. Fui pesquisando autores que seguiam a mesma linha de pensamento que eu para que pudesse ter exemplos. Encontrei então o Mestre Sato, um professor japonês que veio para o Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, formado em Agronomia e que se tornou professor de natação por necessidade quando virou militar. Um professor que juntou a cultura oriental e a agronomia no ensino da natação. Ele era poeta e filósofo. Ao mesmo tempo que passava seus conhecimentos, tive acesso a dois livros que falavam sobre sua vida e sua metodologia de ensino, livros que foram escritos por pessoas que conviveram com ele. Fui mergulhando nesses ensinamentos da filosofia das águas e do ser humano; assim, eu estudava e ia dar aula analisando os alunos e as alunas.

O professor Nélio, sendo da área da história, me trouxe muito conhecimento sobre a formação da consciência humana, sobre o movimento, sobre a percepção corporal. Comecei a estudar sobre a alma, o espírito, a consciência. Meu projeto ficou com o tema “Corpos em meio líquido: apropriações do nado para a individualidade de si para si”. Nesse espaço eu queria falar sobre a consciência de si por meio da natação, da consciência divina, existencial. Observava

que os alunos saíam da água com mais vida e sede de viver, fome, prazer... e sempre foi isso que eu senti.

Nadar é uma pilastra que me sustenta para continuar a viver com prazer e alegria. Finalizar o TCC foi um grande desafio, pois eu não confiava em minha capacidade de aprendizagem e muito menos passar isso para meus escritos. Consegui finalizar e apresentei o trabalho para dois coorientadores. Então conheci o professor João Henrique Suanno, mais um professor ligado à área de psicologia e agora com um toque especial de transdisciplinaridade.

Ele corrigiu o meu trabalho e fez orientações a respeito do tema com palavras sutis e que mexeram comigo profundamente. Ele disse que o meu trabalho era sensível e único, mas disse também que eu poderia deixar mais a minha imaginação fluir, deixar que a minha consciência pudesse se expandir mais pelos aprendizados que eu tinha com a natação. Falou que sentia que eu ainda estava meio travada ao escrever sobre o que eu percebia sobre a natação.

O segundo coorientador era o professor Vicente Dalla Déa, que foi meu professor de estágio na faculdade. Sua esposa é ligada à natação, por isso decidi escolhê-lo, por saber que ele era sensível para ler o meu trabalho, que eu sentia que era um trabalho difícil de se compreender. O professor Vicente também gostou bastante e fez bons elogios e indicou leituras para que eu pudesse ampliar mais o aprendizado sobre a natação. Indicou-me obras de sua esposa, uma mulher que também tem um olhar sensível para a natação e a educação inclusiva, Vanessa Dalla Déa. Ela me deu um suporte grande para o meu TCC e para que pudesse deixar minha imaginação fluir com um pouco mais de confiança em saber que outras pessoas na linha acadêmica também já tiveram a mesma compreensão que eu.

Os dois professores me deram nota 10. Foi o primeiro 10 que ganhei na vida, fiquei achando que eu não merecia, pensei que estavam puxando meu saco. Mais uma vez não confiei em minha capacidade intelectual. O professor Nélio me incentivou a entrar no mestrado, dizia que eu devia aprofundar mais meus estudos sobre o corpo no meio líquido. Então resolvi pesquisar sobre o PPG-IELT e essa linha da transdisciplinaridade na natação.

Entrei na disciplina Processos Pedagógicos, Educação e Tecnologias com o professor João Henrique e a professora Barbra Sabota. Eles me apresentaram o ensino transdisciplinar, Edgar Morin e a ecologia dos saberes. Nessa disciplina, por várias vezes eu ficava emocionada porque sentia que naquele ambiente eu estava sendo incluída e, independentemente de quem eu era, me sentia ouvida e fazendo parte do processo de ensino e aprendizagem. Isso me transformou por inteiro, e eu pude entender um pouco sobre o que é um mestrado acadêmico e que eu era totalmente capaz de estar naquele ambiente e de ter chegado até lá. Escutar os colegas

dessa disciplina do mestrado me proporcionava aprendizados profundos sobre a importância da minha atuação como professora de natação.

Sempre fui uma pessoa curiosa, fútriqueira, inquieta, contadora de histórias, investigadora. Eu me sentia uma criança totalmente desconectada do meio escolar. Não gostava de ficar presa em carteira, aquilo me dava dores fortes no estômago. Sentia vergonha todas as vezes que ia receber minhas notas. Fiquei apaixonada pelo ensino transdisciplinar e queria cada vez mais passar para meus alunos e minhas alunas o ensino da natação de uma forma mais transcendental, livre, leve e ao mesmo tempo concisa e precisa.

Percebi que precisava do mestrado para conseguir estudar mais, aprofundar mais e me capacitar para poder transformar mesmo a realidade. Sei que todo dia acontecem grandes transformações, mas é preciso estudar, estudar e estudar. Tentei os processos seletivos no final de 2018 e 2019, mas não passei e então decidi que em 2020 seria minha última tentativa, pois o mestrado era algo para gente muito inteligente, e eu não conseguiria estar ali mesmo. Já estava bem desanimada. No entanto, fui aprovada e com uma boa nota.

Fiquei muito feliz porque mais uma vez a natação estava me dando suporte e confiança para seguir com minhas escolhas. O escopo do projeto de início era falar sobre a natação como forma de transcendência individual, mas, como uma boa pesquisa qualitativa, fluida e transdisciplinar, o percurso mudou conforme minha atuação profissional foi mudando.

Quando passei no processo seletivo do mestrado, tive a oportunidade de abrir minha escola de natação, chamada Raia 7. Um mês antes de saber o resultado do mestrado, a Raia 7 estava ativa e funcionando dentro do clube onde aprendi a nadar e trabalhei a primeira vez como professora de natação.

No segundo mês que estava com a Raia 7, uma colega de profissão me encaminhou um atleta de alto rendimento da natação paraolímpica que não tinha os dois braços. Esse garoto tinha apenas 14 anos e estava iniciando sua carreira na natação de alto rendimento. Marquei um teste com ele para eu ver se poderia conseguir uma bolsa, pois sua família não tinha condição de pagar.

Quando vi esse garoto nadando, eu simplesmente fiquei paralisada, meu corpo estremeceu e não tive reação. Era a coisa mais incrível que já tinha visto na natação, minha amiga me surpreendeu de novo. Ele nadava de um lado para o outro sem parar, com a técnica boa, um pouco rústica, mas com fluidez, domínio sobre o meio líquido, equilíbrio, coordenação. Meus olhos se encheram de água, e veio a intuição de que aquele garoto era uma joia rara a ser lapidada; se chegou até mim, eu iria fazer o possível para ajudá-lo.

Começamos a trabalhar juntos em meio à pandemia. Não havia competições, apenas treinos. Não sabíamos do futuro, nem tínhamos como fazer um planejamento preciso. O mestrado estava acontecendo, encerrei o primeiro semestre de disciplinas com sucesso, foi apertado por causa da Raia 7. Entrei no segundo semestre e optei por fazer a disciplina Educação e Diversidades, uma disciplina em que já havia tentado entrar como aluna especial em 2019, pois sempre me interessei pelo tema diversidade.

Essa disciplina ampliou a minha visão sobre a pessoa com deficiência, sobre direitos humanos, sobre as minorias, que na verdade são maiorias. No período em que cursava essa disciplina, fui acompanhar esse atleta em uma competição em São Paulo, as Paralimpíadas Escolares, que é o maior evento do mundo para jovens com deficiência, com cerca de 900 atletas com menos de 18 anos.

Consegui ir como voluntária, ganhei hospedagem, transporte e alimentação. Fiquei uma semana acompanhando todas as modalidades e dando suporte para o meu atleta que estava competindo na modalidade Natação. Era mais uma situação de desconstrução e transformação do meu ser. Em várias situações me emocionei vendo aquelas crianças se superarem, todas com muita alegria de viver, sorrisos, espontaneidade. Coisas de que eu já havia me distanciado na vida, mas a natação naquele momento estava sendo apenas um ir e vir dentro da piscina. Eu me entreguei à rotina, aos problemas, às preocupações... Aquela jovem sonhadora estava adormecida até chegar a esse evento.

Vou contar apenas uma das situações que pude presenciar e que me resgatou de volta para a magia da natação e do esporte. Uma moça, de 14 anos, do Rio de Janeiro, teve meningite meningocócica quando criança, os membros superiores e inferiores foram amputados e uma parte do seu rosto também foi prejudicada por conta da doença. Eu estava na arquibancada vendo a torcida do Rio de Janeiro gritar o nome dela bem forte, dando força para ela nadar. Eu olhava de longe e pensava: como aquela menina vai cair na água sozinha e nadar 200m livre? Uma das provas mais difíceis e duras da natação. Então lá se vai, ela sobe no bloco com a ajuda da treinadora e salta na água. A prova durou 7 minutos, um tempo relativamente longo, porém ela estava fazendo o impossível, nadando 200m apenas com parte das pernas e dos braços. Eu chorei os 7 minutos de prova. Todo mundo gritando, aquela emoção subindo e descendo pelo corpo.

Quando voltei das paralimpíadas escolares, falei para meu orientador que iria mudar o foco do meu projeto para natação e pessoas com deficiência. Naquele momento, a natação mais uma vez não me abandonou e me colocou de frente para situações de transcendência e integração do corpo e da mente por meio da água. Sei que aquela moça não precisava de pernas

e braços para nadar, ela precisava estar viva, respirando e com vontade de completar a prova. Vi que o corpo físico é uma ferramenta de conexão para realizarmos nossos sonhos e planos e que, independentemente das nossas características, somos capazes de ir além, muito além do que nos é determinado.

Ao longo do ano de 2022, tive a oportunidade de ir a competições nacionais e de alto rendimento de natação para pessoas com deficiência, acompanhei meu atleta em todas elas. Em um campeonato brasileiro, conheci os atletas da APAF e fiz conexão com o treinador para que eu pudesse investigar alguns de seus alunos na minha dissertação de mestrado e aqui estou me deixando fluir pelas águas do meu coração que deságuam na natação.

Concluo este memorial percebendo que a yoga me proporciona estudos espirituais sobre o ser humano; a Educação Física me proporciona conectar o ser humano ao movimento corporal, e a Educação transdisciplinar me proporciona conectar a espiritualidade, a psicologia, a fisiologia e a transcendência do ser na natação.

INTRODUÇÃO

A transcendência dentro de mim é o “it” vivo e mole e tem o pensamento que uma ostra tem. Será que a ostra quando arrancada de sua raiz sente ansiedade? Fica inquieta na sua vida sem olhos. Eu costumava pingar limão em cima da ostra via com horror e fascínio ela contorcer-se toda. E eu estava comendo o it vivo. O it é o Deus... Não gosto é quando pingam limão nas minhas profundezas e fazem com que eu me contorça toda. Os fatos da vida são o limão na ostra? Será que a Ostra dorme?
(Clarice Lispector, 2020, p. 25)

Clarice Lispector me fará companhia neste mergulho transcendental. Relacionar a escrita acadêmica com uma metáfora me ajuda a deixar o processo de pesquisa mais leve e prazeroso. Por ser um caminho solitário, existem várias formas de preencher essa solidão com leituras de muita solitude. Praticando yoga – estava iniciando uma aula em que o professor sempre lê parte de algum livro. Então ele leu um trecho do livro de Clarice. O livro me encantou já pelo nome *Água viva*, o que para mim é um fato real. A água é viva e me traz vida.

A pesquisa está diretamente ligada à água como elemento da natação e de momentos transcendentais, o livro é ligado à água de forma poética e encantadora. Um dos caminhos para o leitor conseguir entender e sentir o que pretendo transmitir é se deixar levar pela parte mais sensível de seu ser, se deixar levar pela intuição. Aquele que chega com muita razão e racionalidade terá mais dificuldades de entender o que quero dizer com a natação como contribuição para a transcendência do ser. Mas ele também terminará a leitura com o olhar um pouco mais sensível para a natação.

Transcender é escapar à experiência do princípio determinista clássico de negar a existência humana. “É quando uma situação é logicamente impossível que surge o novo e se opera uma criação, os quais transcendem sempre a lógica” (MORIN, 2003, p. 132). Ademais,

Ela exprime nosso ser-no-mundo, fala-nos do indizível, leva-nos ao limite do êxtase, lá onde se atenua a influência irremediável do tempo e do espaço. Tudo o que surge de essencial no pensamento abre um buraco na história, retroage no passado até as origens, mergulha em nossos abismos, projeta-se para além do futuro (MORIN, 2003, p. 107).

Vem da concepção complexa do sujeito, da sua pluralidade, autonomia, noção de autoprodução, de reconhecer suas potencialidades. É romper com o óbvio, avançar numa complexificação que transforma a realidade concreta e abstrata, ir além; é soltar a imaginação, a criatividade, a espontaneidade para um infinito de possibilidades que a consciência humana possui.

O capítulo um tem início com Clarice nos² dizendo sobre o medo do próximo instante, o instante já, que é o desconhecido; o que temos de real é o momento presente. O que se lê aqui é o momento que se tem presente, as próximas linhas são incertas para você, isso é o instante já. Mesmo que esteja lendo esta introdução, só saberá o que escrevo se continuar a leitura e tornar esta escrita o seu momento presente até a última página.

Temos medo de adentrar essa atmosfera líquida de emoções, sentimentos e afetos pela natação e pelo ser humano. Respirando fundo, puxando o ar devagar e soltando mais lentamente, nos unindo a autores e autoras, teremos oxigênio para fazer essa viagem pelo desconhecido e assim descreveremos esse universo para vocês que escolheram estar conosco nesse mergulho.

Abro o trabalho com a metodologia para que possam se situar no tempo da pesquisa e compreender os mergulhos que faremos juntos, sendo guiados por métodos qualitativos, exploratórios, complexos e transdisciplinares. A metodologia nos convida a saltar de pontacabeça na aventura que é nadar e superar barreiras impostas pela sociedade. Mergulharemos fundo no referencial teórico, conhecendo sobre movimento humano, natação, corporeidade, natação paralímpica, epistemologia da complexidade, criatividade, formação do sujeito cognoscente, transcendência do ser e cultura corporal de movimento.

A pesquisa de campo, que na verdade é pesquisa de água, se dará em uma associação de atletas paralímpicos – APAF. Faremos uma entrevista com três atletas de natação paralímpica, um de cada classificação, seguindo as classificações do Comitê Paralímpico Brasileiro, sendo um atleta com limitações físico-motoras, um atleta com deficiência visual e um com deficiência intelectual. Foram elaboradas sete perguntas para o grupo para que respondam livremente. As perguntas estão relacionadas à natação como forma de transcendência individual, fonte de vida e superação de limites.

No capítulo dois, começo falando sobre o movimento humano, faço um apanhado sobre o movimento humano, a corporeidade, a natação, a subjetividade e a água. Aprende-se a engatinhar, ficar em pé, andar, correr, nadar, para quê? De início era para a sobrevivência humana, e, à medida que as civilizações foram se constituindo, o movimento começou a ser explorado como ferramenta de trabalho, e, para compensar essa exploração, se começou a buscar movimentos para saúde, lazer, diversão, interação social.

² Ao longo da dissertação, a primeira pessoa do plural (nós) também será utilizada, especialmente com a intenção de expor experiências universais, ligadas ao ser humano como um todo, mas também quando couber a enunciação a partir do plural majestático, comum ao pesquisar, por se saber que o estudo resulta da colaboração entre a pesquisadora e seu orientador.

Ao alienar o movimento humano ao modo de produção capitalista, aliena-se também a cultura corporal de movimento. Buscando nas raízes humanas, o movimentar-se com danças, esportes, práticas corporais sempre existiu. Quando se leva essas práticas para os interesses do capital, se tornam meio de dominação do ser, desintegram-se o corpo e a mente e se exclui a subjetividade humana em prol do controle dos corpos, da padronização para serem ferramentas de trabalho. Os autores M. D. Alves (2015), G. Bachelard (1998), Y. Berge (1986), E. Kunz (2015), M. C. Moraes (2004), E. Morin (2003, 2015, 2010), J. H. S. Suanno (2014) e La Torre (2004) nos sustentam para darmos esse breve mergulho na subjetividade humana por meio do movimento corporal.

Compreender a subjetividade é algo complexo, não se definem em palavras conceitos concretos. A subjetividade humana é um vazio quântico que, segundo Moraes (2014, p. 30), “está cheio de energia, potencialidades e possibilidades. É o mundo da criatividade, da emergência, da mudança, da auto-organização, da transcendência, onde tudo está em movimento, em processo de interação constante”.

Aprofundando mais sobre a subjetividade humana, trago um tópico sobre a água e a subjetividade humana, que se inicia no ventre materno, onde ficamos envolvidos pelo líquido amniótico por nove meses.

Sustentada por esses autores, abro o tópico sobre a natação e as lentes que a enxergam para além do corpo físico. Fazemos mais um mergulho sobre a história da natação e alguns sentidos subjetivos para o ser humano que ela pode oferecer. Andries Junior (2008), Dalla Déa (2003, 2013), Catteau e Garoff (1990) e Kunz (2006, 2014) são agora o nosso cilindro de oxigênio para conseguir chegar a esses aspectos mais profundos do nadar. Por fim, fecho o capítulo dois investigando a natação paralímpica e sua importância para a reabilitação e sobrevivência de pessoas com deficiência.

No capítulo três, inicio falando sobre a epistemologia da complexidade e como ela nos ajuda a ampliar as dimensões de enxergar a vida humana e da natureza. Busco ampliar os saberes para o que é externo e interno a nós e nos auxilia na busca sobre o que é transcendência, buscando, a partir dos princípios organizadores do pensamento complexo, quais se identificam com a religação de saberes e a reintrodução do sujeito cognoscente na construção de seu próprio conhecimento.

Sigo falando sobre a formação do ser humano a partir da teoria da complexidade e da concepção de Edgar Morin (2000, 2005, 2015) sobre a formação desse sujeito. Por fim, abordo a ligação do sujeito a partir da teoria da complexidade com a cultura corporal de movimento e a transcendência do ser com deficiência física quando está em contato com a água.

Lispector (2020) nos alimenta a alma com suas palavras, como um combustível para seguir investigando aspectos que antes estavam ocultos sobre o nadar, sobre o estar no meio líquido, sobre a transcendência, sobre a pessoa com deficiência que pratica natação. Mergulhar nesse universo é reconhecer que nada sei e que estou fabricando não sei o quê, o que sei é que se pode ir pesquisando, que se pode investigar. No caso deste texto, é possível nadar, mergulhar, respirar e flutuar nesses infinitos saberes da compreensão e da incompreensão que movem a vida humana.

O capítulo quatro é elaborado com a apresentação, a discussão e a análise dos dados levantados na pesquisa e, em seguida, no último capítulo, são apresentadas as considerações provisórias desta investigação fluida que segue um percurso sem que possamos concluí-la definitivamente, mas apenas provisoriamente. O que temos de realidade é o momento presente, o próximo segundo é desconhecido. Assim como a próxima linha escrita, o próximo capítulo é incerto para você, leitor. Por mais que façamos introdução e resumos, o que está escrito faz-se necessário ser lido e cada frase precisa ser sentida. Assim, te convido a entrar nessa aventura dissertada por pessoas com deficiência sobre a experiência de nadar, que normalmente são julgadas como fora dos padrões e desconectadas do normal.

Pergunta problematizadora

A natação contribui para a transcendência de atletas com deficiência?

Objetivo Geral

Analisar se a natação pode contribuir para a transcendência de atletas com deficiência.

Objetivos Específicos

- a) Investigar o que é transcendência do ser humano e de ser atleta com deficiência na natação;
- b) Reconhecer o sujeito criativo e integral por meio do pensamento complexo;
- c) Compreender as concepções pessoais sobre a natação paralímpica/paradesporto para os atletas da Associação Paralímpica do Futuro e as relações sobre transcendência de ser atleta com deficiência.

Justificativas

Particularmente, ao sentir a calma interior no meio líquido, por meio do nado, sendo professora e atleta de natação, percebo que esse momento vai além de uma prática corporal. Deixo de lado o trabalho, a rotina e os estresses diários para contemplar o momento presente e adquirir confiança no corpo que habito e na consciência do SER que habita um espaço individual e ao mesmo tempo coletivo. Aqui o SER é o sujeito que é complexo, indefinível, sustentável, ecológico, espiritual, psíquico, físico, com deficiência, multidimensional.

O nado é mais do que aprender a nadar Crawl, Costas, Peito e Borboleta, que são as principais modalidades competitivas da Natação. Buscando investigar o estado de transcendência do corpo na água, o que eu trabalho nesta dissertação é a expansão da consciência para além do corpo físico, corpo esse que é controlado e alienado dos seus cinco sentidos, que é robotizado por uma rotina aprisionadora.

No momento em que está na água, começa a se transformar e se libertar; através do movimento e da imersão no meio líquido, se aguçam as capacidades físicas, motoras, coordenativas e as capacidades mentais, psicológicas e transcendentais das pessoas com deficiência. A natação deixa de ser apenas deslizar de um lado para o outro dentro de uma piscina e entra no fluxo da vida. Csikszentmihalyi (1999, s/p) apud Moraes e Torre (2004, p. 5) descrevem essa sensação como uma “ação sem esforço, da energia psíquica em direção a algo que está sendo produzido realizado, algo que nos traz alegria, felicidade e profunda sensação de bem-estar”.

Dentro da água sentimos cada fio de cabelo sendo molhado, cada parte imergindo no líquido. Esse sentir é único, acontece entre a água e o corpo, a natureza e a consciência que construímos de nós mesmos, do mundo e da relação estabelecida entre nós.

Para o físico David Böhm (1991, p. 77), “não só todas as coisas estão mudando, mas tudo é fluxo”. Todos os objetos, eventos, entidades, condições, estruturas, etc., estão sempre em processo, sempre em fluxo. É como a água de um rio que flui, cuja a essência nunca é a mesma. O mesmo ocorre com os pensamentos, sentimentos, emoções e o próprio conhecimento que estão sempre em processo de mudança. (MORAES; TORRE, 2014, p. 59).

Na natação não poderia ser diferente. Ela é imaginada como atividade corporal que não se separa da espiritual, um corpo que é natureza e está nesta, e ao se movimentar sente o fluxo vital do cosmos. Berge (1986, p. 12) diz que “ao separar as práticas corporais das espirituais e não lhes conceder o mesmo valor” estamos cometendo um grande equívoco. Devem ser

consideradas pertencentes ao movimento humano, e ao nadar observamos “O corpo movendo-se com inteligência e sensibilidade, e o espírito encarnando-se, com argúcia, na expressão do corpo” (BERGE, 1986, p. 12).

A natação proporciona presença, nos distanciando das vozes em nossas mentes, que todos os dias nos atormentam, nos obrigam a pensar o que não queremos e não temos consciência disso, apenas pensamos, pensamos e pensamos. Fazemos isso como bons seres humanos alienados e distantes do fluxo da vida. O nadar me faz sentir o silêncio interior, a paz individual que tenho dentro de mim, me leva a sentir autoestima, da qual eu me distancio sempre que estou longe da natação.

Autoestima é a forma como nos sentimos acerca de nós mesmos e como estamos inseridos nos grupos sociais, afetando “crucialmente em todos os aspectos da nossa existência desde a maneira como agimos no trabalho, no amor e no sexo, até o modo como atuamos como pais, e até onde provavelmente subiremos na vida” (DALLA DÉA, 2013, p. 33).

Em nossa sociedade, a cultura de fragmentação da consciência ao corpo gera a negação das emoções, e esse hábito de não as expressar cria prisões em nossa mente que podem ocasionar grandes doenças sociais. Prova disso é que já se tem observado na atualidade uma sociedade doente em diversos âmbitos justamente por essa segmentação corporal. O sentir, o pensar e o agir estão completamente difusos e deveriam ser integrados para que flua a conexão corpo-mente.

Berge (1986, p. 12) resume, assim, as consequências desses equívocos que acontecem na sociedade:

1. Mau relacionamento consigo mesmo, comportando um duplo aspecto:
 - a) Mau relacionamento com o próprio organismo.
 - b) Mau relacionamento com a vida interior, isto é, com o fluxo vivo da criatividade e das imagens nascidas do inconsciente;
2. Mau relacionamento com a realidade física, tanto espacial (dificuldades) de orientação, de situar-se, de lateralidade) quanto temporal (dificuldades rítmicas);
3. Mau relacionamento com os outros.

Por trás desse conceito de fragmentação existe um potencial incrível de possibilidades, de abertura, de conhecimento e de desenvolvimento humano. Há dentro das aulas de natação a cultura de excluir a subjetividade humana, considerando-se os corpos ali presentes como puramente biológicos. Não os enxergam como seres sensíveis, subjetivos. Analisam máquinas, técnicas, resultados, desempenhos e deixam de lado o aspecto mais fluido da natação. A criatividade, a espontaneidade, a imaginação e a leveza ficam de fora do processo de ensino e estudo de alguns profissionais dessa área.

Abordo a seguir o que é de fato direito da pessoa com deficiência, segundo a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.

Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

Art. 4º Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação.

Art. 5º A pessoa com deficiência será protegida de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, tortura, crueldade, opressão e tratamento desumano ou degradante.

Art. 8º É dever do Estado, da sociedade e da família assegurar à pessoa com deficiência, com prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à sexualidade, à paternidade e à maternidade, à alimentação, à habitação, à educação, à profissionalização, ao trabalho, à previdência social, à habilitação e à reabilitação, ao transporte, à acessibilidade, à cultura, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à informação, à comunicação, aos avanços científicos e tecnológicos, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, entre outros decorrentes da Constituição Federal, da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo e das leis e de outras normas que garantam seu bem-estar pessoal, social e econômico.

Art. 28. Incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar:

IX - Adoção de medidas de apoio que favoreçam o desenvolvimento dos aspectos linguísticos, culturais, vocacionais e profissionais, levando-se em conta o talento, a criatividade, as habilidades e os interesses do estudante com deficiência;

Assim, é possível usar a natação como lente e enxergar as pessoas com deficiência para além do nível macrofísico, do nível do que é visível ou percebido pelos cinco sentidos, tratando-as como pessoas que possuem características físicas, motoras ou intelectuais como qualquer outra, dissolvendo o preconceito que é imposto sobre esses corpos desde o dia em que nasceram. Olhar a natação através das lentes do pensamento complexo possibilita a “Abertura do imaginário, imaginação criativa, da intuição, dos sentimentos, desejos e afetos que permeiam a corporeidade humana” (MORAES, 2014, p. 35). A autora enfatiza a necessidade de despertar a curiosidade para possíveis relações existentes entre eventos, coisas, processos e fenômenos que escapam à observação do senso comum.

Como, por exemplo, o respirar na natação, o qual acontece fazendo a inspiração pela boca (fora d'água) e a expiração (dentro d'água) pelo nariz, é diferente da forma como respiramos no cotidiano; esse movimento proporciona ao praticante a concentração de corpo inteiro para aquele momento, caso contrário entrará água pelo nariz ou pela boca. Outro exemplo é observar a pessoa tetraplégica que no ambiente terrestre depende de uma cadeira de rodas para se locomover e dentro da água possui autonomia, equilíbrio e leveza para ir de um lado para o outro. A água proporciona liberdade, força e equilíbrio para essas pessoas, reabilita o corpo para tentar ter mais consciência dos movimentos e assim autonomia para o dia a dia. O aluno ou a aluna precisa se abrir para uma conexão com aspectos íntimos do seu ser, como citado anteriormente por Moraes (2014).

Sendo assim, é necessária a compreensão de alunos e alunas sobre a importância do movimento corporal em direção à consciência autônoma do indivíduo. Para tanto, “a Educação Física deve, progressiva e cuidadosamente, conduzir o aluno a uma reflexão crítica que o leve à autonomia no usufruto da cultura corporal de movimento” (BETTI, 1994 apud BETTI; ZULLIANI, 2002, p. 75), sendo uma forma de abertura das gaiolas epistemológicas para que haja conexão entre o empírico e o concreto.

Assim como flui o rio na natureza, deveria fluir com leveza essa conexão entre a psiquê e a estrutura física, mas o que se reproduz na prática são os padrões de comportamento de uma sociedade alienada. Moraes (2014, p. 24) considera:

De um modo geral estamos afastando nossos alunos de suas necessidades vitais, ignorando suas histórias de vida, suas demandas pessoais. Estamos mergulhados na fragmentação que herdamos da modernidade e somos responsáveis por uma cultura escolar que não apenas está atingindo o aluno em seu processo de formação, mas também o professor, dificultando os processos de ensino-aprendizagem e comprometendo o acoplamento estrutural do sujeito com sua realidade, do indivíduo com seu meio.

Esse conceito é complementado por Sant'Ana, Sabota e Suanno (2017), que apresentam o ensino na complexidade, acerca de que diz Morin (2000) que o pensamento complexo exige religar o entrelaçamento que foi fragmentado e fazer com que certezas e incertezas interajam. Assim, “O pensar complexo também evoca a noção de que o ser humano é ao mesmo tempo biológico, cultural, físico, psíquico, social, histórico e espiritual, isto é, multidimensional, sendo que estas dimensões interagem entre si” (SANT'ANA; SABOTA; SUANNO, 2017, p. 175).

A natação é um processo educativo que tem seu espaço de ensino e aprendizagem; a sala de aula é a piscina; o corpo não precisa ficar preso em carteiras, e a atenção não é somente no professor. Dentro da água é preciso focar em si e em seus movimentos, caso contrário o

aluno afunda, se afoga e não sai do lugar. Segundo Maturana e Nisis (1995, p. 49 apud MORAES, 2014, p. 39):

Educar é um fenômeno biológico fundamental que envolve todas as dimensões do viver humano, em total integração do corpo com a mente e o espírito, lembrando que quando isto não ocorre se produz alienação e perda do sentido social e individual do viver/conviver. Educar é enriquecer a capacidade de ação e de reflexão do ser aprendente. É desenvolver-se em parceria com outros seres, desenvolver-se na biológica do amar que nos mostra que ‘o ser vivo é uma unidade dinâmica entre o SER, FAZER e o CONHECER’.

O olhar complexo para a natação comprova que educar vai além da escola e é mais do que ensinar quatro estilos de nado. Nadar é um momento de meditação, de sentir o interior e tornar o exterior algo leve e tranquilo de lidar. Esta pesquisa busca investigar na essência do SER o caminho das águas como meio de emancipar e ajudar a pessoa com deficiência a ser mais feliz, ter amor pela própria vida, ter mais autonomia, encarando os problemas e nadando contra as marés do cotidiano. Mestre Sato assinala:

Sem preocupação.
Esvazia completamente.
Percebe o cosmos.
E depois da ginástica,
Volte para si.
É o zero.
Percebendo.
De alma para alma,
De espírito para espírito.
Não se ensina,
Não se vê.
Tem que perceber.
Zen é percepção,
É ação.
Percepção e
Aperfeiçoamento da sua personalidade original.
(2000, p. 34 apud FIGUEREDO, 2000, p. 34).

1 METODOLOGIA

Tenho um pouco de medo: medo ainda de me entregar pois o próximo instante é o desconhecido. O próximo instante é feito por mim? Ou se faz sozinho? Fazemo-lo junto com a respiração.

(Clarice Lispector, 2020, p. 7)

Mergulharemos fundo em relatos de si sobre o corpo deficiente a partir de um padrão socialmente aceito. Um mergulho no meio aquático, sem medo e sob a luz da epistemologia da complexidade, que margeia o nosso caminho.

1.1 Abordagem qualitativa

A abordagem qualitativa é uma abordagem no âmbito da pesquisa social que não se preocupa em quantificar os dados, mas sim em responder perguntas particulares e subjetivas de determinados fenômenos. A pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado e trabalha com o universo de significado e significados subjetivos. Desse modo, “Motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001, p. 20).

Através da abordagem qualitativa, procuramos compreender como a natação reverbera na consciência dos alunos e das alunas de acordo com a perspectivas que vivenciam. Para Bogdan e Biklen (1994), tal abordagem considera que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é repetido, que tudo tem potencial para traçar novos caminhos, permitindo estabelecer olhares mais esclarecedores acerca do nosso objeto de estudo. Para os autores, a investigação qualitativa possui cinco características, a saber:

1. Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.
2. A investigação qualitativa é descritiva.
3. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.
4. Investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva.
5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 48-50).

Palavras, falas, expressões corporais e imagens são fontes de dados mais importantes do que os números, pois “Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais” (BOGDAN;

BIKLEN, 1994, p. 48). Busca-se, também, analisar as fontes de dados de forma integral e agindo com respeito para manter a originalidade do que é transcrito para a pesquisa.

As análises de dados são feitas em conexão com os objetivos e as considerações construídas de forma livre e subjetiva. Não se preocupam em formar hipóteses ou conclusões engessadas sobre o tema. Nas palavras dos autores Bogdan e Biklen (1994, p. 50):

Os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas. Por outras palavras, os investigadores qualitativos preocupam-se com aquilo que se designa por perspectivas participantes (Erickson, 1986; ver Dobbert, 1982, para uma perspectiva ligeiramente diferente). Centram-se em questões tais como: Quais as conjecturas que as pessoas fazem sobre as suas vidas? O que consideram ser ‘dados adquiridos’?

Segundo os autores, a pesquisa qualitativa não acontece através de análises de dados, inclui uma atividade de intuição e participação importante na expansão da consciência humana. Fazendo uma analogia com a natureza, é como se a pesquisa qualitativa fosse um rio que segue seu fluxo natural dentro da mata, sem interferência dos concretos das cidades, pois a água do rio apenas segue o percurso natural para desaguar em algum mar.

Segundo Gil (2008), os dados são segmentados, isto é, subdivididos em unidades relevantes de significado, mas que mantêm conexão com o todo. Para tanto, “a análise de dados só termina quando os novos dados nada mais acrescentam quando entram num estado de saturação” (GIL, 2008, p. 179). Ainda imaginando o fluxo do rio, às vezes a água desse rio abre os braços, segmenta-se em pequenos riachos e caminhos dentro da mata para nutrir outras regiões e no final toda a água chega a um só lugar, o mar. Os procedimentos não podem ser mecanicistas, necessita-se de um seguimento subjetivo e humano. Assim, “Embora se reconheça a importância de um arcabouço metodológico sólido, não se pode dispensar a criatividade do pesquisador. Cabe-lhe muitas vezes desenvolver a sua própria metodologia” (GIL, 2008, p. 177), e, com isso, deixar fluir a consciência do pesquisador sob a pesquisa:

Para interpretar os resultados, o pesquisador precisa ir além da leitura dos dados, com vistas a integrá-los num universo mais amplo em que poderão ter algum sentido. Esse universo é o dos fundamentos teóricos da pesquisa e o dos conhecimentos já acumulados em torno das questões abordadas. Daí a importância da revisão da literatura, ainda na etapa do planejamento da pesquisa (GIL, 2008, p. 179).

Assim como “água mole em pedra dura tanto bate até que fura” (ditado popular brasileiro), a criatividade humana é fluida e necessita expandir seu fluxo vital, desfragmentar pensamentos e unificar conceitos para que se possa produzir uma pesquisa sustentável e conectada com o cosmos. Vários autores reconhecem que o processo de ensino e aprendizagem

“é um fenômeno holístico com implicações biológicas e ambientais que repercutem em todas as dimensões do humano (mente, corpo, espírito), sem as quais se produz alienação e perda de sentido social e individual no viver.” (MORAES; TORRE, 2004, p. 67).

O pensamento complexo nos sustenta para ir além nesse universo teórico da pesquisa. Sustenta e direciona para um caminho em que não existe fim, é amplo e integrado a todos os seres, cria um ambiente de aceitação e respeito pelos conhecimentos que nos são apresentados, oportunizando novas interpretações e conexões criativas e de infinitas possibilidades de aprendizagem.

Para Maturana (1999), educar é configurar um espaço de convivência, é criar circunstâncias que permitam o enriquecimento da capacidade de ação e reflexão do ser aprendente. É criar condições de formação do ser humano para que se desenvolva em parceria com outros seres, para que aprenda a viver/conviver e afrontar seu próprio destino, cumprindo a finalidade de sua existência (MORAES; TORRE, 2004, p. 67).

Pesquisar não somente para ampliar os estudos acadêmicos sobre determinado assunto, mas, sobretudo, para a expansão da consciência e do espírito humanos. Para que o ser possa se conectar com o que tem de mais divino e sagrado dentro de si. Ir além da ciência repressora e fragmentada e assim se reencontrar com o coração de cada pesquisador e o que os move para estar ali. Reconhecer a multidimensionalidade que nos trouxe até aqui e que não acaba numa dissertação. Cada pessoa, quando entra em contato com essa leitura, produz uma infinidade de interpretações e passa a ampliar cada vez mais as interpretações e reflexões em torno dessa busca.

1.2 Pesquisa do tipo exploratória

De acordo com Gil (2008), pesquisas exploratórias seguem um percurso de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, visando um futuro de novas pesquisas com problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis. Nesse contexto,

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis (GIL, 2008, p. 27).

Trata-se de um tipo de pesquisa que exige mais flexibilidade no planejamento, pois, no desenvolver da investigação, o rumo pode mudar. Assim como pode mudar o curso do rio

conforme acontecem as mudanças no solo, algumas ideias podem ser reformuladas pela pesquisadora no desenrolar da investigação.

Quando o tema escolhido é bastante genérico, tornam-se necessários seu esclarecimento e delimitação, o que exige revisão da literatura, discussão com especialistas e outros procedimentos. O produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados (GIL, 2008, p. 27).

Para Severino (2016), a pesquisa exploratória levanta informações sobre o objeto, mapeando assim um campo de trabalho com as condições de manifestação desse objeto. Permite que os dados sejam explorados de várias formas e direções para que o objeto e o problema da pesquisa sejam investigados e, desse modo, criem também hipóteses e deduções sobre uma dada temática.

A água doce vai em direção ao mar, procura caminhos para seguir o seu fluxo, explorando vegetações, solos, caminhos diferentes para trilhar. Marconi e Lakatos (2021, p. 78) dizem sobre as investigações exploratórias:

1. Desenvolver hipóteses. 2. Aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno para a realização de uma pesquisa futura mais precisa. 3. Modificar e clarificar conceitos. Uma variedade de procedimentos de coletas de dados pode ser utilizada, como entrevista, observação participante, análise de conteúdo, para estudo relativamente intensivo de um pequeno número de unidades, mas em geral sem o emprego de técnicas probabilísticas de amostragem.

Elas possuem o objetivo de formular questões ou problemas com tripla finalidade. Como argumentam Gil (2008), Severino (2016) e Marconi e Lakatos (2021), as pesquisas de caráter exploratório investigam, de maneira ampla e precisa, novos caminhos e hipóteses para os conceitos, problemas e objetivos da pesquisa, deixando assim o campo aberto para explorar a natação, a epistemologia da complexidade e a transcendência. Buscando em relatos de pessoas com deficiência, sobre a natação, temos um amplo espaço para análise de dados, através das falas fizemos muitas interpretações sobre a experiência de nadar. A pesquisa é exploratória nesse sentido de não ter definido o que se espera das respostas de cada participante.

1.3 Campo da pesquisa

Para Severino (2016), o objeto de pesquisa deve ser abordado em seu meio ambiente próprio. Para tanto, “A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados sem intervenção e manuseio por parte do

pesquisador.” (SEVERINO, 2016, p. 131). Neste estudo, a pesquisa de campo acontecerá de forma presencial com atletas da equipe de natação paralímpica APAF.

Conforme Gil (2008), os estudos de campo procuram o aprofundamento das questões propostas mais do que a distribuição das características sobre os objetivos escolhidos. E, assim, “Como consequência, o planejamento do estudo de campo apresenta muito maior flexibilidade, podendo ocorrer mesmo que seus objetivos sejam reformulados ao longo do processo de pesquisa” (GIL, 2008, p. 57).

Através da pesquisa de campo, consegui me aprofundar nas questões levantadas sobre a natação e a transcendência por meio da epistemologia da complexidade. Dessa forma, a partir de entrevistas, os participantes falaram livremente sobre o seu contato íntimo com a natação. Assim como a água penetra na terra para nutrir as plantas, por meio da pesquisa de campo consegui elementos que fortaleceram a investigação para além dos dados teóricos.

Para Bogdan e Biklen (1994), o termo trabalho de campo lembra algo ligado à terra. É, assim, uma forma de a investigação se desenvolver com mais proximidade com o objeto por ser um lugar que a pesquisadora tem frequentado por grande parte da sua vida e já tem um tempo de observação grande em torno do fenômeno nadar. Através da observação das aulas, é possível também captar informações, oportunizando reflexões e conteúdo vivo para a coleta de dados da pesquisa, para além das entrevistas. E, com isso, “Pode dizer-se que a relação estabelecida no trabalho de campo se adequa melhor observação participante e, mesmo aí, este ideal, tal como o descrevemos, nunca é alcançado” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 112).

O contato da pesquisadora com a água possibilita a expansão de possibilidades para levantar questões sobre esses atletas que conseguem de alguma forma transcender a deficiência física e se fortalecer na vida através do esporte Natação. Estar em contato próximo com a natação é como se o solo da terra já estivesse arado para que a água possa penetrar e ir às seivas das plantas.

O local desta pesquisa é a Associação Paralímpica do Futuro (APAF). Mas o que é a equipe APAF?

Associação Paralímpicos do Futuro, a APAF é de interesse social, atua sobre a causa da pessoa com deficiência, oferece atividades de forma gratuita, tem na sua diretoria pessoas idôneas e é legalmente constituída conforme apresentação de documentos aqui presentes (APAF, 2020, s/p).

Hoje trabalham na APAF mais de dez profissionais envolvidos, levando em conta estagiários, profissionais de educação física e fisioterapia, acompanhantes e todo o seu membro diretivo que trabalha de forma gratuita e constante na busca do desenvolvimento da Associação.

1.4 Participantes da pesquisa

Esta pesquisa tem como participantes 3 (três) atletas indicados pela APAF, um de cada deficiência, sendo elas: deficiência física, visual e intelectual. A pesquisadora realizou uma visita à APAF no período da manhã, na terça-feira, dia 6 de dezembro de 2022. A entrevista aconteceu após os atletas assinarem o TCLE, uma hora antes de começar o treino dos atletas, evitando conflito da prática do esporte com os interesses da pesquisa.

1.4.1 Descrição dos entrevistados

Segundo o comitê paralímpico brasileiro as classes dos atletas sempre começam com a letra S (swimming). Quanto maior o grau de comprometimento, menor o número da classe, de de 1 a 10 atletas com limitações físico-motoras, de 11 a 13 atletas com deficiência visual e 14 atletas com deficiência intelectual.

- **Nome:** Manir Ferreira Filho – Gênero Masculino - Classificação: S6 – Paralisia do lado direito dos membros superiores e inferiores.

Idade: 64 anos, nada desde sempre e compete desde 1994.

- **Nome:** Anderson Luiz Souza Calai – Gênero Masculino – Classificação: S12 – Deficiência visual com 50% da visão comprometida

Idade: 22 anos – nada desde criança – compete desde os 14 anos

- **Nome:** Diego Vieira de Oliveira – Gênero Masculino – Classificação – S14 – Síndrome de Down.

Idade: 24 anos – nada desde criança – compete desde os 17 anos

1.5 Instrumento de levantamento de dados

Escolhemos a entrevista como caminho para o levantamento de dados por ser uma técnica que proporciona observar mais de perto os sentimentos vividos pelo nadar desses atletas da paranatação. Segundo Gil (2008), essa é uma abordagem em que o investigador formula

perguntas direcionadas aos objetivos da pesquisa para que o entrevistado responda, sendo, portanto, uma forma de interação social, “mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação” (GIL, 2008 p. 109).

Há vários tipos de entrevistas. Falando especificamente em investigações qualitativas, segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 136), podem ser de duas formas:

Podem constituir a estratégia dominante para a recolha de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas. Em todas estas situações, a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo.

Há dois principais tipos de entrevistas, a aberta e a fechada. Marconi e Lakatos (2003) definem como padronizada ou despadronizada. “Padronizada ou fechada, é aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 195). A despadronizada ou aberta tem “Liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. As perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversa informal.” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 195).

Podemos dizer que existem também as entrevistas mistas, aquelas que possuem um direcionamento de perguntas e formulários; à medida que a entrevista acontece, é possível sair do roteiro e deixar que as respostas e perguntas surjam espontaneamente.

Escolhemos essa estratégia para que os/as atletas se sentirem mais à vontade e assim enriqueceram nossa pesquisa com respostas espontâneas sobre emoções, percepções e sentimentos acerca da importância da natação em suas vidas. Utilizamos estratégias para que os entrevistados não respondessem apenas ‘sim’ ou ‘não’, pois se perderia a essência do que estamos buscando. O objetivo dessas entrevistas foi de ampliar os conhecimentos sobre o nadar. Assim como a largura do rio Amazonas chega a ser 5 km em alguns pontos, queremos que os dados obtidos se percam de vista e nunca parem de se ampliar.

Definimos um roteiro (APÊNDICE A) contendo sete perguntas direcionadas para os atletas. Foi uma conversa na qual responderam abertamente as perguntas. Para fins de registro, seja a entrevista presencial ou remota. O conjunto dos registros permitirá enriquecer o tratamento e a análise dos dados.

Para que a entrevista fosse fluida, transparente e potável como as águas de uma mina, lemos e ouvimos cuidadosamente cada palavra dita ou escrita pelos entrevistados. Um trabalho de paciência e sabedoria para reunir as peças, como num quebra-cabeças, e nesse âmbito se “Encare cada palavra como se ela fosse potencialmente desvendar o mistério que o modo de cada sujeito olha para o mundo” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 137). Antes de fazer a entrevista o projeto de pesquisa foi aprovado pelo comitê de ética e seguimos criteriosamente todas as normas para resguardar a privacidade e segurança dos atletas entrevistados.

Fazer essas entrevistas foi um momento enriquecedor para mim enquanto pesquisadora e praticante de natação. Tive a oportunidade de escutar os atletas falarem sobre a importância da água e da natação para suas vidas. Foi uma conversa espontânea em que rimos, tiramos fotos, fizemos piadas, um momento de descontração e ao mesmo tempo de produção científica do mais alto padrão. Teve duração média de uma hora, sendo 20 minutos com cada atleta.

Estar com esses atletas, pessoas com deficiência, é uma grande oportunidade de me desconstruir e reconstruir enquanto professora e estudante de educação transdisciplinar. Eles me instigam a repensar minhas práticas e ampliar minha didática, pois mesmo as pessoas que não possuem alguma deficiência são pessoas que possuem características diferentes das minhas. Esses atletas me fazem pensar o quanto padronizamos os corpos e as habilidades humanas e exigimos movimentos normativos que se adequam a espaços e equipamentos escolhidos para as práticas esportivas.

Atualmente, em qualquer situação onde o esporte é praticado e independente dos motivos que levam a essa prática, seja pelo lazer, pelo rendimento ou Educação Física Escolar, a tendência é pela normatização e padronização dessas práticas, impedindo assim que um horizonte de outras possibilidades de movimentos possa ser realizado. Isto coíbe, inclusive, uma participação subjetiva dos indivíduos nas práticas do esporte (KUNZ, 2010, p. 23).

Elaboramos as perguntas pensando em reflexões que os instigassem a pensar sobre a importância da natação, da água, do convívio social para a sua subjetividade, espiritualidade e sobrevivência, e as respostas dos entrevistados são falas não somente deles, mas de todo um público que normalmente não é visto e escutado dentro da Educação Física.

Nesse processo de racionalização por que passa o esporte nos padrões e nos princípios da civilização industrial, o movimento realizado se reduz a ações regulamentadas e padronizadas que se orientam em grandezas mensuráveis e abstratas. Os movimentos são realizados de forma independente das próprias vivências subjetivas de medo, esperança, alegria etc., dos praticantes. As categorias “Instrumento” e “Função” são as mais importantes. O corpo é entendido unicamente como um instrumento que quando bem ajustado pode trazer bons rendimentos, e o movimento é entendido apenas pela sua funcionalidade técnica (KUNZ, 2010, p. 25).

Concluo esta seção com a citação de Elenor Kunz (2010) e apresento a próxima em que teorizo movimento humano, a subjetividade da água, a natação e o paradesporto, de forma a ampliar o conhecimento sobre os assuntos escolhidos para responder as questões levantadas nesta dissertação.

2 MOVIMENTO HUMANO, CORPOREIDADE, ÁGUA E NATAÇÃO

Cada coisa tem um instante em que ela é.
(Clarice Lispector, 2020)

Na seção anterior, apresentamos a metodologia da pesquisa a partir de um caminho qualitativo e exploratório, com o objetivo de analisar a natação como contribuição para a transcendência de atletas com deficiência, e para seguir esse caminho precisamos investigar o que é transcendência do ser humano e ser atleta com deficiência, buscar o que é um sujeito criativo e integral por meio do pensamento complexo e, por fim, compreender as concepções pessoais sobre a natação paralímpica de três atletas da Associação Paralímpica do Futuro e quais são suas relações sobre transcendência de ser atleta com deficiência.

Por meio de entrevistas estruturadas com sete perguntas de respostas subjetivas, entramos em contato com esses atletas e registramos suas respostas sobre o contato com a água, a natação e suas subjetividades. Para embasar e sustentar teoricamente essas respostas, abrimos o capítulo dois falando sobre a importância do movimento corporal para a evolução humana, o que é corporeidade, a subjetividade da água e a evolução da natação até chegarmos à pessoa com deficiência.

2.1 Importância do movimento corporal

O movimento do corpo tem sua importância para a evolução humana, e para iniciar buscamos o significado e as definições de movimento no Dicionário Priberam de Língua Portuguesa (2008), no qual movimento é definido como “ato ou efeito de mover ou de mover-se; deslocação; Mudança de lugar ou de posição; Evolução; Agitação; Animação; Revolta; Sedição; Giro; Gesto; na astronomia, Marcha dos corpos celestes” (PRIBERAM, 2008, s/p).

Se acrescentarmos a palavra humano, fica mais complexo definir ou explicar o que é movimento humano. Relacionar esse entendimento dentro de uma perspectiva estudada na pedagogia do movimento corporal nos ajuda a compreender melhor o significado de movimento humano. Segundo Souza Neto et al. (2003, p. 2), movimento humano “significa tratar do ato motor, conduta motora, que move este corpo e de como este pode ser trabalhado, considerando os conhecimentos/saberes provenientes desta motricidade humana.”

Existem os movimentos dos seres inanimados, como vegetais, natureza, plantas, flores, frutos, que são lentos e muitas vezes para serem perceptíveis é preciso uma análise longa e microscópica, a depender da situação observada. A expressão corporal nos diferencia desses

seres vivos. Para Alves e Silva (2018), o movimento está ligado à sobrevivência das espécies, e o movimento humano faz parte da evolução e transformação humana. Assim, “caminhamos, corremos, nadamos e escalamos no intuito de caçar um animal para alimento, guerrear contra outros povos, colher frutos, entre outras coisas” (ALVES; SILVA, 2018, p. 2). Com isso, o movimento humano é uma força que o corpo faz em direção a um objetivo, seja ele consciente ou inconsciente.

O movimento humano sempre foi retratado através das artes e literaturas antigas, desde os homens das cavernas, o período da Grécia Antiga, o Império Romano e o Cristianismo. É alvo de análise e centro das atenções de estudos ao longo da história humana. O filósofo grego Aristóteles reconheceu o caráter instrumental do corpo e da alma ao considerar que o corpo não era mero instrumento inanimado para a alma que o animaria, o movimento aqui é tratado como liberdade para a consciência. Silva e Alves (2018, p. 4) trazem o corpo humano pelo viés cristão imaculado, puro, fruto de bênção e glorificação ao afirmarem que “O corpo esteve envolto nas questões das dinâmicas das sociedades, fosse sagrado ou profano”.

O ser humano como um “ser no mundo” é a presença de um corpo fenomenológico, e o corpo é o lugar onde acontece o fenômeno da vida, para Merleau Ponty (2006). No período pós-Revolução Industrial, o corpo começa a ser fragmentado, e o movimento se torna um meio de controle dos corpos para produzir resultados e objetivos direcionados para a produção industrial.

A ciência moderna investe tempo e dinheiro para o desenvolvimento tecnológico e de rendimento dos corpos. Para Kunz (2010, p. 24), “Nas sociedades atuais, com a modernização tecnológica e com a indústria cultural, os homens passam a ser, pelas possibilidades e sua própria existência, alienados.”

Criam-se hábitos para que os corpos possam se manter saudáveis e fortes para o trabalho. Nesse período o corpo está sendo fragmentado e estudado pela ciência moderna de várias formas para defini-lo e torná-lo perfeito. A medicina e a educação física conversam através de um ensino tecnicista para que o movimento humano seja totalmente controlado e direcionado para os interesses do capital.

Segundo Kunz (2010), para alguns estudiosos da “teoria crítica” da Escola de Frankfurt, isso tem se demonstrado principalmente na interação com a classe trabalhadora nas sociedades industriais. Com essas mudanças da modernidade, o movimento humano muda a direção de movimentos dinâmicos, livres e conectados com a natureza (o campo) e migra para movimentos repetitivos e mecânicos. O ser humano se vê, assim,

Submisso aos ditames da máquina e da aparelhagem técnica, que não lhe possibilita mais nenhum espaço para iniciativas próprias, autodeterminações e atividades criativas. Nesse sentido ele é oprimido para assumir apenas uma forma de conduta, para as reações padronizadas e estereotipadas (KUNZ, 2010, p. 24).

É necessária a criação de lugares para que as pessoas possam se divertir, ter lazer. O lazer entra como um movimento social que oferece o direito de se divertir, se expressar, brincar, socializar, para além das automações que a Revolução Industrial trouxe. O esporte aparece como um movimento corporal de liberação de energia acumulada pelo trabalho, como ferramenta de promoção da saúde e do bem-estar. As práticas corporais direcionadas são valorizadas para que o corpo possa se recuperar e continuar os trabalhos do cotidiano.

O ser humano, tendo delegado às máquinas muitas de suas tarefas, passa a (con)viver com uma inusitada situação, ou seja, a do preenchimento qualitativo do tempo livre entendido, neste estudo, como aquele tempo no qual predomina uma satisfação pessoal decorrente do fazer algo prazeroso, descansar, contemplar ou, simplesmente, nada fazer (DE GÁSPARI, 2005, p. 1 apud ALVES; SILVA, 2018, p. 3).

Nesse período começaram movimentos de instrumentalização das práticas esportivas e corporais. O olhar capitalista também se voltou para as danças, os esportes, as ginásticas. Bourdieu afirma que houve ambientação para “as condições sociais que tornaram possível a constituição do sistema das instituições e dos agentes direta ou indiretamente ligados à existência de práticas e de consumos desportivos” (1983, p. 182 apud ALVES; SILVA, 2018, p. 5). O ser humano possui como necessidade vital se movimentar. Sem o movimento não evolui a consciência e nem se mantém saudável. Os interesses da indústria capitalista são que a classe trabalhadora tenha força de trabalho, então direciona o olhar para academias, clubes, centros esportivos com o intuito de trazer saúde.

Até aqui entendemos que o foco do movimento humano está direcionado para esportes que foram controlados pela cultura capitalista. Se aprofundarmos um pouco mais, veremos que os esportes foram inspirados nos povos originários de cada cultura e que houve um branqueamento dessas práticas corporais. Nesse âmbito, não podemos resumi-las apenas a esses fatos históricos, pois temos o movimento dos povos originários de cada país e enraizados na cultura do planeta Terra, em especial os movimentos corporais das africanidades.

Falando mais especificamente, os povos indígenas já possuíam seus jogos, danças, práticas corporais de lazer muito antes da Revolução Industrial. Como exemplo na atualidade, há o Comitê Intertribal Indígena, que, com o apoio do Ministério dos Esportes, organizou a primeira edição dos Jogos dos Povos Indígenas em 1996 e tem como objetivo a integração das diferentes tribos, assim como o resgate e a celebração dessas culturas tradicionais da

humanidade. Nesse evento reúnem-se povos de toda a América que apresentam suas danças e seus rituais e disputam jogos que são das tradições indígenas, como o ako, futebol utilizando a cabeça; o cabo de guerra; a peteca; a corrida com a tora; a natação, entre outras que são criações dos povos originários das Américas.

Aprofundando mais a história do movimento humano, chegamos à cultura africana, com sua população que sempre foi explorada pelas classes dominantes e era colocada como escrava para servir. Eles construíram cidades, estádios, igrejas, templos, tudo fruto dessa histórica escravidão. Especificamente no Brasil, o povo africano foi muito explorado, homens para serem mão de obra e mulheres para serventes das mulheres brancas.

Mesmo com tanta repressão e exploração, deixaram sua cultura e miscigenação que é o povo brasileiro. Pode-se dizer que o movimento corporal do brasileiro possui suas raízes na África e nos povos indígenas.

Temos constatado que a vida do africano se dá numa diversidade complexa e integrada em todos os sentidos que dela fazem parte. A expressão corporal, por exemplo, faz parte da sua vida como o próprio movimento da natureza e do viver. O africano canta e dança nos diversos eventos da comunidade a que pertence, e das mais variadas formas que a criatividade e a espiritualidade lhe concedem, mas, especialmente para celebrar a vida! (GUERRA, 2008, p. 1).

A atual civilização do século XXI se faz responsável por uma desconexão do movimento corporal como atividade de expressão, conexão e resgate cultural. O que vemos é uma instrumentalização do corpo profundamente desafinada com a essência humana. Surgem algumas questões sobre essa desconexão: somente quem tem consideráveis recursos financeiros pode praticar esportes? Pode conhecer sobre danças? Pode fazer uma prática esportiva que lhe agrada?

O nosso corpo é vivo, e o movimento humano é um fenômeno de expressão cultural, de memórias, tradições, criação, imaginação, contemplação, pois:

Todo ser humano tem uma inerente necessidade de se-movimentar. A criança sabe muito bem disto e busca incessantemente atender essa necessidade básica e que realiza de melhor forma no brincar. O brincar pode ser o ato mais espontâneo, livre e criativo e por isto possibilita um momento privilegiado para o desenvolvimento integral de seu SER. Impedir essa possibilidade é, segundo Kunz (2015), uma '*lebensentzug*' (com base em zur lippe, 1987), extração de vida sem morrer (KUNZ, 2015, p. 14).

Assim, faz-se necessário movimentar-se para a expressão de sentimentos, emoções, criações. Todos esses fatores, quando estão reprimidos, podem nos causar sérias doenças e

traumas psicossomáticos. Pensando o ser humano em suas dimensões física, psíquica e espiritual, Berge (1986, p. 13) diz o seguinte:

Psicologicamente, isso traz pesadas repercussões: quanta timidez e inibição se cristalizam a partir de uma falta de jeito gestual que poderia ter sido passageira; o ambiente reforça-as e, frequentemente, torna a situação dramática. A harmonia entre nossa inteligência, nossas sensações e nossas necessidades elementares é perturbada pela vida moderna. Esta desordem psicossomática, cada vez mais frequentemente, se traduz por tensões nervosas, tiques, movimentos incontrolados, fixidez ocular, perturbações respiratórias ou cardíacas, angústias de todo tipo, sono agitado.

O movimento humano é importante para a evolução da espécie humana, e com isso podemos fazer análises filosóficas, ontológicas, antropológicas, sociológicas, físicas. Tudo remete ao mesmo ponto: “Quanto menos nos movimentamos, menos temos vontade de nos movimentar” (BERGE, 1986, p. 13). E o movimentar-se é uma atitude de evolução e preservação da espécie humana.

A cultura influencia diretamente nas formações orgânica e inorgânica do corpo. Para a existência do corpo, é necessária a existência de uma sociedade. Constituir a subjetividade do indivíduo implica materializar a sua constituição corporal, e, conseqüentemente, a maneira como esse corpo é projetado pela consciência se manifesta e se movimenta dentro das relações entre os homens e seus corpos concretos. Assim, a corporeidade humana se manifesta nas relações dos homens com a natureza, com os outros homens e consigo mesmos.

Gonçalves (1994 apud SOBRAL; PERES, 2020) entende o ser humano como o único ser psíquico, físico e espiritual capaz de realizar a consciência perceptiva. Adquirimos sentidos mentais e corporais para agir, pensar, sentir e funcionar no mundo. O corpo físico e o espírito estão ligados.

O corpo é o lugar onde ocorre a transcendência do indivíduo e onde ele articula-se com o mundo. Em Merleau-Ponty O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de minhas percepções explícitas. A verdade não “habita” apenas o “homem interior”, ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se reconhece. Quando volto a mim a partir do dogmatismo do senso comum ou do dogmatismo da ciência, encontro não um foco de verdade intrínseco, mas um sujeito consagrado ao mundo (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 6 apud SOBRAL; PERES, 2020, p. 5).

O corpo no cotidiano é o corpo real concreto que pode ser chamado de corpo biopsicossocial. É o corpo visto pelo ângulo da cultura corporal, simbolizado através do vivido, não menos adaptado a um modo de vida, a um modo de produção. Segundo Daolio (2013), o controle do uso do corpo aparece como necessário ao surgimento da cultura. No corpo estão

inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade em específico, além do controle que se dá pela própria noção de corpo e de natureza.

O ser humano, por meio do seu corpo, assimila e se apropria de valores, normas e costumes sociais, num processo de incorporação. Mais do que um aprendizado cultural, o indivíduo adquire um conteúdo que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões. Logo, “ao entendermos o corpo e a linguagem como algo indissociável, isso nos permite refletir sobre a/o conhecedora/or e não somente o conhecido, ou seja, perceber a relação ontológica presente nas epistemes” (SILVESTRE; FERREIRA; SOARES, 2022, p. 134). Aprende-se a cultura por meio da mediação da apropriação de técnicas corporais, e é prudente evitar considerar o corpo puramente biológico porque o corpo é consequência da relação entre natureza e cultura.

Conceber o corpo como meramente biológico é pensá-lo como natural e entender a natureza como anterior ou pré-requisito da cultura. Não se pode esquecer a natureza necessariamente social, sendo possível somente pensar em novos usos dos corpos, já que a cultura é passível de reinvenções e recriações (SANTOS, 1990 apud DAOLIO, 2013, p. 39).

A subjetividade humana movimenta-se por muitas dimensões que não podemos conceber e definir com os nossos cinco sentidos. Somos seres em constante transformação e transcendentalização. Quando se pensa que se sabe muito sobre o ser humano, descobrimos que ainda estamos em uma rasa superfície de definições sobre o que somos. O movimento humano, antes de acontecer, por exemplo correr ou dançar, vem de um universo infinito e interno à nossa consciência, vem da cultura, da genética, dos hábitos, das vivências etc. Quando pensamos em uma pessoa com deficiência, temos de reconhecer que aquele corpo é muito, mas muito além do que um corpo fora do padrão. Aquele ser vem da mesma natureza que todos os outros e é passível de se reinventar, se adaptar e se transformar a todo momento.

Marcel Mauss (1974 apud DAOLIO, 2013) define a técnica corporal como sendo as maneiras como os seres humanos elaboram suas sociedades, a maneira de se considerar a totalidade humana. No fundo, corpo, alma, sociedade, tudo se mistura, e “Mauss (1974) propõe a denominação de fenômenos de totalidade a todas as personalidades, todos os indivíduos que na sua integridade moral, social, mental existem na forma corporal e material” (DAOLIO, 2013, p. 42).

Segundo Gonçalves (1994), ao alienar o processo de trabalho de suas raízes humanas, se alienou também o homem de sua corporeidade. Sua atividade produtiva criativa, em que ele expressava seu ser total, foi transformada em tempo de trabalho e absorvida pelo capital como

um fetiche da mercadoria. O ser humano é determinado pela condição material de existência e não o contrário. A cultura influencia diretamente na formação do indivíduo, o ser humano não é somente um ser social, mas uma máquina produtiva comandada pelo capital. Enxerga-se o indivíduo atomizado, particular, dotado de uma consciência individualista, competitiva e que visa o lucro em suas ações.

Aqui, entendemos que esse movimento onto-epistêmico significa nos deslocarmos de nossas zonas de conforto (ROSA-DA-SILVA, 2021), em um movimento de “desaprisionarmos nossas mentes e deslocar nosso ser integralmente para, de fato, conseguirmos (des)(re)aprender a olhar e viver” (SILVESTRE; SABOTA; PEREIRA, 2020, p. 111) as relações com as/ os outras/os e com o mundo de uma forma realmente democrática e diversa (SILVESTRE; FERREIRA; SOARES, 2022, p. 134).

O corpo em movimento na água é uma linguagem da consciência individual se expressando, ele se torna livre para imergir em seu universo, se integra a emoções, sentimentos e ações. Pode se expressar sem as repressões, os preconceitos, as imposições sociais perseguindo suas vozes, suas atitudes, seus limites, suas escolhas, principalmente quando se diz sobre pessoas com deficiência. Nas sociedades contemporâneas, a totalidade está fragmentada, a consciência está alienada e aprisionada, o movimento humano está desintegrado, o real parece ter perdido o sentido de sua direção, que é a humanização do homem ao longo do processo humano. Sabe-se que “Os indivíduos são manipulados para fins imediatistas, mergulham em uma práxis simbólica de um mundo de aparências como se fosse o mundo real e sem uma abertura da consciência” (GONÇALVES, 1994, p. 83).

Estar em contato com a água e a natação é um caminho para o corpo se expressar através da linguagem da verdadeira consciência, aquela que está expressando o que sente, no que se acredita. O ir e vir dentro da piscina é muito além do que se vê, são as emoções mais profundas saindo pelo respirar, pelo bater as pernas, pelo mergulhar, pelo saltar, pelo flutuar. O SER que antes não se imaginava andando (pensando no caso de pessoas com deficiência nos membros inferiores e dependentes de equipamentos para se locomover) pode então ficar em pé e se deslocar de um lado para o outro com autonomia e liberdade. Naquele momento, o corpo fala o que não se pode ver, descrever, explicar.

Gonçalves (1994) também compreende que a essência humana é imanente quanto à relação homem-mundo. A ação transformadora no mundo implica uma capacidade de transcendência, um agir que ao mesmo tempo comunica e cria. Para ser integral, a corporeidade deve ser determinada por um sentido que não reduza a subjetividade e a objetividade do indivíduo, mas que amplie o encontro desses dois polos.

A cultura corporal de movimento envolve as naturezas biológica, ontológica e antropológica, é potência criadora e transformadora do ser humano. Eleva-nos na condição puramente animal e nos torna seres concretos e abstratos. A palavra abstrato está relacionada com a subjetividade humana, esta última com a abstração nos liga a um caminho de liberdade interior.

Alves (2013) é tempo de libertarmos-nos de algum tipo de grilhão que obstrua ou impeça os movimentos de religar, de percebermos-nos como seres interdependentes, inter-relacionados. É tempo sentipensar (neologismo em que o pensar, o sentir e o agir está imbricado, MORAES; TORRE, 2004), de interligar, de ecologizar, de unir as partes ao Todo, o Todo e as partes, de sentir-se livre para aprender a aprender, a ser e a conviver. Sentir-se livre significa, não obstante, “abster-se de experimentar dificuldades, obstáculos, resistências, ou qualquer outro impedimento aos movimentos pretendidos, ou concebíveis” (BAUMAN, 2001, p. 23). Sentir-se livre é empoderar-se de si mesmo, congruente com o sentir, pensar e agir, com a verdade que habita em nós, habitando-nos em nós mesmos. (ALVES; VIDINHA; BARROS, 2022, p. 244).

Somos seres que pensam, sentem e agem. Estamos muito além dessa camada fisiológica que nos é definida. “O movimento humano enquanto expressão cultural reserva cultura (memória, tradição) e ao mesmo tempo produz cultura, o novo, a criação, o futuro” (CUNHA; OLIVEIRA, 2020, p. 224). Dessa forma, o corpo do livro de anatomia constitui um lugar infinito de saberes, culturas, movimentos, conhecimentos subjetivos e transcendentais. Moraes e Torre (2004, p. 38) completam dizendo que somos seres complexos, aprendentes e multidimensionais, “simultaneamente somos seres, físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais. E todas essas dimensões estão envolvidas em nossa corporeidade se influenciam reciprocamente”.

Tudo aquilo que nos acontece em alguma dessas dimensões nos é percebido como um todo. Quando somos crianças, é um ato espontâneo demonstrar emoções, afetos, sentimentos com brincadeiras, palavras, expressões corporais. Quando adultos, nos fragmentamos, nos limitamos e muitas vezes eliminamos a imaginação e a criatividade, separamos o sentir, o pensar e o agir.

Kunz (2015, p. 25) afirma:

Conforme já afirmava Santin (1987) o movimento humano, antes de ser um fenômeno físico, construído pelo viés das ciências naturais, é um comportamento, uma postura, uma presença, uma intencionalidade. Isto é perfeitamente visível no ‘Brincar e Semovimentar’ da criança.

A criança que se deixa fluir em sua espontaneidade para existir no mundo está conectada com a criatividade e a intuição, sem tantas prisões impostas pela vida de adulto. Ao brincar, brinca-se de corpo e alma e sem preocupações com o que vem depois da brincadeira, apenas a expressa, unindo o interno com o externo de forma pura e completa, englobando a totalidade do ser e conhecendo o mundo pela experiência sentida no momento presente.

Segundo Gordijn, aquele que se movimenta experiencia um significado motriz. Neste conceito, os significados subjetivos (intencionais) e objetivos (percebidos no mundo) se inter-relacionam organicamente. O significado motriz não é apenas a produção de sentidos, nem tampouco somente o resultado de qualidades intrínsecas ao objeto experienciadas pelo sujeito, mas sim uma inter-relação e mútua determinação complementar de ambas as perspectivas. Ambas permanecem em ligação coincidente. (TREBELS, 2003, p. 261).

Para o adulto, reconhecer que é um ser subjetivo é mais complexo, pois estamos com os corpos impregnados de padrões, crenças, pensamentos que foram nos constituindo ao longo da vida. É mais fácil nos reconhecermos como seres racionais, objetivos e mecânicos do que deixar fluir a espontaneidade, a intuição, a criatividade, aspectos esses que constituem a nossa subjetividade, e através da educação podemos nos reconectar com essas dimensões do nosso ser.

Morin (2005) se refere à educação como um despertar para a filosofia, a literatura, as artes, a dança, o conhecimento, a cultura, e é isso que preenche a nossa vida. Nas escolas existe a infeliz cultura de excluir a subjetividade humana; assim, fragmenta-se o ser humano, negando todos os aspectos emocionais, psicológicos, espirituais, sentimentais, afetivos.

A subjetividade é a nossa forma verdadeira de conhecer o mundo. O mundo e as coisas que habitam não existem definidas ‘em si’, mas sim são constituídas de possibilidades infinitas de agir, perceber, sentir etc. A subjetividade de cada pessoa é o que traduz seu lado humano de ser o que se é. (KUNZ, 2015, p. 26)

Compreender a subjetividade é algo complexo porque ela não se define em palavras, conceitos concretos. A subjetividade humana é um vácuo quântico que, segundo Moraes (2014, p. 30), “está cheio de energia, potencialidades e possibilidades. É o mundo da criatividade, da emergência, da mudança, da auto-organização, da transcendência, onde tudo está em movimento, em processo de interação constante”. A subjetividade é um envolvimento de aprendizagem plena, é um estado de presença do coração e da mente, dos pés à cabeça, da cultura, do psicológico. Assim, é uma experiência corporal inteira e integrada à essência humana.

2.2 A água e a subjetividade

Seguindo o fluxo do movimento humano, podemos retornar ao princípio da filogênese humana, compreender as mudanças na anatomia humana, as características adaptativas que integram como o nosso corpo está formado hoje e a importância da água para a existência humana. “El agua, ‘madre de la vida’, es constitutiva de todas las células de todos los organismos vivos, es una necesidad cotidiana para todo el mundo, es un bien común a todos los seres humanos” (MORIN, 2011, p. 91).

A respeito das adaptações físicas que se desenvolveram conforme a necessidade da evolução humana e do planeta Terra, Andries Junior (2008, p. 19) cita a teoria de Morgan in Bonacelli (1995) ao afirmar: “Antes das florestas africanas abrirem caminhos para as savanas houve um evento dramático e circunstancial. Uma área grande, que agora é a África continental, a qual corresponde a terra conhecida como o ‘Triângulo de Afar’, foi preenchida pelo mar”. Alguns mamíferos tiveram de se adaptar a um modo de vida semiaquático e outros seguiram em direção às planícies e, assim, “Esses para manterem uma regulação térmica, perderam pelos e desenvolveram grande cérebros para fabricarem armas e andaram em bipedia para caçar” (ANDRIES JUNIOR, 2008, p. 19).

A necessidade de sobrevivência obrigou os *Homo sapiens* a explorarem a terra para a preservação da espécie, que se instalava próximos aos rios: “[...] as primeiras grandes civilizações surgiram nos vales de grandes rios - vale do Nilo no Egito, vale do Tigre-Eufrates na Mesopotâmia, vale do Indo no Paquistão, vale do rio Amarelo na China” (BRUNI, 1993, p. 56). Assim, a água despertou força evolutiva e transformação para a nossa sociedade.

Muitas culturas, religiões, filosofias trazem a água como elemento materno, feminino, essencial para a criação. Os povos indígenas ensinam sempre o respeito pela água, a colocam como centralidade para a vida do planeta. É ensinada desde criança a contemplação íntima por ela, como podemos ver na afirmação de Machado:

Os índios Caiapós, do Pará assim dizem: ‘a água é a veste com a qual a vida nos visita’. Na filosofia Grega, Tales de Mileto definiu a água como a ‘origem de tudo’. Na mitologia indígena, temos ainda os Karajá, que nos dizem que ‘fomos criados do fundo das águas do Rio Araguaia’. No México, os astecas construíram sua civilização na cidade dos Deuses, sobre o lago sagrado. Os negros, em sua religião, têm os orixás nomes de rios africanos da região de Nigéria e Daomé, como por exemplo Iemanjá (2006, p. 25).

O ser humano sempre viveu próximo da água, utilizando-a para cozinhar, beber, construir, tomar banho, pescar. Se não bebe água por mais de três dias, perde sua consciência e

morre. Segundo o *Livro das águas* (2002), podemos até viver sem alimento sólido por cerca de um mês, mas sem água ficamos no máximo 72 horas vivos. Assim, “Se seu corpo perder mais de 20% de seu conteúdo normal de água, terá morte dolorosa” (BRUNI, 1993, p. 56).

Para a reprodução da vida, o meio líquido é necessário porque “O sêmen animal, o útero materno contém água e o feto desenvolve-se primeiramente num meio aquoso” (BRUNI, 1993, p. 56). É dentro da barriga da mãe, imersos no líquido amniótico, que começamos a nos desenvolver com segurança e nutrição, ficamos nove meses nesse ambiente aquático e é onde nossos membros externos e internos se formam.

Onde existe prazer existe regressão e o prazer consiste no bem-estar do calor do líquido amniótico, como se houvesse um retorno a uma situação pré-natal, uma perfeição regressiva sob a forma de uma volta ao antes do nascimento. Ser salvo de um perigo, sobretudo na água (líquido amniótico); do mesmo modo, com que regularidade elas exprimem as sensações experimentadas durante o coito e na existência intra-uterina através das sensações de nadar, flutuar, voar [...] (FERENCZI, 1990, p. 54 apud BONACELLI, 2004, p. 21).

Quando nascemos, respiramos fundo e logo nos colocam para mamar o leite materno para nos acalmar. O primeiro calmante da vida é o líquido materno, conforme afirmação de Bachelard (1998, p. 128): “O leite é o primeiro dos calmantes. Portanto, a paz do homem impregna de leite as águas contempladas”. Se analisarmos a subjetividade da água por um olhar psicanalítico, a água possui no inconsciente coletivo o valor de um amor materno, pois os primeiros prazeres do ser humano no mundo são com o líquido materno.

A natureza é para o homem adulto, diz-nos Marie Bonaparte, ‘uma mãe imensamente ampliada, eterna e projetada no infinito’. Sentimentalmente, a natureza é uma projeção da mãe. Especificamente, acrescenta Bonaparte: ‘O mar é para todos os homens um dos maiores, um dos mais constantes símbolos maternos’. Da imaginação do leite à imaginação do Oceano existem mil passagens, porque o leite é um valor de imaginação que encontra em qualquer ocasião um impulso. É por ser um leite, para o inconsciente, que a água é tantas vezes tomada, no decorrer da história do pensamento científico, por um princípio eminentemente nutritivo (BACHELARD, 1998, p. 120-129).

O contato com a água é evidenciado aqui como uma experiência íntima para cada pessoa com a sua subjetividade. No coletivo temos a água como essencial para a existência humana e na individualidade cada um tem a água como símbolo do amor materno que também faz parte do existir humano. A presença feminina que cada pessoa possui dentro de si é representada pela água. Podemos assim dizer que a piscina, a natação é muito além de um ir e vir dentro daquele espaço, existem sensações e significados diferentes para cada pessoa que decide nadar.

A vida começou na água
 A água é vida. Que viva a água
 Nascemos de uma bolsa d'água
 Em nossa mãe, em sua barriga

Na água quentinha nós ensaiamos
 Nosso primeiro movimento
 Suavemente nos preparamos
 Até o dia do nascimento

No universo, em sua grandeza
 Há uma verdade bem conhecida:
 A água é nossa maior riqueza
 Se existe água, existe vida.
 (MACHADO, 2006, p. 6-7).

No meio líquido, temos a oportunidade de sentir a integração do SER, sentir a nossa essência mais íntima. O sujeito que decide imergir na água se abre para uma nova experiência, ou, podemos dizer, se abre para lembrar a experiência do nascer, do sentir-se vivo. Isso porque, desde os nossos primeiros sinais vitais, temos contato com o líquido. Para alguns, pode não ter sido uma experiência tão prazerosa quanto para outros, por isso também a importância de a prática pedagógica do professor ou da professora ser uma forma de contribuir para o praticante transcender qualquer sensação que remete a algum trauma já vivido naquele meio.

2.3 Evolução da natação até a natação paralímpica

Seguindo o percurso do rio, a água cuidadosamente contorna as pedras, os vales, as árvores. Assim também continuamos nossa investigação. Após abordarmos a importância do movimento e da água para a vida humana, vamos tratar sobre a natação, na qual o corpo entra em movimento envolto pela água.

A água atrai as pessoas. Se buscarmos na história humana, existem relatos sobre entrar em rios e mares, seja navegando, buscando alimento, batizando ou até nadando. Desse modo, “Talvez tenha havido entre os primeiros homens alguns que, perseguidos pelo fogo, ou animal selvagem, salvaram-se graças à proteção das águas” (CATTEAU; GAROFF, 1990, p. 21).

Segundo Andries Junior (2008), do Ocidente ao Oriente temos registros do nadar. Estudos arqueológicos indicam que, na Índia, há 5.000 anos a.C. já existiam piscinas com aquecimento; no Egito, havia relatos sobre existirem professores de natação para crianças nobres.

Observemos a imagem a seguir, que mostra o início do ensino da natação. Os corpos na posição horizontal demonstram a flutuação de decúbito ventral.

Figura 1 – Desenho na parede feito por povos antigos

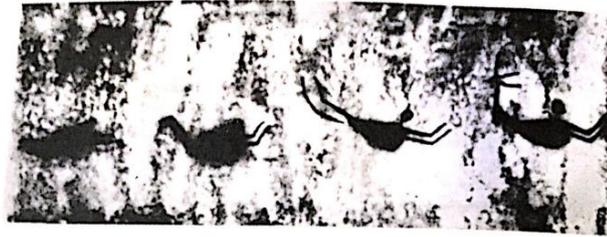


Fig. 1.

Fonte: Catteau e Garoff (1990, p. 20).

Com isso, nota-se que “É com emoção que contemplamos esse desenho descoberto numa caverna das grutas do deserto da Líbia. É a mais antiga ilustração atualmente conhecida da arte de nadar. Os arqueólogos calculam que ela remonta a 9.000 anos antes da nossa era” (CATTEAU; GAROFF, 1990, p. 20).

Tudo indica que nadar nasceu com o ser humano, pois as civilizações antigas dependiam da força dos seus corpos para se alimentar e buscar abrigos; logo, correr e nadar são ações naturais do corpo humano. Nesse contexto, “Os homens primitivos estavam sempre próximos aos rios e que, em algum momento, pescando, caçando ou com finalidade locomotivas, eles entravam na água e se deslocavam dentro dela” (ANDRIES JUNIOR, 2008, p. 21).

A natação para os gregos e os romanos era questão de sobrevivência, educação e inteligência. “Quando os romanos queriam referir-se a falta de educação das pessoas diziam: é tão ignorante que não sabe nem nadar. Na Grécia antiga está prescrito na Lei de Platão que: todo cidadão educado é aquele que sabe ler e nadar” (DALLA DÉA, 2013, p. 5).

Nadar torna-se necessário para a sobrevivência e a evolução humanas. Os homens precisavam saber nadar para se defender dos inimigos em situações de combate. Para aquele que precisa nadar, a água não é obstáculo, aumentando assim o poder ofensivo dos exércitos. Portanto, “Não é de se estranhar que a decisão de ensinar sistematicamente a natação aos soldados tenha repercutido na orientação da pedagogia da natação” (CATTEAU; GAROFF, 1990, p. 22).

Azevedo (1960, p. 277 apud BONACELLI, 2004, p. 76) ressalta a importância de saber nadar nos métodos adotados pelos franceses e pelos suecos quando enfatizam que a juventude tinha como obrigação treinar a natação para ganhar velocidade e segurança na água para, numa emergência, se livrar do inimigo. Desse modo, compreende-se que “A natação é uma arte longa e difícil. Ainda na juventude, é um dever treinar-se, para ganhar rapidez e segurança na água.

Nenhum exercício é mais difícil, como nenhum mais higiênico e plástico, do que o de se mover na água” (AZEVEDO, 1960, p. 277 apud BONACELLI, 2004, p. 76).

Segundo o Comitê Olímpico Brasileiro, no século XIX, um soldado de Napoleão Bonaparte escapou de uma prisão inglesa atravessando o Canal da Macha a nado, tornando a atividade física de nadar um ato heroico. Saber nadar era para salvar vidas, igual a aprender a andar, correr, saltar. Observamos, assim, a natação se expandindo para uma modalidade esportiva e necessária para superar limites e dificuldades que a natureza apresentava aos homens.

É uma maneira de educar, treinar soldados, divertir e promover prazer. Devido à importância da natação para a sociedade, é introduzida como um esporte de alto rendimento, fazendo parte dos Jogos Olímpicos. As primeiras edições desses jogos da era moderna ocorreram em Atenas, em 1896, e a natação marcou sua presença com os nados crawl e peito ao lado da modalidade Atletismo, e “em 1904, o nado costas foi incluído e o nado borboleta surgiu em 1940 como evolução do nado peito” (ANDRIES JUNIOR, 2008, p. 26).

No Brasil, a primeira competição de Natação, segundo o Comitê Olímpico Brasileiro e Vaninni (2018), ocorreu em 31 de julho de 1987, competição em que clubes do Rio de Janeiro se reuniram e formaram “a União de Regatas Fluminense que foi chamado mais tarde de Conselho Superior de regatas e Federação brasileira das sociedades de Remo” (VANINNI, 2018, s/p). Logo depois, a federação promoveu o primeiro campeonato oficial em 1989, no Rio de Janeiro, e a prova seria uma travessia de 1500m entre Fortaleza de Villegaignon e a praia de Santa Luzia. “Em 1914, o esporte e competições no Brasil começaram a ser controladas pela Confederação Brasileira de Desportos” (VANINNI, 2018, s/p).

O nado peito era predominante no ensino da natação. Segundo Dalla Déa (2013), o primeiro manual de natação foi escrito por Nicolas Wynmann em 1538, no qual o autor descreve o nado peito como forma de nadar que todos deveriam aprender. Assim, foram quase 400 anos de predominância desse estilo de nado culturalmente determinado.

Inicialmente o nado peito era executado com os pés em flexão plantar, empurrando a água com o dorso do pé. Nos séculos XVI e XVII a cabeça ficava fora da água todo o tempo. No século XVII Thevenot em seu livro recomendava o ensino do movimento dos braços do nado peito em pé com a água na altura dos quadris. Apenas no século XIX começou-se a utilizar a perna do nado peito com os pés em extensão plantar, empurrando a água com a sola dos pés (DALLA DÉA, 2013, p. 5).

É interessante como a evolução dos nados acontece conforme os estudos sobre a natação evoluem e ela se torna importante para a ciência. Após ficarmos quase 400 anos com apenas

um direcionamento de estudo, muita coisa mudou quando Thevenot fez uma breve observação e assim foi despertando a curiosidade de se explorar o corpo com o meio líquido. Hoje, o nado peito é um nado leve e de grande importância para a sobrevivência aquática. Nos centros de treinamento de militares, os integrantes do Exército precisam saber nadar peito para praticar salvamento aquático. Quando uma pessoa vai nadar em águas muito turvas, o nado peito é uma saída para que se possa nadar olhando para frente e direcionando o seu corpo.

Aprender a nadar sempre foi visto como necessidade de sobrevivência e formação humana, mas coloco em questão o aprender a nadar com liberdade e autonomia para a conscientização e integração do ser. Os franceses e os suecos falavam sobre a importância de nadar para ter velocidade e segurança contra os inimigos; os gregos e os romanos para terem educação e inteligência e se compor eticamente na sociedade. Quando chega aos Jogos Olímpicos, se torna um esporte de alto rendimento e disciplina para aquele corpo ser campeão. Se a água é um ambiente de acolhimento, onde está a natação que acolhe, que protege? Que desperta a vida?

No histórico das metodologias de natação aplicadas até as décadas de 1980 e 1990, era predominante a busca por ensinamentos embasados nas teorias francesas e suecas, que concebiam o ensino militarista e higienista do corpo. Um ensino que distancia a curiosidade do ser humano em se entender no meio líquido, ensino que separava cada vez mais o corpo da mente, como foi dito anteriormente.

Será mesmo que a natação precisa dessa plasticidade e dificuldade toda? Ou será que a distância em relação à essência da vida está grande entre nós, seres humanos, e assim o contato com a água se torna árduo e tido como sacrificante?

Brems (1986, p. 01) caracteriza a natação com uma preocupação de tê-la somente sob o aspecto da vitória, mas vê a necessidade de uma transcendência temática: '[...] o treinamento deveria ser, também, divertido. Ao final no meu modo de pensar, vencer a natação deve ir além da sensação de tocar na borda da piscina em primeiro lugar ao final de uma competição, e alcançar a sensação de manutenção da juventude e vigor ano após ano'. Esse caráter de transcendência, também é notado na conceituação de Sobolev e Fomtchenko (1995, p. 11) 'O entusiasmo na prática da natação: sentir-se dentro da água como um peixe e não somente sentir, mas nadar' (ANDRIES JUNIOR, 2008, p. 29).

O nadar pode ser utilizado como uma prática criativa de transcendência individual, um momento de extravasar, digamos: brincar. Os adultos possuem dificuldades em deixar a espontaneidade fluir. A água nos chama para a fluidez, tira a rigidez dos ambientes sociais concretos e, se for bem guiada, pode nos proporcionar alegria, entusiasmo e diversão. Saltar da borda, dar cambalhota embaixo d'água, nadar de forma sincronizada com os colegas, testar

equilíbrio com educativos criativos, buscar bolinha de gude embaixo da piscina, mergulhar igual golfinho, praticar o nado borboleta fazendo o movimento dos braços como se fosse uma árvore... esses são exemplos de que a prática de nadar pode transcender as barreiras do padrão que se busca para a excelência do corpo físico.

2.4 Natação paralímpica

Observamos a importância do movimento humano e da água para todos nós, além dos sentidos subjetivos do contato com o meio líquido. O movimento humano é uma manifestação de ser e estar vivo, e inserimos o meio líquido como também um elemento de integração do ser. Nadar é ter autonomia de si, é elevar-se ao mais puro contato com a essência humana, é integrar-se à natureza de corpo e mente, e a pessoa com deficiência através do esporte pode se reabilitar e ganhar novo sentido para viver. Com isso, pode ter qualidade de vida e ir além dos padrões estabelecidos para aquele corpo.

Começo trazendo sobre o início das Olimpíadas contemporâneas e a sua essência, o olimpismo. “O Movimento Olímpico contemporâneo foi criado por Pierre de Freddy, conhecido como Barão de Coubertin, no final do século XIX” (RUBIO, 2010, p. 13). Segundo Rubio (2010), o Barão de Coubertin era educador, pensador e historiador que investigou a fundo sobre as Olimpíadas e o desenvolvimento do esporte. Percebeu que, em diversas culturas que visitou, o esporte era sempre praticado e o enxergava como uma linguagem universal dos seres humanos.

Depois de vários anos, ele percebeu que em diferentes lugares do mundo, mesmo sem falar o mesmo idioma, as pessoas eram capazes de jogar e competir. Ou seja, o esporte era uma linguagem universal. Entende-se por linguagem universal a capacidade que indivíduos, em diferentes espaços geográficos e sem contato físico, têm de realizar os mesmos conjuntos de habilidades motoras a partir de um conjunto sistemático de regras. Foi essa universalização de práticas e regras que favoreceu as competições de diferentes modalidades esportivas em todo o mundo (RUBIO, 2010, p. 13).

A essência dos Jogos Olímpicos envolve a inclusão e a interação de todos de forma sadia e leal entre os atletas, pois “A amizade e a fraternidade são consideradas o coração do Movimento Olímpico” (RUBIO, 2010, p. 21). Os Jogos Paralímpicos surgem pegando uma linha desse movimento, pois, após a Segunda Guerra Mundial, muitas pessoas ficaram lesionadas e precisavam de algum tratamento, então o governo britânico convocou Ludwing Guttmann para dirigir o *Spinal Injuries Centre* (Centro de Lesionados Medulares). Desse modo, “o diretor do centro, introduziu as práticas esportivas como parte da reabilitação dos pacientes

e é visto por muitos como o Barão de Coubertin dos Jogos Paralímpicos” (GOLD, 2007 apud HILGEMBERG, 2019, p. 5).

O médico começa introduzindo o esporte como forma de reabilitação para os pacientes, que tiveram resposta positiva em sua recuperação, a começar pelo contato social porque a maioria daquelas pessoas não teria mais perspectiva de vida, e muito menos sociabilidade, em meados de 1944, e a sociedade era ainda mais excludente do que atualmente é.

O esporte como reabilitação e recreação então cresceu e Guttman promove em 1948 o primeiro Stoke Mandeville Games que aconteceu nos jardins do hospital reunindo 16 atletas (14 homens e duas mulheres) com lesão medular que competiram em tiro com arco. A partir dessa primeira edição o evento passou a ter periodicidade anual. Em 1949 reuniu um número ainda maior de competidores e já nessa edição Guttman expressou o desejo de que os jogos se internacionalizassem e adquirissem fama semelhante à dos Jogos Olímpicos (GOLD; GOLD, 2007 apud HILGEMBERG, 2019, p. 5).

A vontade pela prática esportiva para pessoas com deficiência foi crescendo, e, de 1949 até 1960, segundo Hilgemberg (2019), aconteceram em Roma, com a mesma sede dos Jogos Olímpicos, os primeiros jogos internacionais, reunindo 400 atletas cadeirantes de 23 países diferentes e, em 1964, em Tóquio, foi inaugurado o nome oficial de Jogos Paralímpicos.

Desde que os Jogos Olímpicos foram reinaugurados pelo Barão de Coubertin, foram evidenciados os valores de conduta do movimento olímpico que “buscam combinar esporte, educação e cultura a partir da harmonia entre corpo e mente, da excelência de si mesmo, da integridade nas ações, do respeito mútuo e da alegria no esforço” (RUBIO, 2010, p. 14). Com os Jogos Paralímpicos, por sua vez, além de se enfrentar as barreiras do multiculturalismo, da xenofobia, do racismo, do machismo, também se enfrentaria o preconceito sobre o corpo da pessoa com deficiência.

Ao longo dos anos, os Jogos Paralímpicos enfrentaram muitas barreiras para que os eventos acontecessem, e a falta de estrutura era o fator primordial. Segundo Hilgemberg (2019), por anos consecutivos os jogos tiveram problemas para acontecerem. Em 1972, 1976, 1980, 1984, faltou estrutura física por falta de dinheiro, ou seja, sempre houve algum problema. E assim se percebeu a necessidade de se criar um Comitê Internacional Paralímpico.

O paradesporto se expandiu gerando a necessidade da criação de novas organizações internacionais. Assim, em 1982 foi criado o International Coordinating Committee (ICC – Comitê Coordenador Internacional) que reuniu outras instituições e deu, pela primeira vez, uma voz única ao esporte para pessoas com deficiência, além de ter sido capaz de desenvolver uma relação mais clara e direta com o Comitê Olímpico Internacional e Comitês Organizadores dos Jogos Olímpicos (HILGEMBERG, 2019, p. 7).

O documentário *Pódio para todos*, transmitido pelo serviço de streaming Netflix, retrata bem a história que veio dos escombros da Segunda Guerra Mundial ao terceiro maior evento esportivo do planeta. As Paralimpíadas são um movimento global que amplia a consciência e muda as perspectivas da sociedade sobre deficiência e diversidade e escancara o potencial humano para muito além do que nossos olhos podem enxergar.

O documentário mostra sobre quando o Rio de Janeiro foi escolhido para sediar os Jogos Olímpicos e Paralímpicos. Foi a primeira cidade latino-americana a sediar os jogos, e, segundo Hilgemberg (2019), teve como audiência 4,1 bilhões de pessoas, sendo considerado pelo Comitê Paralímpico Internacional a edição mais assistida da história. Mas, também, enfrentou problemas para acontecer.

Semanas antes de os jogos serem realizados, o comitê organizador falou para o Comitê Paralímpico que não havia mais verba para a realização dos Jogos Paralímpicos, que tudo havia acabado com os Jogos Olímpicos. Foi uma grande decepção para todos – atletas, técnicos, organizadores –, mostrando o grande descaso para com os atletas deficientes, que não são diferentes de atletas convencionais. A maior indignação foi que o mundo jamais permitiria que isso acontecesse com uma Copa do Mundo ou com os Jogos Olímpicos.

A menos de três semanas para o acontecimento dos jogos, os três importantes organizadores do movimento paralímpico estavam indo atrás de patrocinadores, e o Governo Federal concedeu R\$ 500.000,00 (quinhentos mil reais) para o evento acontecer, mas um juiz federal vetou a liminar, exigindo que o governo prestasse contas de todo o dinheiro gasto. E isso era algo impossível de acontecer. Os organizadores não desistiram, e um deles foi falar com o referido magistrado e lhe disse: “Veja bem, se não recebermos o dinheiro, não teremos Paralimpíada. Num país com milhões, 24 milhões com deficiência, o que faremos com as pessoas? Teremos que dizer ‘Para você, não [...] você não é importante, não vale o sacrifício’”. Então eles conseguiram a verba, e os jogos aconteceram. Para o alívio de todos, a chama Paralímpica não foi apagada.

A relação estabelecida com o homem que tem uma deficiência é um campo útil para analisar a maneira pela qual um grupo social vive a relação com o corpo e com as diferenças. A sociedade produz um estigma a partir da deficiência do corpo, um motivo sutil para avaliação negativa da pessoa; tal avaliação e conceituação são expressas em inúmeros discursos e, conseqüentemente, compõem as representações. (LE BRETON, 2003 apud MELLER; TESCHE, 2007, p. 67).

O movimento paralímpico e o esporte para pessoas com deficiência formam um caminho para o sujeito transcender barreiras e ir além do que a sociedade e todo o mundo impõem. Mas o preconceito é grande, e o corpo com deficiência não é visto como um corpo vivo e capaz. No caso das Paralimpíadas do Rio de 2016, foi um evento que surpreendeu a todos pela quantidade de audiência, pois as pessoas não imaginavam que o corpo deficiente é tão ilimitado quanto um corpo padrão.

A definição de anormalidade impressa ao corpo com deficiência, historicamente, define qual é o lugar das pessoas na sociedade, por meio de práticas que provocaram a eliminação, clausura, espaços restritos, disciplinamento e retificação. [...] O corpo é envolvido por discursos que têm origem em sua diferença por ser o oposto da normalidade (MELLER; TESCHE, 2007, p. 67).

O movimento do paradesporto, na sua essência, é uma forma de o sujeito que possui um corpo com deficiência conquistar seu espaço na cultura e viver sua corporeidade porque a “[...] corporeidade é um termo abstrato, indica a essência do homem ou a natureza dos corpos.” (SANTIN, 1993, p. 52 apud MELLER; TESCHE, 2007, p. 64), deixando fluir o gozo por estar vivo e habitar aquele corpo. Segundo Meller e Tesche (2007), o ser humano busca a oportunidade de se desenvolver interagindo com todas as pessoas que o cercam, através de princípios de igualdade que não buscam a perfeição mecânica dos corpos.

A natação paralímpica brasileira é uma modalidade forte e respeitada mundialmente pelas suas conquistas. Segundo o Comitê Paralímpico Brasileiro (2023), o Brasil possui 102 medalhas na Natação em Jogos Paralímpicos, ficando atrás apenas do Atletismo. As três deficiências incluídas na Natação são: físico-motora, intelectual e visual. A nomenclatura utilizada para diferenciar as deficiências dos atletas nas provas são: S- Nado livre; SB – Nado peito; SM – Nado Medley.

As classes sempre começam com a letra S (swimming). O atleta pode ter classificações diferentes para o nado peito (SB) e o medley (SM). O atleta é submetido à equipe de classificação, que procederá a análise de resíduos musculares por meio de testes de força muscular; mobilidade articular e testes motores (realizados dentro da água). Vale a regra de que, quanto maior a deficiência, menor o número da classe. Quanto maior o grau de comprometimento, menor o número da classe. De 1 a 10 para atletas com limitações físico-motoras, 11 a 13 para atletas com deficiência visual, 14 para atletas com deficiência intelectual. (COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, 2023).

Essas classificações servem para tentar igualar o nível técnico dos atletas para competirem de forma justa. Porém, é muito difícil igualar o nível técnico de uma pessoa, seja ela com deficiência ou não, mas precisamos aceitar essas normas para participar do alto

rendimento. É motivador para alguns atletas ter a oportunidade de participar de competições, mesmo sendo taxados com uma pessoa “deficiente”. É um recurso para superar as barreiras impostas a seu corpo.

Viver sua corporeidade é ir além do que os padrões mecanicistas impõem a nós, é se sentir inteiro e integrado à natureza que o cerca. É ser um ser que é capaz de sentir, pensar e agir no mundo. Se tentamos nos encaixar em um lugar que não nos cabe, fica impossível sobreviver. Mas o que pretendemos aqui é mostrar que o cosmo vive em perfeita harmonia; assim como existem inúmeras variedades de fauna e flora, somos diferentes e habitamos esse planeta que pode acolher a todos que aqui estão.

Finalizamos assim a seção dois trazendo uma breve introdução acerca da seção três, a qual vai sustentar o debate sobre a formação do sujeito para além das barreiras físicas e culturais que lhes são impostas desde a infância. Faremos um mergulho no universo transcendental do ser humano em companhia da epistemologia da complexidade como uma fonte para oxigenar nosso estudo.

3 EPISTEMOLOGIA DA COMPLEXIDADE E TRANSCENDÊNCIA DO SER

Tenho que dar o mergulho de uma só vez, mergulho que abrange a compreensão e sobretudo a incompreensão. E quem sou eu para ousar pensar? Devo é entregar-me. Como se faz? Sei, porém, que só andando é que se sabe andar e – milagre – se anda. Eu fabrico o futuro como uma aranha diligente. E o melhor de mim é quando nada sei e fabrico não sei o quê.

(Clarice Lispector, 2020, p. 56)

A epistemologia da complexidade abre a porta para a certeza de que a vida é feita de incertezas. Guiamo-nos pela eterna busca do que não sabemos e, quanto mais mergulhamos, mais estamos certos de que o mergulho é infinito e profundo. Quanto mais buscamos explicações sobre o ser humano, sobre as dimensões da vida, mais compreendemos que tudo que está dentro de nós está também fora de nós. A imensidão que vejo no horizonte de um mar aberto é tão grande quanto a que existe dentro da nossa consciência.

Desse modo, para adentrar um pouco mais esse infinito interior que é o ser humano, abrimos a seção três introduzindo a epistemologia da complexidade na perspectiva de Edgar Morin, buscando, a partir dos princípios organizadores do pensamento complexo, quais se identificam com a religação de saberes e a reintrodução do sujeito cognoscente na construção do seu próprio conhecimento.

Após feito isso, seguimos com a formação do ser humano dentro da teoria complexa, partindo da concepção de Edgar Morin e de outros autores com os quais a autora entrou em contato e sentiu que se conectam com a pesquisa. Por fim, será abordada a religação desse sujeito a partir da complexidade com a cultura corporal de movimento e a transcendência do ser quando está em contato com a água nadando.

3.1 Epistemologia da Complexidade

Vivemos numa era de desintegração dos pensamentos e das várias ciências estudadas no mundo pelo ser humano. Segundo Morin (2015), a origem de redução, disjunção e abstração pertence ao que ele chama de paradigma de simplificação. Assim, “Descartes formulou esse paradigma essencial do Ocidente, ao separar o sujeito pensante (ego cogitans) e a coisa entendida (res extensa), isto é, filosofia e ciência [...]” (MORIN, 2015, p. 11).

Essa desintegração está em todas as dimensões macro e micro do ser humano, externo e interno, objetivo e subjetivo, real e abstrato. Tudo está sendo simplificado para a superficialidade dos entendimentos humanos e projeta uma possível facilidade de entendimento

das coisas que julgamos serem complexas demais para a compreensão. E na verdade o simples é uma alienação da consciência para o não verdadeiro entendimento e integração do ser àquela compreensão.

A complexidade gera problema, dúvida, questionamento, não é uma palavra que apresenta solução, fim, conclusão. Vem quando as respostas simplificadoras falham, integra tudo o que está em ordem, traz a clareza de que tudo está ligado a tudo e de que a precisão, a simplificação, o padrão, a distinção do conhecimento são uma gaiola que aprisiona as asas do infinito que os fenômenos possuem.

A palavra complexidade suporta uma pesada carga semântica, pois traz em seu seio confusão, incerteza, desordem. Sua primeira definição não pode fornecer nenhuma elucidação: é complexo o que não se pode resumir numa palavra-chave, o que não pode ser reduzido a uma lei nem a uma ideia simples (MORIN, 2015, p. 6).

A fragmentação do real é uma concepção que age como um açougueiro, mutilando, desossando, separando, moendo para se chegar a um objetivo determinado e direcionado. Consegue ir às máquinas e cortar um osso do conhecimento. É possível a partir daí fazer estudos magníficos, porém rasos e talvez não tão nutritivos, criativos e integrativos.

Morin (2003, p. 113) diz que “A noção de homem está fragmentada entre diversas disciplinas das ciências biológicas e entre todas as disciplinas das ciências humanas: a física é estudada por um lado, o cérebro, por outro, e o organismo, por um terceiro, os genes, a cultura etc.” Não entendemos que está certo ou errado a fragmentação para se estudar as partes, o problema é não reconhecer que as partes vieram de um todo complexo e integrado e que as possibilidades são perenes.

Enquanto o pensamento simplificador desintegra a complexidade do real, o pensamento complexo integra o mais possível os modos simplificadores de pensar, mas recusa as consequências mutiladoras, redutoras, unidimensionais e finalmente ofuscantes de uma simplificação que considera reflexo do que há de real na realidade (MORIN, 2015, p. 6).

É como se estivéssemos usando óculos que estão errados em relação ao que nossos olhos precisam, o grau está errado. Ao invés de ajudar e limpar a visão, estão embaçando e mudando o foco da nossa ótica. A complexidade assemelha-se aos óculos de cinema 3D: conseguimos enxergar para além das telas, o que se vê se torna real, integrado a nós, muitas vezes até palpável. Já imaginou usar óculos normal em um cinema 3D? Todo mundo enxergando o que tem de mais simples aos olhos, enquanto se poderia assistir a um filme com tecnologia

avançada. É isso, não é confusão ou desordem, mas sim amplificação da visão do concreto para o além e abstrato, colorido, criativo e inimaginável.

O pensamento simplificador é incapaz de conceber a conjunção do uno e do múltiplo (unitat multiplex). Ou ele unifica abstratamente ao anular a diversidade, ou ao contrário, justapõe a diversidade sem conceber a unidade. Assim chega-se à inteligência cega. A inteligência cega destrói os conjuntos e as totalidade, isola todos os seus objetos do seu meio ambiente. Ela não pode conceber o inseparável entre o observador e a coisa observada (MORIN, 2015, p. 14).

A Teoria da Complexidade é um caminho para integrarmos as dimensões dos conhecimentos e das ciências. Unifica o cosmo; o macro e o micro se completam, e assim o sujeito se torna auto-eco-organizador. Ser pertencente ao processo é essencial para a transformação daquele ser e da realidade em que está inserido.

Finalmente viu-se que o caminho não é uma substância, mas um fenômeno de auto-eco-organização extraordinariamente complexo que produz autonomia. A dificuldade do pensamento complexo é que ele deve enfrentar o emaranhado (o jogo infinito das inter-retroações), a solidariedade dos fenômenos entre eles, a bruma incerteza, a contradição (MORIN, 2015, p.14).

Com a Teoria da Complexidade nos abastecendo, é possível saciar nosso saber até surgir a sede novamente, uma vez que o conhecimento universal é insaciável, e por essa teoria podemos sempre ampliar nossas buscas. É como o rio Amazonas que percorre cinco países e possui mais de 1.100 afluentes, e desse modo teremos sempre rios de contribuições epistemológicas desaguando em nosso estudo e se ampliando como uma grande bacia hidrográfica. A epistemologia da complexidade é:

Um princípio que requer que nosso pensamento vá além dos aspectos cognitivos, baseados no desenvolvimento de competências e habilidades e abarque também o mundo emocional, intuitivo e espiritual do sujeito, para que o processo educacional possa verdadeiramente ecoar nas subjetividades dos educandos e promover a evolução de sua consciência (MORAES; SUANNO, 2014, p. 3).

Evolução da consciência é sinônimo de interação entre todas as dimensões do ser humano, desde o nível físico ao espiritual. E o sujeito começa a ter consciência de si, mergulhando em se autoconhecer para buscar um caminho de auto-eco-organização, pois ter consciência de que faz parte do todo é se reconhecer integrante do processo. “Esses múltiplos aspectos de uma realidade humana complexa só podem adquirir sentido se, em vez de ignorarem esta realidade, forem religados a ela” (MORIN, 2003, p. 113). Com isso, deve-se

trabalhar para que a realidade externa também seja sustentável e saudável, assim como a busca de saúde interna.

O sujeito nada em superfície e nada em submersão, e assim podemos analisar o mundo humano desde as superfícies até as profundas explicações porque “O sujeito emerge ao mesmo tempo que é mundo” (MORIN, 2015, p. 37), integrando esse ir e vir da água humana, que podemos relacionar com a subjetividade.

Ele emerge desde o ponto de partida sistêmico e cibernético, lá onde certo número de traços próprios aos sujeitos humanos (finalidade, programa e comunicação etc.) são incluídos no objeto máquina. Ele emerge, sobretudo, a partir da auto-organização, onde a autonomia, individualidade, complexidade, incerteza, ambiguidade tornam-se caracteres próprios ao objeto. Onde, sobretudo, o termo ‘auto’ traz em si raiz da subjetividade (MORIN, 2015, p. 39).

Aqui o corpo, o sujeito, a subjetividade e a objetividade viraram uma bacia hidrográfica. Todas as características humanas deságuam em um só lugar e trazem em si a autonomia de seguir o fluxo como um todo integrado e auto-organizado, organização essa que apresenta um sujeito capaz de ir do nascimento à morte e ao além, traz em si a consciência subjetiva e intuitiva de se auto-direcionar pelo fluxo vital.

Desde então, pode-se conceber, sem que haja um fosso epistêmico intransponível, que a autorreferência desemboque na consciência de si, que a reflexividade desemboque na reflexão, em resumo, que apareçam ‘sistemas’ dotados de uma capacidade tão alta de auto-organização que produzam uma misteriosa qualidade chamada consciência de si [*consciousness or self-awareness*] (MORIN, 2015, p. 39).

O sujeito é transcendentalizado ao além de tudo o que pode ser descrito. O mistério da consciência de si é a individualidade que cada um tem de enxergar, sentir, perceber e agir no mundo. Cada ser em si carrega a capacidade de se perceber no mundo, observando o que nos é apresentado como mundo desde o nosso nascimento. E a partir disso é capaz de criar sínteses, teses e antíteses e dessa forma ir transformando a realidade de forma criativa, complexa e auto-eco-organizada.

Se parto de um sistema auto-eco-organizador e subo, de complexidade em complexidade, chego finalmente a um sujeito pensante que não é mais do que eu mesmo tentando pensar a relação sujeito e objeto. E inversamente, se parto desse sujeito da reflexão para encontrar seu fundamento ou ao menos sua origem, encontro minha sociedade, a história desta sociedade na evolução da humanidade, o homem auto-eco-organizador (MORIN, 2015, p. 42).

Mergulhar nos rios da complexidade para o sujeito é se desconstruir e reconstruir o tempo todo, enxergar o passado e o futuro como essência do momento presente. É reconhecer na história, na biologia, na física, na química, na filosofia, na educação física influências de sua complexidade infinita existencial. Para Morin (2015), “O mundo está no interior de nossa mente, que está no interior do mundo. Sujeito e objeto nesses processos são constitutivos um do outro”. E se destruímos, abusarmos, fragmentarmos, separarmos o planeta, as sociedades, as culturas, as etnias, faremos isso dentro de nós. De acordo com o autor, tudo o que está fora está dentro, tudo o que está dentro está fora.

3.2 Concepção de ser humano e a transcendência

De acordo com Morin (2015), o sujeito é individual e ao mesmo tempo coletivo; para ser autor de seu processo organizador, precisa ter consciência de si e reconhecer suas particularidades, pois “Todo indivíduo constitui-se de características infra, extra, supra meta-individuais” (PETRAGLIA, 1995, p. 57). Assim, são elementos que o diferenciam, caracterizam e distinguem dos outros sujeitos na sociedade em que está inserido.

Para se falar do sujeito, segundo Morin (2015), devemos interligar a autonomia desse ser, compreender que existe algo além da singularidade de cada indivíduo, entender que em cada indivíduo existe um sujeito. Mas isso sem levar a compreensão de sujeito para a visão tradicionalista, “porque na visão tradicional da ciência em que tudo é determinismo, não há sujeito, não há consciência, não há autonomia” (MORIN, 2015, p. 65).

Essa autonomia está ligada a uma série de condições sociais e culturais. Somos seres capazes de examinar e analisar condutas, fazer escolhas e tomar decisões. “Somos uma mistura de autonomia, de liberdade, de heteronomia e, eu diria mesmo, de possessão por forças ocultas que não são simplesmente as do inconsciente trazida à luz pela psicanálise” (MORIN, 2015, p. 68). Assim,

Noção de sujeito compreende uma definição subjetiva e biológica, simultaneamente; não podendo ser reduzida a uma concepção humanista, que considera a consciência que o ser humano tem de si, nem pode ser reduzida a uma concepção metafísica, que se norteia por conceitos transcendentais, e tampouco a uma concepção antimetafísica, que aponta para a inexistência do sujeito, mas compreende a inseparabilidade de todas elas. (MORIN, 1980, p. 152 apud PETRAGLIA 1995, p. 58).

O ser é livre e ao mesmo tempo não o é. Temos a capacidade de tomar decisões e escolhas, decidir os rumos da vida, porém existe uma série de fatores que vão dizer se realmente

o sujeito pode ou não seguir aquele caminho, tais como fatores fisiológicos, políticos, financeiros, sociais, psicológicos, familiares.

A autonomia de que falo não é mais uma liberdade absoluta, emancipada de qualquer dependência, mas uma autonomia que depende de seu meio ambiente, seja ele biológico, cultural ou social. Assim, um ser vivo, para salvaguardar sua autonomia, trabalha, despende energia, e deve, obviamente, abastecer-se de energia em seu meio, do qual depende. Quanto a nós, seres culturais e sociais, só podemos ser autônomos a partir de uma dependência original em relação à cultura, em relação a uma língua, em relação a um saber. A autonomia não é possível em termos absolutos, mas em termos relacionais e relativos (MORIN, 2003, p. 118).

A autonomia entra como a conscientização que o sujeito terá de si em meio a todos esses fatores, entendendo seus limites e suas potencialidades perante a realidade em que está inserido. E nessa relação com o outro existe a autotranscendência do sujeito, que “permite superar para si mesmo a ordem da realidade, para além de sua própria esfera e de seu ambiente, alterando-a a partir de sua dimensão ética, que irá nortear os seus valores” (PETRAGLIA, 1995, p. 59). Nesse contexto,

A consciência, em minha concepção, é a emergência última da qualidade do sujeito. É uma emergência reflexiva, que permite o retorno da mente a si mesma, em circuito. A consciência é a qualidade humana última e, sem dúvida, a mais preciosa, pois o que é último é, ao mesmo tempo, o que há de melhor e de mais frágil. E, de fato, a consciência é extremamente frágil e, em sua fragilidade, pode enganar-se muitas vezes (MORIN, 2003, p. 126).

Nascemos com a criatividade, a imaginação e a espontaneidade para decidir nosso caminho, mas a partir da convivência social e cultural em que estamos inseridos vamos mudando os rumos. Ficamos castrados, dependentes, alienados ao sistema, ao que o mundo do trabalho deseja para nós. Se estamos fora de um padrão estipulado, somos pessoas anormais e loucas. A cantora pernambucana Flaira Ferro canta em sua música “Germinar”:

Nascemos imensidão
Perdemos a conexão
Pela doença de ouvir
A voz da falsa razão
Abrindo os olhos sem acordar
Fechando o olho da intuição
Abrimos mão de enxergar
O desabrochar da vida [...]

Nascemos com a potencialidade de conexão e expansão da consciência para uma transcendência ao nível superior, o da intuição. O desabrochar da vida pode ser interpretado

como a liberdade do SER, assim como uma flor que, sem ser escrava de ninguém, se abre na primavera. Assim é o ser humano quando se apropria da sua autonomia e liberdade, independentemente do corpo físico, da deficiência, da cor, do gênero, é capaz de transcender todas as barreiras impostas e evoluir sempre. Não quero dizer isso num sentido meritocrático, mas no sentido de que não podemos deixar que determinem o nosso destino a partir do que imaginam para nós. Por exemplo, o sujeito que nasce com alguma deficiência e o escondem sente vergonha, ou aquele que nasce na periferia e é taxado como bandido se sente inferior.

Somos originários do cosmos, da natureza, da vida, mas, devido à própria humanidade, à nossa cultura, à nossa mente, à nossa consciência, tornamo-nos estranhos a este cosmos, que nos parece secretamente íntimo. Nosso pensamento e nossa consciência fazem-nos conhecer o mundo físico e distanciam-nos dele. O próprio fato de considerar racional e cientificamente o universo separa-nos dele. Desenvolvemo-nos além do mundo físico e vivo. É neste “além” que tem lugar a plenitude da humanidade (MORIN, 2000, p. 51).

O caminho é árduo e difícil para se conseguir transformar a sua realidade porque vivemos em um planeta com grandes desigualdades sociais, preconceituoso, racista e xenofóbico. No momento presente, é cobrada de nós uma resignificação dos limites e determinações que impomos uns aos outros. Necessita-se reconhecer que todos possuem capacidades cognitivas capazes de ir além das certezas e do determinismo. Morin (2000) nos fala sobre um lugar de plenitude da humanidade que vai além do mundo físico, e a cantora e compositora Flaira Ferro completa enfatizando que estamos nos distanciando da grandiosidade que é a criatividade humana, as potencialidades, o além, que não se pode limitar.

Continuando a música da compositora:

[...] Obedecer, entristecer
 Procrastinar
 Sem tempo de ser
 O que a nossa alma pede
 Dentro de nós acumulamos pesos cruéis
 Acreditando que é assim que a vida é
 Tá na hora de reagir
 Entender que somos gigantes
 Ocupar o nosso lugar
 Acolher nossas almas
 Nunca é tarde pra replantar
 Nossa terra é de amor infindo
 A semente vai germinar
 É assim que a vida é.

Fazendo uma analogia com o Cerrado goiano, observamos que as plantas possuem raízes profundas, solo seco e cascas grossas para se vier o fogo elas poderem sobreviver e

germinar novamente buscando água (vida) em suas profundas raízes. Nossa Mãe Terra e nossa mãe biológica possuem em comum a água, fonte de toda a vida. Elas nos oportunizam o amor infinito para germinarmos e seguirmos o fluxo do cosmos, que é um fluxo criador, ecológico, transdisciplinar, complexo e sustentável.

Estar em contato com a água é um momento de abertura da consciência para a criatividade e a intuição, de conexão com o sagrado e a essência humana, momento esse que é chamado, segundo Moraes e Torre (2004), de momento branco.

O momento branco é aquele momento positivo, pleno e gratificante no qual a consciência se intensifica e se torna aguda até os limites extraordinários. Somos capazes de sentir ao mesmo tempo múltiplas sensações e as ideias fluem com a máxima facilidade. (MORAES; TORRE, 2004, p. 62).

Chamaremos esse momento branco de momentos transcendentais, que nos levam também a compreender que fazemos parte de uma conexão micro e macro do universo, que somos imensidão externa e interna. O espírito humano, quando vai em busca de si próprio, cria melhores formas de existência humana, o conhecimento do interior e do exterior que tem de si e do mundo. A educação consciente pode ser um caminho para levar o sujeito a transcender sua natureza física, instintiva e animal, o elevando a um nível superior aos seus limites. Chegar a esses momentos não quer dizer que estamos aqui excluindo a importância das dimensões físicas, mas sim reconhecendo que todas as dimensões do SER são necessárias para alcançarmos esses breves momentos de conexão com o fluxo cósmico universal, transcendência ou momentos brancos.

O homem somente se realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura. Não há cultura sem cérebro humano (aparelho biológico dotado de competência para agir, perceber, saber, aprender), mas não há mente (mind), isto é, capacidade de consciência e pensamento, sem cultura. A mente humana é uma criação que emerge e se afirma na relação cérebro-cultura. Com o surgimento da mente, ela intervém no funcionamento cerebral e retroage sobre ele. Há, portanto, uma tríade em circuito entre cérebro/mente/cultura, em que cada um dos termos é necessário ao outro. A mente é o surgimento do cérebro que suscita a cultura, que não existiria sem o cérebro (MORIN, 2000, p. 52).

O desenvolvimento da cultura atinge diretamente a consciência humana e vice-versa. Tudo que acontece em determinada cultura é processo de transformação da sociedade, por exemplo, a Segunda Guerra Mundial. Todas aquelas pessoas que estavam presentes viveram intensos processos internos e externos, os que sobreviveram tiveram de se transformar interna

e externamente para continuarem a existir. E, com isso, a luta pela vida em meio à guerra elevou o nível de consciência de forma significativa.

Mesmo em meio a uma guerra mundial acontecendo, muitas pessoas estavam ali lutando pela sua sobrevivência e dos demais, como no caso do médico Ludwig Guttmann. Vemos nesse acontecimento a existência de uma relação triádica entre indivíduo/sociedade/espécie em que se conectaram, e a transcendência aconteceu. “São elementos mutuamente essenciais e complementares, cuja interdependência explica também o contextualismo, ou seja, explica a nossa dependência em relação ao ambiente e ao contexto em que vivemos” (MORAES; TORRE, 2004, p. 28).

Todas as pessoas que estiveram em contato com a guerra foram influenciadas pelo fato que ocorria na sua cultura. E os sobreviventes conseguiram ir além da tragédia que acontecia e tiveram a oportunidade de se encontrar com Guttmann, que estava também inserido nessa guerra externa, mas que em sua individualidade pôde transcender a dor e as mortes, buscando vida e saúde para todos que cruzassem seu caminho.

Reconhecer a complexidade humana: o ser humano é trinitário indivíduo-sociedade-espécie. O indivíduo não é apenas uma pequena parte da sociedade, o todo de sua sociedade está presente nele, na linguagem, na cultura. Um indivíduo não é apenas uma pequena parte da espécie humana. O todo da espécie está presente nele, em seu patrimônio genético, em cada célula, está presente até mesmo em sua mente, que depende do funcionamento do seu cérebro (MORIN, 2015, p. 140-141).

Essa relação é um momento transcendente, pode-se olhar a guerra do lado de fora e sentir que dentro de si existe algo além das dores, das tristezas, das tragédias. Reconhecer em si o amor que não se pode ver, apenas sentir. É possível se conectar com a natureza de uma forma sustentável, sem precisar guerrear com o outro, apenas lutar para a sobrevivência planetária, que, conseqüentemente, luta pela sobrevivência de si e da espécie humana. Identificamos aqui que transcender é ir além daquilo que destrói e diminui a consciência humana.

Moraes e Torre assinalam:

Dentro de cada ser humano existe uma ordem implicada onde se encontram os sentimentos, as emoções e os pensamentos em processo, onde estão todas as alegrias e as tristezas responsáveis pelo colorido da vida. Algo que é mais sutil do que a matéria densa que constitui nossa corporalidade, mas que pertence a uma ordem implicada que se revela mediante processos reflexivos gerados pela mente, pelas emoções, pelos sentimentos e afetos em constante estado de fluxo (2004, p. 60).

Chegar a esse lugar colorido é transcendentalizar a realidade. Para exemplificar, imagine que está em um avião prestes a decolar para outro país, a viagem durará cerca de cinco horas e é no horário em que o sol está nascendo. O avião começa a subir, e você sente um frio na barriga, talvez por medo ou angústia de que ele pode cair. Quando ele chega a uma altitude mínima para que possa então planar, entra em uma zona de turbulências, com muitas nuvens densas, brancas. O seu coração já está batendo mais rápido que o normal, e então o piloto comunica os passageiros de que terá de subir mais um pouco para sair dessa zona e diz para todos respirarem fundo e manterem a energia positiva na mente. O avião sobe, sobe, sobe e ultrapassa essas nuvens, e, ao olhar pela janela, é possível ver as nuvens lá embaixo, como um grande chão de algodão doce branco, e o sol está radiante, lindo, iluminando o caminho para seguir a viagem. O que acontece nesse momento? Supõe-se que venha o êxtase de estar vivo, você se lembra das pessoas amadas, se conecta com a luz do sol, com o fluxo do cosmos, e as nuvens turbulentas se tornam um elemento leve e doce da paisagem que se vê no caminho.

Para concluir, o sujeito não é uma essência, não é uma substância, mas não é uma ilusão. Acredito que o reconhecimento do sujeito exige uma reorganização conceptual que rompa com o princípio determinista clássico, tal como ainda é utilizado nas ciências humanas, notadamente, sociológicas [...] é preciso conceber o sujeito como aquele que dá unidade e invariância a uma pluralidade de personagens, de caracteres, de potencialidades. Isso, porque, se estamos sob a dominação do paradigma cognitivo, que prevalece no mundo científico, o sujeito é invisível, e sua existência é negada. No mundo filosófico, ao contrário, o sujeito torna-se transcendental, escapa à experiência, vem do puro intelecto e não pode ser concebido em suas dependências, em suas fraquezas, em suas incertezas. Em ambos os casos, suas ambivalências, suas contradições não podem ser pensadas nem sua centralidade e sua insuficiência, seu sentido e sua insignificância, seu caráter de tudo e nada a um só tempo. Precisamos, portanto, de uma concepção complexa do sujeito (MORIN, 2003, p.128).

Tudo isso que foi descrito aqui pode se considerar parte da plasticidade do cérebro humano. Temos dentro de nós infinitas possibilidades de transcendência, “somos o que são nossos pensamentos, sentimentos e emoções. Somos o que são as circunstâncias e os fluxos que nos alimentam” (MORAES; TORRE, 2004, p. 61). Sobre a concepção do ser, é possível completar:

O ser humano é ao mesmo tempo singular e múltiplo. Dissemos que todo ser humano, tal como o ponto de um holograma, traz em si o cosmo. Devemos ver também que todo ser, mesmo aquele fechado na mais banal das vidas, constitui ele próprio um cosmo. Traz em si multiplicidades interiores, personalidades virtuais, uma infinidade de personagens quiméricos, uma poliexistência no real e no imaginário, no sono e na vigília, na obediência e na transgressão, no ostensivo e no secreto, balbucios embrionários em suas cavidades e profundezas insondáveis. Cada qual contém em si galáxias de sonhos e de fantasmas, impulsos de desejos e amores insatisfeitos, abismos de desgraças, imensidões de indiferença gélida, queimações de astro em fogo,

acessos de ódio, desregramentos, lampejos de lucidez, tormentas dementes [...] (MORIN, 2000, p. 56).

Morin (2000) fala sobre o ser que é fluxo intenso de grandes transformações. A complexidade e as guerras são dentro e fora do SER, da mente. Cabe ao ser humano perceber-se perante essa infinitude de processos complexos e lembrar que existe um sol grandioso para iluminar as nuvens turbulentas do cotidiano. Isso é a consciência de si, momentos transcendentais perante tudo o que se nos apresenta na vigília, no sono, na paz, na briga, na alegria, na tristeza.

O SER percebe a sua essência a partir do contato com o outro, se forma a partir dos processos sociais de sua vida, de sua cultura. A realidade material é como uma força natural que pertence à corporeidade humana; braços, pernas, coluna, genética, tudo é modificado e adaptado para o indivíduo atuar na natureza que o cerca. Em busca de sobrevivência, o ser humano é capaz de se modificar fisiologicamente, de modo consciente ou inconsciente. “O sujeito sob a ótica transdisciplinar, poderá ser alcançado em suas múltiplas dimensões e aflorar suas diversas potencialidades” (ALVES; SOARES, 2022, p. 317).

A relação triádica continua fazendo sentido para a formação do sujeito auto-eco-organizador. Podemos analisar que a essência do ser é transcendente à matéria que nos cerca e se conecta com o que tem de mais amoroso que existe em toda a criação divina.

A possibilidade do gênio decorre de que o ser humano não é completamente prisioneiro do real, da lógica (neocórtex), do código genético, da cultura, da sociedade. A pesquisa, a descoberta avançam no vácuo da incerteza e da incapacidade de decidir. O gênio brota na brecha do incontrolável, justamente onde a loucura ronda. A criação brota da união entre as profundezas obscuras psicoafetivas e a chama viva da consciência (MORIN, 2000, p. 60-61).

A consciência está no corpo, o corpo é o mundo no qual vivemos. Sem o corpo não existe o ser. Logo, esse corpo que habito é o veículo de conexão do interno com o externo. Existir é ter consciência de si através do corpo totalmente interligado à mente. O corpo é o lugar onde ocorre a transcendência do indivíduo e onde este se articula com o mundo.

O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a ler de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de minhas percepções explícitas. A verdade não ‘habita’ apenas o ‘homem interior’, ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se reconhece. Quando volto a mim a partir do dogmatismo do senso comum ou do dogmatismo da ciência, encontro não um foco de verdade intrínseco, mas um sujeito consagrado ao mundo (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 6).

Cada cultura enfatiza um ou diversos sentidos para o uso do corpo, e esse controle se dá pela noção que se tem de corpo e de natureza. Segundo Daolio (2013), o controle do uso do corpo aparece como necessário ao surgimento da cultura. É no corpo que estão inscritas todas as regras, normas e valores de uma sociedade em específico. O homem, por meio do seu corpo, assimila e se apropria de valores, normas e costumes sociais, num processo de incorporação.

Mauss (1974) define a técnica corporal como sendo as maneiras que os seres humanos definem suas sociedades, a maneira de considerar a totalidade humana. No fundo, corpo, alma, sociedade, tudo se mistura. Mauss propõe a denominação de fenômenos de totalidade a todas as personalidades, todos os indivíduos que na sua integridade moral, social e mental existem na forma corporal e material. (DAOLIO, 2013, p. 42).

A cultura geral contemporânea, ao invés de reinventar os corpos para uma individualização que permita ao ser humano conquistar a sua natureza e ter contato com a sua essência, controla os corpos para uma produção capitalista. Utiliza-se do trabalho como uma forma de alienação e distancia o ser de experimentar a integralidade humana. Assim, “Segundo a tendência histórica do trabalho no capitalismo, ao invés de formar a consciência do homem, a cultura do capital rompe com ela” (BAPTISTA, 2013, p. 83).

A corporeidade, segundo Gonçalves (1994), implica uma capacidade de transcendência, o agir que ao mesmo tempo cria e comunica com o mundo. Para ser integral, deve ter um sentido que não reduza a subjetividade e a objetividade do indivíduo, mas que amplie o encontro desses dois polos.

Levando isso para a nossa análise de pessoas com deficiência, que estão fora do padrão e das necessidades do capitalismo, elas são tratadas como inúteis para o meio de produção capitalista. O trabalho que Ludwig Guttmann desenvolveu com aquelas pessoas lesionadas da Segunda Guerra Mundial se reflete significativamente em todo o planeta, sendo uma forma de ressignificar a vida de pessoas que normalmente são excluídas da sociedade.

Isso é transcender o que culturalmente é predeterminado para quem não tem um corpo normal, inserido no padrão social. É renaturalizar o corpo e proporcionar uma consciência de si natural e cultural que seja capaz de ir além de um corpo biológico, proporcionar ao indivíduo a conexão profunda com o seu ser e sua fortaleza interna, a capacidade de transcendência e conexão, o estar vivo.

Digamos que transcendência é (bem-)estar no sentido de estar presente. Quando se transcende, trazemos a consciência para o instante do agora, e esse instante é de tranquilidade e paz. Podemos estar em meio a uma guerra, uma doença, uma grande tristeza e, se paramos, respiramos e nos conscientizamos sobre o estar-se vivo, assim a tempestade é dominada.

Moraes (2019, p. 87), citado por Dolores e Pereira (2022, p. 202), escreve que “O potencial criador se manifesta ao estabelecer correspondência entre o mundo exterior do objeto e o mundo interior do sujeito [...]”. Desconectamo-nos do externo, cheio de turbulências e inquietações, como grandes ondas de um mar de ressaca, e entramos num universo interior, que pode também estar com todas essas turbulências, sombras e furacões de emoções descontroladas. E aos poucos vamos compreendendo esses sentimentos e emoções para podermos nos conectar com o potencial criador que habita em nós e que pode ser a fortaleza interior, lugar onde podemos descansar, nos aquietar e sentir o amor leve e calmo do grande fluxo atemporal que vivemos.

Segundo Morin (2005), o sujeito transcende quando a consciência chega ao além. O sujeito se desdobra para um reino não ocupado pela ciência, elimina o universo positivista do sujeito, e o mundo objetivo se dilui no ser humano que o pensa. Transcender é estar aberto a uma gama de possibilidades que existem dentro da prática de natação para a pessoa com deficiência. É deixar a espontaneidade e a criatividade fluírem com liberdade para as incertezas que a prática física pode proporcionar em nós. É viver uma constante excitação e o gozo do momento presente, diluir os dramas que nos perseguem, o passado dolorido, e criar o que quiser a partir daquele momento.

É sentir-se inteiro e em prontidão para ser mais feliz e alegre com corpo que se tem e com as limitações que o mundo apresenta para si. É reconhecer que vivemos em um ambiente de incertezas, dúvidas e inseguranças, mas também um mundo infinito de possibilidades, criações, objetivos e sonhos para serem realizados. Transcender é ter a consciência de que o mundo objetivo em que vivemos veio, antes de tudo, da imaginação e da subjetividade do ser humano.

A natação é um caminho para se chegar à transcendência. Qualquer pessoa transcende, desde um pós-doutor a uma pessoa de uma região longínqua dos centros urbanos que nunca se alfabetizou. Transcender está ligado ao ser humano e sua capacidade criativa; não tem a ver com a capacidade inteligível, mas sim com a capacidade de sentir, de se integrar ao sentir, pensar e agir.

Integrar-se é se conectar com o seu centro; segundo Moraes e Torre (2004), o indivíduo integral descobre a virtude da vida, que está no nosso centro. É também voltar a nossa atenção para os processos de fragmentação que permeiam nossa educação há séculos. “É conspirar a favor da plenitude humana para que possamos ser felizes em nossa humanidade, cumprindo a finalidade de nossa existência” (MORAES; TORRE, 2004, p. 69).

Transcender é um processo criativo. É reinventar-se dentro da realidade que é apresentada. Pensando no caso da pessoa com deficiência, o mundo e o Brasil não estão

preparados para lidar com tamanha diversidade humana. A pessoa com deficiência, por ter de se adaptar o tempo todo, possui processos criativos intensos e precisa ser extremamente espontânea e livre para se reinventar e sobreviver.

Neste sentido, cabe a nós, educadores, criar espaços educacionais, presenciais ou virtuais, propícios à ação e à reflexão, espaços acolhedores, amigáveis, amorosos, criativos e não competitivos, ambientes onde se estimule e valorize o fazer em contínuo diálogo com o ser que se expande e transcende (MORAES; TORRE, 2004, p. 68).

Reconhecer que a natação estimula a criatividade das pessoas não é algo comum a nós professoras e professores. Somos formados para criar ambientes de comparações e competitividade exacerbada, e a forma de motivar os alunos e as alunas a evoluírem é sempre quantificando as habilidades motoras no meio líquido.

As aulas de natação são um momento em que essas pessoas ganham autonomia e liberdade para sentir sua espontaneidade e criatividade, momento de conectar o sentir, o pensar e o agir. O ambiente líquido que as cerca auxilia os movimentos do corpo, a percepção corporal se aguça e desperta novas habilidades, estas que por muitas vezes estão abafadas pelo mundo que não é adaptado para acolhê-las com as características que possuem. É a abertura do coração para o imaginário. “Alinhando pensamentos, emoções, sentimentos e ações com algo mais elevado que nós mesmos, então a vida se tornará mais rica, plena, cheia de significados e sentido” (MORAES; TORRE, 2004, p. 69).

Consideramos que ensinar a nadar não é

[...] somente para o desenvolvimento da inteligência e da personalidade, mas, sobretudo, para a “escuta dos sentimentos” e “abertura do coração”. É educar para a evolução da consciência e do espírito, para que o ser humano atinja um estado de plenitude, onde já não será mais preciso reprimir ou negar a experiência da comunhão, do coração, a experiência do sagrado, reprimida durante séculos em nome da chamada ciência (MORAES; TORRE, 2004, p. 69).

A água proporciona aos que não andam se locomoverem, aos que não enxergam sentirem da cabeça aos pés, aos que possuem dificuldade motora coordenarem de forma livre para se deslocar de um lado para o outro e aos que possuem deficiência intelectual poderem desenvolver suas habilidades corporais. Esses são alguns exemplos do processo de criatividade e de transcendência das pessoas com deficiência por meio da natação.

A próxima seção nos fará adentrar experiências vividas por pessoas com deficiência. Vamos transcender as explicações até aqui apresentadas e ir ao além da individualidade de três atletas, um deficiente físico, um deficiente visual e um deficiente intelectual. Os dados foram

coletados por meio de uma pesquisa presencial, e, a partir deles, descobriremos se a transcendência está presente na prática de nadar desses atletas.

4 MERGULHANDO E TRANSCENDENDO OS DADOS COLETADOS

Na seção anterior, pudemos entender um pouco mais sobre a concepção de sujeito através da epistemologia da complexidade e apresentamos também o que é a transcendência do ser e o processo de criatividade. Isso é importante para que possamos buscar nas falas dos entrevistados ligações com a transcendência do ser e a natação.

Nesta seção, abordaremos as perguntas e as respostas dos entrevistados, fazendo ligação com a transcendência, a complexidade, a criatividade, a natação e a corporeidade humana. Vamos primeiramente apresentar a pergunta e na sequência as três respostas que ela obteve; depois, as relacionaremos com o nosso referencial teórico e objetivos, percurso esse que percorreremos com as sete perguntas.

Pergunta 1:

Quais suas percepções sobre ser nadador com deficiência?

Respostas:

Diego Ferreira:

Eu sinto meu corpo com muita água, eu já fui para campeonato e eu ganho todas as medalhas. Eu me sinto um nadador *campeão*.

Anderson Calai:

Boas, eu me percebo em lugares diferentes, me sinto à vontade quando estou na natação.

Manir Filho:

Comecei a nadar sozinho desde sempre, já tinha contato com a água. Agora, para competir em 1992, comecei a nadar por causa de uma reabilitação. Na água fica mais leve, nem sinto minha barriga crescer mais, na água fico magro.

Transcendendo os dados 1:

Diego se sente um nadador campeão, sente seu corpo com mais água. Anderson fica mais à vontade, e Manir se sente mais leve, mais magro. Observamos que os três falam sobre a sensação de estar na água e se sentir além do que se percebe normalmente, claramente a natação os ajudam a transcender barreiras impostas às pessoas com deficiência. Sente-se a vontade, leveza, reabilitação, sentir-se vencedor... foram falas que apontam a importância da natação e da água para o viver dos entrevistados.

Sabemos que o ser humano quando fica sem água tem uma morte mais rápida do que se ficar sem comida. “Se seu corpo perder mais de 20% de seu conteúdo normal de água, terá morte dolorosa” (BRUNI, 1993, p. 56). Além disso, para a reprodução da vida, o meio líquido é necessário, pois “O sêmen animal, o útero materno contém água e o feto desenvolve-se primeiramente num meio aquoso” (BRUNI, 1993, p. 56).

Onde existe prazer existe regressão e o prazer consiste no bem-estar do calor do líquido amniótico, como se houvesse um retorno a uma situação pré-natal, uma perfeição regressiva sob a forma de uma volta ao antes do nascimento. Ser salvo de um perigo, sobretudo na água (líquido amniótico); do mesmo modo, com que regularidade elas exprimem as sensações experimentadas durante o coito e na existência intra-uterina através das sensações de nadar, flutuar, voar [...] (FERENCZI, 1990, p. 54 apud BONACELLI, 2004, p. 21).

Pela fala dos atletas com a água representa VIDA e consciência, se ficamos sem água, morremos, a água nos deixa mais leves, mais livres e com sensação de ser campeão. Estar na água é prazeroso! Quando nascemos, respiramos fundo e logo nos colocam para mamar o leite materno para nos acalmar. O primeiro calmante da vida é o líquido materno, conforme afirmação de Bachelard (1998, p. 128): “O leite é o primeiro dos calmantes. Portanto a paz do homem impregna de leite as águas contempladas”. No coletivo temos a água como essencial para a existência humana, e na individualidade cada um tem a água como símbolo do amor materno que também faz parte do existir humano. Para Andries Junior (2008) “O homem tem nas suas inter-relações um encontro inesperado com o processo mutável da realidade e uma complexa sucessão de símbolos, feitos e significados (ANDRIES JUNIOR, 2008, p.30). ao pensar um em um corpo nadando, é comum enxergar os movimentos sob uma perspectiva somente da execução técnica, deixando de perceber as subjetividades do corpo-sujeito que se relaciona com o meio através daqueles movimentos.

A partir desses relatos podemos entender que a natação promove sensações; sentir-se com autonomia, sentir-se envolvido da cabeça aos pés, sentir-se com menos peso, talvez peso não corporal, mas o peso que a nossa consciência carrega diariamente.

O prazer que as relações com água proporcionam tem ligações com a evolução filogenética e ontogenética do homem. Esse prazer é que se deve oferecer em uma aula de natação, e não apenas buscar nela o rendimento técnico. Quem sabe assim as aulas de natação e sua prática possam ser fonte de crescimento do homem e não apenas do ponto de vista físico, como também cognitivo, emocional e social (ANDRIES JUNIOR, 2008, p. 32).

A autonomia está ligada a uma série de condições sociais e culturais. Somos seres capazes de examinar e analisar condutas, fazer escolhas e tomar decisões. Nesse sentido,

“Somos uma mistura de autonomia, de liberdade, de heteronomia e, eu diria mesmo, de possessão por forças ocultas que não são simplesmente as do inconsciente trazida à luz pela psicanálise” (MORIN, 2015, p. 68). O ser humano que integra o sentir-pensar e agir, necessita de autonomia para movimentar a vida.

Reabilitar-se por meio da natação é algo que serve para todas as pessoas; no caso da pessoa com deficiência, ela se utiliza da natação para uma reabilitação físico-motora, mas que na verdade pode ser uma reabilitação para sua existência enquanto pessoa social e cultural. É na natação que ela volta a conviver com outras pessoas, que se inclui e se sente útil perante a sociedade, a qual não está preparada para receber essa pessoa que possui uma deficiência que a torna diferente do padrão.

Pergunta 2:

Que experiências criativas você estabelece com a água ao ser nadador?

Respostas:

Diego Ferreira:

A água dá muita energia, eu sinto meu corpo nadando, sinto velocidade, rapidez. Eu nado mais rápido, me sinto veloz dentro da água.

Anderson Calai:

Melhorar a cada dia mais na água, ter mais técnicas. Acaba ganhando mais experiência. Melhorei meus tempos e minha técnica para o próximo ano.

Manir Filho:

Os professores aqui são excelentes, faz tempo que eu nado, então todos são muito dedicados. Se eu não nadasse, estava na cadeira de rodas, talvez já teria morrido. A natação me dá vida. Fico mais leve. A água me domina e me deixa tranquilo.

Transcendendo os dados 2:

Observamos nas três respostas os atletas se auto-eco-organizando interiormente para ir além do que já se sabe sobre o nadar. Aprender mais técnicas, ganhar competições, ser mais veloz, romper barreiras e diagnósticos impregnados na pessoa com deficiência. Quando digo diagnósticos, me refiro aos preconceitos e limites de preconceitos impostos àquela pessoa e às suas potencialidades.

Brems (1986, p. 01) caracteriza a natação com uma preocupação de tê-la somente sob o aspecto da vitória, mas vê a necessidade de uma transcendência temática: '[...] o treinamento deveria ser, também, divertido. Ao final no meu modo de pensar, vencer a natação deve ir além da sensação de tocar na borda da piscina em primeiro lugar ao final de uma competição, e alcançar a sensação de manutenção da juventude e vigor ano após ano'. Esse caráter de transcendência, também é notado na conceituação de Sobolev e Fomtchenko (1995, p. 11) 'O entusiasmo na prática da natação: sentir-se dentro da água como um peixe e não somente sentir, mas nadar' (ANDRIES JUNIOR, 2008, p. 29).

A natação aqui é identificada como uma prática criativa de transcendência individual, um momento de extravasar, digamos: brincar. A água nos chama para a fluidez, tira a rigidez dos ambientes sociais concretos, e, se for bem guiada, a natação pode nos proporcionar alegria, entusiasmo e diversão.

O atleta Diego sente-se energizado. E o que é sentir-se energizado? Veloz? Rápido? É estar em um estado de plenitude, uma elevação da consciência que o tira do tempo cronológico e o leva a um tempo próprio de energia vital conectada com o que tem de mais vivo dentro de si. Estar em contato com a água é um momento de abertura da consciência para a criatividade e a intuição, de conexão com o sagrado e a essência humana, momento esse que é chamado, segundo Moraes e Torre (2004), de momento branco.

O momento branco é aquele momento positivo, pleno e gratificante no qual a consciência se intensifica e se torna aguda até os limites extraordinários. Somos capazes de sentir ao mesmo tempo múltiplas sensações e as ideias fluem com a máxima facilidade. (2004, p. 62).

E nós chamamos esse momento de transcendência individual. Sentir-se energizado, vivo, veloz, fluido! É o mais puro exemplo de que a natação nos guia para esses momentos de êxtase, produzido naturalmente pelo corpo físico e pela consciência integrada ao sentir, pensar e agir.

O atleta Anderson diz “melhorar e ganhar”, duas palavras que me chamaram atenção nessa resposta. Quando perguntado sobre criatividade por meio da natação, o atleta diz sobre ir além do aprendizado que já tem. Melhorar os tempos, a experiência, as técnicas. Almeja um futuro melhor, a natação o faz sonhar, manter a consciência focada em ser melhor e crescer, expandir sua criatividade e suas potencialidades motoras dentro da água.

Um princípio que requer que nosso pensamento vá além dos aspectos cognitivos, baseados no desenvolvimento de competências e habilidades e abarque também o mundo emocional, intuitivo e espiritual do sujeito, para que o processo educacional possa verdadeiramente ecoar nas subjetividades dos educandos e promover a evolução de sua consciência (MORAES; SUANNO, 2014, p. 3).

A natação o desafia a todo momento e promove a sensação de liberdade para vencer as barreiras impostas à pessoa com deficiência e ao atleta de alto rendimento. Isso porque ganhar uma competição não é um processo simples, precisa-se treinar bastante, aprender a perder, ter disciplina e vontade de se superar todos os dias, é um processo doloroso, cansativo, emocionante, gratificante.

A diferença entre ser uma estrela com contratos interessantes ou mais um atleta da natação de alto nível que ficou a um centésimo de segundo da vitória, o qual é extremamente valioso na natação competitiva e o que faz dela tão apaixonante (ANDRIES JUNIOR, 2010, p.35).

O atleta Manir nos traz um relato forte! Sem a natação, ele já teria morrido, a natação o faz andar, e logo depois ele diz que a água o domina e o deixa tranquilo. O que ela domina? A vontade de paralisar, não andar e morrer? Domina a consciência que deprecia a morte e o leva para a vida? Surgem aqui muitas questões... Observo a natação, neste caso, como uma ferramenta de transcender a morte e levar à vida.

O atleta sofreu um derrame por volta dos 30 anos, e desde então o lado esquerdo do seu corpo ficou paralisado. Sem a natação, ele ficava em cadeira de rodas; quando fica sem nadar, ele regride os movimentos motores. Sua consciência precisa estar ativada para que continue ativo, desperto, falando e andando.

A natação o reabilitou para a vida, e, quando perguntado sobre a criatividade, ele diz mais uma vez sobre se sentir mais leve... sentir-se acolhido pelos professores. O atleta nada em superfície e em submersão, com isso analisamos o mundo humano desde as superfícies até as profundas explicações, pois “O sujeito emerge ao mesmo tempo que é mundo” (MORIN, 2015, p. 37), integrando esse ir e vir da água humana, que podemos relacionar com a subjetividade.

Ele emerge desde o ponto de partida sistêmico e cibernético, lá onde certo número de traços próprios aos sujeitos humanos (finalidade, programa e comunicação etc.) são incluídos no objeto máquina. Ele emerge, sobretudo, a partir da auto-organização, onde a autonomia, individualidade, complexidade, incerteza, ambiguidade tornam-se caracteres próprios ao objeto. Onde, sobretudo, o termo ‘auto’ traz em si raiz da subjetividade (MORIN, 2015, p. 39).

Aqui o corpo, a subjetividade e a objetividade viraram uma bacia hidrográfica. Todas as características humanas deságuam em um só lugar e trazem em si a autonomia de seguir o fluxo como um todo integrado e auto-eco-organizado, organização essa que nos apresenta um sujeito capaz de ir do nascimento à morte e ao além, trazendo em si a consciência subjetiva e intuitiva de se autodirecionar pelo fluxo vital.

Vemos que a criatividade é ter consciência de si e se direcionar para transformar a realidade vivida. Ele diz que a água o domina, mas a água externaliza o que está dentro dele, a subjetividade dele entende a água como algo que o acalma, o deixa mais leve e o faz andar... Mas na verdade isso é a forma como ele se relaciona com a natação e como a consciência dele se percebe naquele ambiente líquido.

Evolução da consciência é sinônimo de interação entre todas as dimensões do ser humano, desde o nível físico ao espiritual. E o sujeito começa a ter consciência de si, mergulhando em se autoconhecer para buscar um caminho de auto-eco-organização, pois ter consciência de que faz parte do todo é se reconhecer integrante do processo. “Esses múltiplos aspectos de uma realidade humana complexa só podem adquirir sentido se, em vez de ignorarem esta realidade, forem religados a ela” (MORIN, 2003, p. 113).

Desde então, pode-se conceber, sem que haja um fosso epistêmico intransponível, que a autorreferência desemboque na consciência de si, que a reflexividade desemboque na reflexão, em resumo, que apareçam ‘sistemas’ dotados de uma capacidade tão alta de auto-organização que produzam uma misteriosa qualidade chamada consciência de si [*consciousness or self-awareness*] (MORIN, 2015, p. 39).

O sujeito é transcendentalizado ao além de tudo o que pode ser descrito. O mistério da consciência de si é a individualidade que cada um tem de enxergar, sentir, perceber e agir no mundo. Para Morin (2015), “O mundo está no interior de nossa mente, que está no interior do mundo. Sujeito e objeto nesses processos são constitutivos um do outro”. E se destruímos, abusarmos, fragmentarmos, separarmos o planeta, as sociedades, as culturas, as etnias, faremos isso dentro de nós. De acordo com o autor, tudo o que está fora está dentro, tudo o que está dentro está fora.

Dentro da barriga de nossa mãe, quando estamos envolvidos pelo líquido e nos preparando para nascer, refletimos que talvez a água traga essa regressão na consciência e a sensação de renascimento, a reabilitação por meio da natação se torna um renascimento. Nadar é um processo criativo de consciência corporal que transcende a vontade de morrer. Mergulhar nos rios da complexidade para o sujeito é se desconstruir e reconstruir o tempo todo, enxergar o passado e o futuro como essências do momento presente.

Pergunta 3:

Como a água contribui para você transcender o ser nadador com deficiência?

Respostas:

Diego Ferreira:

A água me ajuda a superar a deficiência, não possuo nenhuma deficiência, graças a Deus.

Anderson Calai:

Eu sempre gostei de água, antes eu não gostava. Comecei a ter amor pela natação, a gente tem um laço com a água. A gente aprende a desenvolver, desenvolver um padrão. Quando a gente começa, a água é muito pesada, e, quando começa a treinar, a água fica mais leve. No começo foi difícil, não sabia como lidar com a deficiência, então a natação começou a me dar oportunidades perante a sociedade, e eu comecei a ver a natação como algo mais sério para minha vida.

Manir Filho:

A natação me ajuda 100%, t  nadando, eu não me vejo uma pessoa com deficiência. Eu faço no Sesc, e a piscina é normal. O que mais sinto limitações com a minha deficiência é o espaço físico e o preconceito da sociedade.

Transcendendo os dados 3:

Os atletas possuem relação de intimidade com a água e dominam o meio líquido com maestria. Falam da água com alegria, sorriso, paixão. Nas falas, é possível perceber o quanto são gratos e felizes por praticarem a natação. Falam sobre o laço que a água provoca em nós, primeiro ela se apresenta pesada e difícil de lidar, mas com o tempo adquirem habilidades para a sentirem mais leve e fluida passando pelos seus corpos. Essas habilidades adquiridas são também um processo de criatividade, pois precisam se reinventar dentro da água para poderem se deslocar, respirar, nadar. A água é uma grande professora para todos nós.

Para alguns a resposta de Diego pode soar ir nica quando ele diz que não possui nenhuma deficiência. Mas pelo contrário, ele respondeu com muita seriedade essa pergunta e enfatizou que não possui deficiência e que a natação o ajuda a superar qualquer barreira imposta sobre ele. Os atletas Anderson e Manir enfatizam a importância da natação para a superação de preconceitos da sociedade.

Os problemas relatados em relação a ser uma pessoa com deficiência são voltados para os preconceitos e os espaços que precisam frequentar. Ainda não possuímos estrutura para recebê-los da forma como merecem. É tudo muito desabilitado, porém, segundo os Artigos 1  e 4  da Lei n  13.146, de 6 de julho de 2015:

Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

Art. 4º Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação.

A natação inclui e acolhe desde o corpo físico até a moral social da pessoa. Vemos que a natação promove na vida desses atletas o amparo que eles não possuem em outros ambientes. “No começo foi difícil, não sabia como lidar com a deficiência, então a natação começou a me dar oportunidades perante a sociedade” (CALAI); “O que mais sinto limitações com a minha deficiência é o espaço físico e o preconceito da sociedade” (MANIR FILHO). Essas falas enfatizam como a sociedade ainda não sabe como receber as pessoas com deficiência. Elas não são minorias, são muitas; se ficarmos em um hospital por 24 horas, com certeza vamos ver pessoas que se acidentaram e adquiriram alguma deficiência ou pessoas que já nasceram com a deficiência.

Segundo a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015:

Art. 8º É dever do Estado, da sociedade e da família assegurar à pessoa com deficiência, com prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à sexualidade, à paternidade e à maternidade, à alimentação, à habitação, à educação, à profissionalização, ao trabalho, à previdência social, à habilitação e à reabilitação, ao transporte, à acessibilidade, à cultura, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à informação, à comunicação, aos avanços científicos e tecnológicos, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, entre outros decorrentes da Constituição Federal, da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo e das leis e de outras normas que garantam seu bem-estar pessoal, social e econômico.

Art. 28. Incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar: IX - Adoção de medidas de apoio que favoreçam o desenvolvimento dos aspectos linguísticos, culturais, vocacionais e profissionais, levando-se em conta o talento, a criatividade, as habilidades e os interesses do estudante com deficiência;

É possível usar a natação como lente e enxergar as pessoas com deficiência para além do nível macrofísico, do nível do que é visível ou percebido pelos cinco sentidos, tratá-las como pessoas que possuem características físicas, motoras ou intelectuais como qualquer outra, dissolvendo o preconceito que é imposto sobre esses corpos desde o dia em que nasceram ou adquiriram a deficiência. Olhar a natação através das lentes do pensamento complexo possibilita a “Abertura do imaginário, imaginação criativa, da intuição, dos sentimentos, desejos e afetos que permeiam a corporeidade humana” (MORAES, 2014, p. 35). A Natação oportuniza aos atletas uma visão de futuro para suas vidas, os ajuda a transcender aspectos sociais com os quais antes não sabiam como lidar.

Pergunta 4:

Que relações são estabelecidas com seu próprio corpo ao nadar?

Respostas:

Diego Ferreira:

O esporte me ajuda a ter mais memória e ganhar muitas competição. Eu faço somente natação para sair bem lá fora.

Anderson Calai:

Melhor. Dentro da água, eu consigo enxergar mais do que os outros. Fora é mais difícil, tenho mais noção da metragem e dimensão da piscina. Tenho a visão 100% do que fora, que tenho 50%. Na natação tem duas maneiras de você saber, ou pelas bandeirolas ou pelo T da piscina. Quando você olha para o chão e vê o T, significa que falta pouco para chegar à borda.

Manir Filho:

Normal. Eu tenho medo da água, ela é traiçoeira, nadando eu aprendo a ter controle da água, mas ainda tenho medo.

Transcendendo os dados 4:

Vejo que a natação ajuda Diego a ter mais memória e ganhar, ou seja, serve para ele ficar bem lá fora. Podemos relacionar isso com a autoestima elevada por meio do esporte e, mais uma vez, a criatividade sendo fortalecida na vida deles. Também favorece ter boa memória, pois trabalha o córtex cerebral de forma única, uma modalidade que é bem simétrica e exige coordenação motora o tempo todo.

Relacionando com a subjetividade deles, “sair bem lá fora”, o que isso pode representar? Se, segundo Morin (2015), “O mundo está no interior de nossa mente, que está no interior do mundo. Sujeito e objeto nesses processos são constitutivos um do outro”, assim lá fora é o mesmo que aqui dentro. Consequentemente, se sair bem por inteiro, isso se refletirá no bem-estar físico e emocional. O próprio atleta diz que ganha tudo e se sente energizado, veloz e mais leve. Se estamos bem ou mal fora, refletiremos isso dentro de nós.

Dentro da água a sua visão se amplia; Anderson é diagnosticado com miopia e possui apenas 50% de sua visão. Essa é uma avaliação feita para o ambiente terrestre, os médicos não o avaliaram no meio líquido. Dentro da piscina, o atleta garante ter 100% da sua visão, sabe perfeitamente nadar em linha reta, fazer a virada tanto em decúbito ventral quanto dorsal. Ele se localiza bem e considera enxergar mais do que as outras pessoas.

É incrível pensar que, dentro da água, nós, que temos 100% da visão, vemos tudo borrado, talvez enxerguemos 50% a menos que na terra, mas, para Anderson, é possível ter 100% da visão quando nada. Trata-se de um pensar complexo sobre si e o outro. Assim, “O pensar complexo também evoca a noção de que o ser humano é ao mesmo tempo biológico, cultural, físico, psíquico, social, histórico e espiritual, isto é, multidimensional, sendo que estas dimensões interagem entre si” (SANT’ANA; SABOTA; SUANNO, 2017, p. 175).

Prender-se a um diagnóstico é limitar as infinitas possibilidades da criatividade, da imaginação e da espontaneidade humanas. Mesmo com medo, Manir avança e não desiste. A água lhe ensina diariamente a dominar o medo, a mente, os pensamentos, segundo a resposta em que o atleta diz sobre ser dominado e dominar. Ele analisa e integra as dimensões do medo e da coragem para estar naquele ambiente líquido, o que deixa ver que existe um amplo diálogo interno sobre desistir, sentir medo e persistir e vencer. A natação promove a consciência de si perante as vozes internas que ficam o tempo todo tentando nos sabotar.

Educar é um fenômeno biológico fundamental que envolve todas as dimensões do viver humano, em total integração do corpo com a mente e o espírito, lembrando que quando isto não ocorre se produz alienação e perda do sentido social e individual do viver/conviver. Educar é enriquecer a capacidade de ação e de reflexão do ser aprendente. É desenvolver-se em parceria com outros seres, desenvolver-se na biológica do amar que nos mostra que ‘o ser vivo é uma unidade dinâmica entre o SER, FAZER e o CONHECER’ (MATURANA; NISIS, 1995, p. 49 apud MORAES, 2014, p. 39).

Nadar é um processo educativo que auxilia a pessoa com deficiência a conviver em uma sociedade preconceituosa, alienadora e opressora de corpos que não são padrão. É um caminho que amplia a consciência e conecta as dimensões físicas, psíquicas e espirituais do ser.

A relação com o próprio corpo, quando se nada, precisa estar consciente por todo tempo em imersão, focar no que está acontecendo, caso contrário afogamos. É um estado de alerta que aterrissa o ser no momento presente. Para Merleau-Ponty (2006), o ser humano como um “ser no mundo” é a presença de um corpo fenomenológico, o corpo é o lugar onde acontece o fenômeno da vida. Se estamos nesse corpo, presentes e conscientes, nos aproximamos do viver, do fluxo vital, e deixamos os medos irem embora ‘por água abaixo’.

Como disse o atleta Manir (2023), “Eu tenho medo da água, ela é traiçoeira, nadando eu aprendo a ter controle da água, mas ainda tenho medo”. Não é que ela seja traiçoeira, a água é o que é o tempo todo, a questão é que nós aprendemos a conviver com ela e fluir; mas, se deixamos a mente vagar, nosso corpo não terá consciência e quem vai por água abaixo somos nós. Segundo Santana (2003) é essencial uma ambientação no meio líquido com brincadeira e

jogos, flutuações e mergulhos com objetivo de todos os alunos se tornarem amigo da água, com vontade de vê-la e senti-la.

Quando se inicia o processo de aprendizagem da natação, a fase de adaptação ao meio líquido é a base para o ensino eficiente. É nessa fase que ocorre a familiarização do aluno com o novo meio [...] nadar é muito mais que um esporte: significa ter maiores opções de lazer, condições de se defender em meio aquático e auxiliar na preservação da vida de outras pessoas (SANTANA, 2003, p. 16 e 17).

O atleta Diego diz “me ajuda a ter mais memória”, e sim, ajuda! É necessário gravar bem na memória como se nada para que não se afunde ao invés de mergulhar. Afundando, não voltamos à superfície; mergulhando, podemos ir e voltar quando quisermos, isso faz parte de ter conhecimento e aprendizagem sobre algo.

Podemos relacionar aprender a nadar com autonomia. Assim, “a Educação Física deve, progressiva e cuidadosamente, conduzir o aluno a uma reflexão crítica que o leve à autonomia no usufruto da cultura corporal de movimento” (BETTI, 1994 apud BETTI; ZULLIANI, 2002, p. 75). Nadar melhora a criatividade e expande a consciência sobre o próprio corpo e o corpo do outro. Nesse contexto, é possível se enxergar para além de um diagnóstico, proporcionando ao atleta uma visão crítica sobre si mesmo.

Pergunta 5:

Qual estratégia utiliza para superar as barreiras que a sociedade impõe à pessoa com deficiência ao nadar?

Respostas:

Diego Ferreira:

Não sinto nenhum tipo de barreira imposta pela sociedade. Eu vim no mundo para ganhar e ninguém tira isso de mim, graças a Deus.

Anderson Calai:

Através do esporte a gente consegue quebrar essas barreiras, muitos hoje não acreditam que conseguem ser alguém importante. Através do esporte somos capazes de quebrar essas barreiras que a sociedade impõe. Através da natação me deu mais oportunidade do que a escola, a escola não dá o incentivo para o aluno, tem que fazer as coisas por nota. A natação na minha vida é isso, uma grande oportunidade de vencer e superar meus limites. Na água eu não sou apenas um cego, a natação mostra de uma forma diferente. Querer ser alguém importante ou

ser um professor, desenvolve a pessoa para o quesito que ela quer ser na vida. A escola já não proporcionou essa desenvoltura.

Manir Filho:

Agora não tenho problema nenhum, eu vivia sozinho, eu me excluía, não chegava perto de ninguém. A associação para deficientes foi me incluindo e fazendo me socializar. A associação é a estratégia.

Transcendendo os dados 5:

O ser humano não é linear, concreto e objetivo, ninguém é igual a ninguém, e as pessoas ditas com deficiência são mais uma prova de que somos seres individuais. Cada um é um em sua singularidade e especificidade.

Percebemos que a estratégia de Diego é ir sempre além, transcendendo qualquer coisa que aparece na sua frente e que poderia impedi-lo de vencer. Não o vejo como uma pessoa com deficiência, ele se mostra como é! Uma pessoa de corpo e alma, alegre, sincera e única. Ele não se reduz, ter síndrome de Down é indiferente para ele. E isso é uma lição muito forte para nós, pessoas que pensamos ser ‘normais’, pois ninguém é normal, ninguém é um padrão.

A natação, a água, a subjetividade e a complexidade são isto:

Um princípio que requer que nosso pensamento vá além dos aspectos cognitivos, baseados no desenvolvimento de competências e habilidades e abarque também o mundo emocional, intuitivo e espiritual do sujeito, para que o processo educacional possa verdadeiramente ecoar nas subjetividades dos educandos e promover a evolução de sua consciência (MORAES; SUANNO, 2014, p. 3).

Evolução da consciência é sinônimo de interação entre todas as dimensões do ser humano, desde o nível físico ao espiritual. E o sujeito começa a ter consciência de si, mergulhando em se autoconhecer para buscar um caminho de auto-eco-organização, uma vez que ter consciência de que faz parte do todo é se reconhecer integrante do processo.

A natação, o esporte, é um espaço de se perceber e enxergar um ser capaz, vivo e autônomo. Em um relato importante, o atleta Anderson enfatiza como o ensino tradicional escolar aprisiona a pessoa em notas e resultados preestabelecidos. Foi fora da escola que ele se percebeu como alguém com grandes potencialidades.

A natação está diretamente ligada ao complexo. Utilizando os óculos 3D da epistemologia da complexidade, vemos que:

A palavra complexidade suporta uma pesada carga semântica, pois traz em seu seio confusão, incerteza, desordem. Sua primeira definição não pode fornecer nenhuma

elucidação: é complexo o que não se pode resumir numa palavra-chave, o que não pode ser reduzido a uma lei nem a uma ideia simples (MORIN, 2015, p. 6).

A escola com ensino tradicional aliena a mente humana, aprisiona e fragmenta, nos distancia da nossa essência. Com a natação se pode transcender e chegar a um lugar onde não era apenas um cego, mas sim Anderson, com potencial para ser o que quiser na vida. Morin (2003, p. 113) assinala que “A noção de homem está fragmentada entre diversas disciplinas das ciências biológicas e entre todas as disciplinas das ciências humanas”.

Enquanto o pensamento simplificador desintegra a complexidade do real, o pensamento complexo integra o mais possível os modos simplificadores de pensar, mas recusa as consequências mutiladoras, redutoras, unidimensionais e finalmente ofuscantes de uma simplificação que considera reflexo do que há de real na realidade (MORIN, 2015, p. 6).

Devemos interligar a percepção do atleta à sua autonomia. De acordo com Morin (2015), se pode compreender, por meio do esporte, que existe algo além da sua singularidade, que ele é um sujeito com individualidade, mas distante da visão tradicionalista de ser, “porque na visão tradicional da ciência em que tudo é determinismo, não há sujeito, não há consciência, não há autonomia” (MORIN, 2015, p. 65).

Essa autonomia está ligada a uma série de condições sociais e culturais. Somos seres capazes de examinar e analisar condutas, fazer escolhas e tomar decisões. “Somos uma mistura de autonomia, de liberdade, de heteronomia e, eu diria mesmo, de possessão por forças ocultas que não são simplesmente as do inconsciente trazida à luz pela psicanálise” (MORIN, 2015, p. 68).

Podemos relacionar a palavra ‘associação’ a integração. Manir descobriu, através do esporte, uma forma de se unir e socializar com outras pessoas que também passaram por traumas parecidos com o dele. Com isso, ele pôde criar amizades, sair de casa, religar seus saberes. Assim, se fez um sujeito auto-eco-organizador.

Se parto de um sistema auto-eco-organizador e subo, de complexidade em complexidade, chego finalmente a um sujeito pensante que não é mais do que eu mesmo tentando pensar a relação sujeito e objeto. E inversamente, se parto desse sujeito da reflexão para encontrar seu fundamento ou ao menos sua origem, encontro minha sociedade, a história desta sociedade na evolução da humanidade, o homem auto-eco-organizador (MORIN, 2015, p. 42).

Ao apresentar a complexidade de estar vivo, Manir trouxe para si a humanidade que havia deixado de lado ao se isolar em casa. Através do esporte ele reabilitou não somente o

corpo físico, mas também seu ser, ser integral. “Finalmente viu-se que o caminho não é uma substância, mas um fenômeno de auto-eco-organização extraordinariamente complexo que produz autonomia” (MORIN, 2015, p. 14). O caminho aqui é a água, um local de acolhimento, amparo, amizade, saúde, vida, alegria, transcendência etc. Um lugar para se associar.

Pergunta 6:

A natação te ajuda a melhorar suas relações interpessoais? Como?

Respostas:

Diego Ferreira:

Eu tenho muitos amigos aqui na aula, tenho meu amigão que mora no meu coração, é o Anderson Calai, que dá força para mim e eu dou força para ele. [...] Quero ser professor de natação e de capoeira. [...] Estou no terceiro ano do Ensino Médio e quero fazer faculdade de Educação Física.

Anderson Calai:

A natação me socializa bem, venho para o clube e me sinto mais tranquilo. A natação é um lugar onde eu me sinto bem, sabe? Eu gosto sempre de estar aqui, me ajuda a acalmar, quando venho para natação, fico mais tranquilo. Se você fica em casa o dia inteiro, a gente fica triste e desanimado sem nada para fazer. Treino de terça à sexta. [...] Eu namoro com a natação porque eu convivo legal com as pessoas. Com meus amigos, entretenimento, viagens, ir para outras competições. Interagir.

Manir Filho:

Ajuda a socializar, tenho muitos amigos. O pessoal aqui é bem chegado, olham tudo na gente, cabelo sobancelha... kkk estão sempre atentos em nós.

Transcendendo os dados 6:

A natação proporciona ao atleta Diego pensar em seguir carreira profissional como professor de Educação Física. Oferece a ele também amigos valiosos e um ciclo social que leva para fora das piscinas. No capítulo dois, citamos que “ao entendermos o corpo e a linguagem como algo indissociável, isso nos permite refletir sobre a/o conhecedora/or e não somente o conhecido, ou seja, perceber a relação ontológica presente nas epistemes” (SILVESTRE; FERREIRA; SOARES, 2022, p. 134). Entendemos que o ser humano, por meio do seu corpo, assimila e se apropria de valores, normas e costumes sociais, num processo de incorporação.

Mais do que um aprendizado cultural, o indivíduo adquire um conteúdo que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões. Aprende-se a cultura por meio da mediação da apropriação de técnicas corporais, e é prudente evitar considerar o corpo puramente biológico, pois o corpo é consequência da relação entre natureza e cultura.

Por meio da natação é que o atleta se identificou com a vontade de seguir um caminho profissional. Assim como ele, eu, a pesquisadora, também vi, através da natação, que o caminho das águas é o sentido profissional da minha vida. Por muitos anos nadei para relaxar e me desligar da rotina de estudos obrigatórios e exaustivos, e assim o meu processo criativo foi despertando enquanto eu nadava. O sentido da vida começou a aparecer, eu via que estava ali por algo além do ir e vir do corpo na água. E assim foi para escolher o curso na faculdade, escolher o tema do TCC, escolher ingressar no mestrado. Todas as vezes que eu nado e vejo as pessoas nadarem, minha intuição não consegue focar em outra coisa a não ser no sentido transcendental da natação.

Aqui, entendemos que esse movimento onto-epistêmico significa nos deslocarmos de nossas zonas de conforto (ROSA-DA-SILVA, 2021), em um movimento de “desaprisionarmos nossas mentes e deslocar nosso ser integralmente para, de fato, conseguirmos (des)(re)aprender a olhar e viver” (SILVESTRE; SABOTA; PEREIRA, 2020, p. 111) as relações com as/ os outras/os e com o mundo de uma forma realmente democrática e diversa (SILVESTRE; FERREIRA; SOARES, 2022, p. 134).

Os atletas desaprisionam suas mentes e fluem para dentro de si, onde a imaginação e a espontaneidade são livres. Anderson diz que a natação o ajuda a se acalmar, se sentir bem, socializar, é apaixonado pela natação, como se fosse sua namorada, parte dele que ele leva para todos os lugares aonde vai. Vemos aqui que não é a natação que proporciona isso, mas sim o lugar que esse atleta acessa quando está nadando. Ele imerge em zonas do seu ser tão alegres, fluidas e leves que sente o amor fluindo na sua vida. Muitas vezes sentimos isso quando estamos nos relacionando com o outro, principalmente no início do namoro, quando a paixão toma conta de nós.

Dentro de nós há uma gama de possibilidades incríveis para serem despertadas e afloradas, o nadar nos leva a esses lugares que antes não eram vistos e sentidos por nós. Ele permite integrarmos a energia que eleva e ampara o viver. O nadar faz parte da identidade do atleta, se fica em casa, desanima. A natação o expande em todos os sentidos, sociais, físicos psíquicos... proporciona viagens e passeios que provavelmente sem ela não seriam possíveis, além da interação social para além de ficar somente nadando de uma borda à outra.

Movimento na água é sentir-se com vida, o nosso corpo é vivo, e o movimento humano é um fenômeno de expressão cultural, memórias, tradições, criação, imaginação, contemplação, isso porque

Todo ser humano tem uma inerente necessidade de se-movimentar. A criança sabe muito bem disto e busca incessantemente atender essa necessidade básica e que realiza de melhor forma no brincar. O brincar pode ser o ato mais espontâneo, livre e criativo e por isto possibilita um momento privilegiado para o desenvolvimento integral de seu SER. Impedir essa possibilidade é, segundo Kunz (2015), uma '*lebensentzug*' (com base em zur lippe, 1987), extração de vida sem morrer (KUNZ, 2015, p. 14).

Quando nos reprimimos, isso pode nos causar sérias doenças e traumas psicossomáticos. Pensando o ser humano em dimensões físicas, psíquicas e espirituais, Berge (1986, p. 13) nos diz o seguinte:

Psicologicamente, isso traz pesadas repercussões: quanta timidez e inibição se cristalizam a partir de uma falta de jeito gestual que poderia ter sido passageira; o ambiente reforça-as e, frequentemente, torna a situação dramática. A harmonia entre nossa inteligência, nossas sensações e nossas necessidades elementares é perturbada pela vida moderna. Esta desordem psicossomática, cada vez mais frequentemente, se traduz por tensões nervosas, tiques, movimentos incontrolados, fixidez ocular, perturbações respiratórias ou cardíacas, angústias de todo tipo, sono agitado.

O movimento humano é importante para a evolução da espécie humana, e com isso podemos fazer análises filosóficas, ontológicas, antropológicas, sociológicas, físicas. Tudo remete ao mesmo ponto: "Quanto menos nos movimentamos, menos temos vontade de nos movimentar" (BERGE, 1986, p. 13).

Observamos que o corpo dos atletas se integra à dimensão do social por meio do esporte. Eles transcendem o nadar, os treinos e observam o quanto a natação é importante para toda a dimensão da vida. A subjetividade deles não fica de fora da prática física de nadar.

A subjetividade é a nossa forma verdadeira de conhecer o mundo. O mundo e as coisas que habitam não existem definidas 'em si', mas sim são constituídas de possibilidades infinitas de agir, perceber, sentir etc. A subjetividade de cada pessoa é o que traduz seu lado humano de ser o que se é. (KUNZ, 2015, p. 26)

Eles também reconhecem que os amigos são quem lhes dá força, logo a união que o esporte proporciona é fator essencial para quem pratica natação. Transcender envolve uma série de camadas para nós observarmos, desde a individualidade até a sociabilidade das pessoas. Transcender barreiras impostas à pessoa com deficiência não é fácil e ter uma associação que acolhe e ampara é muito importante para que aconteça a transcendência.

Pergunta 7:

Como a natação te ajuda a resolver situações e problemas no dia a dia?

Respostas:

Diego Ferreira:

Nadando mais forte, pegar a temperatura, rapidez, qualidade, velocidade, tudo que o professor manda fazer eu faço. A natação me deixa mais calmo, a cabeça fica relaxada, sem estresse, a natação fica limpando minha mente, fica em silêncio sem o povo falando na cabeça da gente. Gosto muito de nadar.

Anderson Calai:

A natação me ajuda a superar as dificuldades do dia a dia porque é difícil cada dia mais a gente mais se esforçando para vencer o desafio que nos é dado. A gente consegue vencer esses obstáculos, e a natação nos ajuda. A natação me ajuda a tirar um pouco a preocupação do dia a dia, na água a gente esquece. A natação me dá alegria. Quando eu comecei, eu vivi muita coisa ruim na natação, foi muito difícil conquistar medalha e ir para campeonatos, foi uma fase ruim, mas agora Deus me abriu as portas e me deu a oportunidade de ir.

Manir Ferreira:

Ajuda em tudo, alimentação, sono, estresse. Tem dia que saio daqui para comer.

Transcendendo os dados 7:

Chama nossa atenção a fala de Diego “fica em silêncio sem o povo falando na cabeça da gente”, pois, quando estamos embaixo d’água, podemos ouvir somente o som da água, o som de silêncio ou os tormentos de nossa mente. No caso de Diego, analisamos que dentro dele é um rio, é água, é som de água, é silêncio que o externo a ele pode perturbar e incomodar. Ele acessa a sabedoria do seu silêncio, que reverbera em todas as suas respostas, sempre muito confiante, positivo, alegre, feliz, animado e focado.

Estar em contato com a água é um momento de abertura da consciência para a criatividade e a intuição, de conexão com o sagrado e a essência humana, momento esse que é chamado, segundo Moraes e Torre, de momento branco.

O momento branco é aquele momento positivo, pleno e gratificante no qual a consciência se intensifica e se torna aguda até os limites extraordinários. Somos capazes de sentir ao mesmo tempo múltiplas sensações e as ideias fluem com a máxima facilidade. (2004, p. 62).

A fala do atleta Anderson “a natação me ajuda a tirar um pouco a preocupação do dia a dia, na água a gente esquece, na natação a gente a continuar a viver. A natação me dá alegria” resume os capítulos dois e três. A natação ampara a vida, acolhe e dá alegria. Transcende traumas, barreiras, apegos, tristezas, agonias e nos leva a lugares de nosso ser que são os momentos transcendentais, como dito por Moraes e Torre (2004), “momentos brancos”.

Finalizamos com a pergunta que os fez falarem mais especificamente como a natação os faz transcender. Ir além do que se vê. E fechamos com esses relatos que fazem a própria análise dos dados coletados. As falas sintetizam o que esta pesquisa aprofundou. O nadar auxilia no bem-estar físico, psíquico e emocional. Integra corpo, mente e espírito.

Percebo que os entrevistados ao falarem da natação, falam com o coração, com espontaneidade, se emocionam ao dizer da importância da água na vida. Se empolgam ao serem entrevistados e dizem que são atletas profissionais. É um orgulho em falar de si. Se empoderam da habilidade e potencialidade que é nadar. A associação APAF é evidentemente importante para esses atletas, essencial para a saúde, profissionalização e bem-estar.

O corpo do atleta deficiente se torna inteiro e único ao estar em contato com a água. Resiliência em errar e aprender todos os dias. Aceitar a derrota. Aceitar a vitória. Aceitar os amigos. Viajar, expandir a consciência sobre o mundo, sobre o meu próprio corpo, descobrir novas habilidades, perceber emoções diárias que ficam disfarçadas em estresse e que quando nadamos elas saem e descubro que sou leve.

Muitas vezes a nossa cabeça está pesada e cheia de problemas. Ao nadar deixo tudo ir embora para a água e a surge uma pureza e clareza dos pensamentos. A água proporciona aos atletas e a mim, ter contato com a consciência mais íntima. É um momento em que observamos nosso corpo, nossos pensamentos, as dores, as alegrias, e por muitas vezes o nadar reposiciona nossa colocação, alinha o corpo físico, que está diretamente ligado a nossas emoções e pensamentos. Assim também alinhamos o sentir pensar e agir por meio da natação.

Um atleta disse que se não fosse a água ele estaria na cadeira de rodas... e concordo plenamente. Pois a água exige de nós uma postura firme e consciente, caso contrário afogamos. Na água é preciso ser resistente de corpo e alma para que possa seguir em frente. E nos relatos observamos por vários momentos os atletas falando sobre isso, o quando a água os eleva, os faz crescer, ampliar movimentos e proporciona muitos aprendizados sobre a vida social e sobre si.

Vemos que na fala do Manir a relação entre amor e ódio, ele diz sentir medo e ver que ela é traiçoeira. Mas ao mesmo tempo reconhecer a importância dela para sua vida e para seus movimentos físicos e saúde mental. A natação proporciona a transcendência de sentimentos e

emoções difíceis de lidar. Pânicos, ansiedades, traumas profundos... são superados dentro da água, com o corpo imergido.

A água aguça os sentidos físicos, proporciona até desenvolver novas habilidades que no ambiente terrestre seria impossível. Como por exemplo o atleta que é cego, consegue se guiar melhor na água pois tem o contato físico das cabeça aos pés, proporcionando consciência corporal.

Fora da natação esses atletas são considerados “apenas” mais uma pessoa com deficiência, mas por meio da natação se descobrem campeões da vida, cheio de talentos e habilidades como qualquer outra pessoa. Na sala de aula o deficiente intelectual muitas vezes é considerado um aluno que tira nota baixa e tem dificuldades de aprendizagem. Mas no esporte eles são motivo de inspiração para muitos e não precisam se preocupar com notas ou padrões intelectuais estabelecidos nas salas de aula.

Em todas as repostas podemos responder o ponto chave dessa dissertação, a natação contribui para a transcendência de atletas com deficiência.

5 CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Ao escrever as considerações utilizando a Epistemologia da Complexidade, é preciso ter consciência de que não podemos fechar esse ciclo com algo definido e com a certeza acerca do que estamos escrevendo, pois tudo está em constante movimento e transformação. Mas o que se alcançou nesta investigação é que ser um atleta deficiente é um grande desafio humano, pois vivemos em uma sociedade preconceituosa e despreparada para atendê-los. Enxergamos também na natação um caminho para a pessoa com deficiência transcender essas barreiras impostas a ela e ir além daquela dificuldade motora, física ou intelectual e conseguimos navegar por essa compreensão da natação e da pessoa com deficiência por meio da Teoria Complexidade.

Após mergulhar nesse fluxo da água, natação, corporeidade e movimento humano, chagamos, descemos do barco que usamos para navegar e mergulhamos fundo com o cilindro de oxigênio e uma lanterna nos guiando pelos caminhos da Epistemologia da Complexidade. Conseguimos enxergar o que é transcender e ligar essa compreensão à pessoa com deficiência; também reconhecemos no ser humano uma formação integral e transdisciplinar, o ser que é auto-eco-organizador de si para viver neste mundo cheio de barreiras impostas a nós.

Há padrões, limites e alienações que são colocados desde crianças e impedem a pessoa de sentir o fluxo vital; com isso, a imaginação, a criatividade e a espontaneidade são castradas desde que nascemos. Siamo seres integrais, e corpo, mente e espírito se conectam e estão em constante movimento. Tentar separá-los é um grande distanciamento da essência humana. Os principais autores que se comunicaram conosco nesse mergulho foram: Morin (2000, 2003, 2015), Moraes e Suanno (2014), Petraglia (1995), Moraes e Torre (2004), Cidade (2010), Alves e Soares (2022), Daolio (2013), Baptista (2013) e Dolores e Pereira (2022).

Os dados obtidos por meio da entrevista que foi estruturada em sete perguntas trouxeram falas importantes para responder a nossa problematização, que foi “A natação contribui para a transcendência de atletas com deficiência?”. A partir das falas dos atletas da Associação Paralímpica do Futuro, compreendemos que para eles a natação é uma ferramenta poderosa de transcendência individual. É na água que eles deixam seus problemas, que superam as barreiras. É na natação que eles se encontram com a energia da vida e reconhecem que são vencedores, seres de grande potencialidade e criatividade.

Transcender por meio na natação é sentir-se mais leve, livre, com autonomia, ter saúde, ter consciência, bom humor, ter percepção do momento presente, superar barreiras impostas

pela sociedade, fazer amigos, sorrir em baixo d'água, reconhecer-se um ser humano de infinitas possibilidades.

Foi possível ver nas falas deles o amor que sentem pela água e pelo nadar, o amor que sentem pelos amigos da Associação. É no nadar que se transcende tudo o que limita a pessoa com deficiência a ser uma pessoa com infinitas possibilidades de vida como qualquer outra. É possível, portanto, se sentir vivo, alegre, satisfeito e feliz por meio dessa prática criativa de transcendência individual que é a natação.

REFERÊNCIAS

- ALVES, M. D. F. Reflexões sobre aprendizagem: de Piaget a Maturana. **Revista e Currículum**, v. 13, n. 4, p. 838-862, 2015.
- ALVES, M. D. F.; VIDINHA, M. S. P.; BARROS, J. B. Inclusão ou diversidade: em busca de novos paradigmas para legitimação do humano do humano. *In*: ALVES, M. D. F.; PETRAGLIA, I. C.; GUÉRIOS, E. C.; LEITE, T. C. (Orgs.). **(Trans)formação: saberes necessários para esperar no presente e no futuro**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 235-247.
- ALVES, M. D. F.; SOARES, I. N. L. O pensamento complexo, transdisciplinaridade e o ser humano. *In*: ALVES, M. D. F.; PETRAGLIA, I. C.; GUÉRIOS, E. C.; LEITE, T. C. (Orgs.). **(Trans)formação: saberes necessários para esperar no presente e no futuro**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 311-324.
- ALVES, M. D. F.; PEREIRA, A. M. A (trans)formação docente em tempos de pandemia: pensamento complexo e criatividade. *In*: ALVES, M. D. F.; PETRAGLIA, I. C.; GUÉRIOS, E. C.; LEITE, T. C. (Orgs.). **(Trans)formação: saberes necessários para esperar no presente e no futuro**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 193-205.
- ALVES, R. O. T.; SILVA, L. P. da. A história e o movimento humano: uma câmera na mão, uma intenção na cabeça. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-18, jan./jun. 2018.
- ANDRIES JUNIOR, O. (Org.). **NatAÇÃO** – pedagogia universitária: volume 1. São Paulo: Plêiade, 2008.
- ANDRIES JUNIOR, O. (Org.). **NatAÇÃO** – pedagogia universitária: volume 3. São Paulo: Plêiade, 2010.
- APAF - Associação Paralímpica do Futuro. **Documentação de Cadastro Organização de Voluntários de Goiás – OVG**. Goiânia, 2019.
- BACHELARD, G. **A Água e os Sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BAPTISTA, T. J. R. **Educação do corpo na sociedade do capital**. Curitiba: Appris, 2013.
- BENTO, J. O. Em defesa do desporto. *In*: GAYA, A. **A Educação Física: ordem, caos e utopia**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2014.
- BERGE, Y. **Viver o seu corpo**: por uma pedagogia do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, n. 1, 2002.
- BODGAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação** – uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

- BONACELLI, M. C. L. M. **A Natação no Deslizar Aquático da Corporeidade**. 2004. 165 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- BRUNI, J. C. A água e a vida. **Tempo Social**. Rev. Sociol. USP, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 53-65, 1993.
- CATTEAU, R.; GAROFF, G. **O Ensino da natação**. 3. ed. São Paulo: Manole, 1990.
- CIDADE, R. E. Cap.4 *In*: BASSOLI, A. A. de; PIMENTEL, G. G. de A. (Orgs.). **Recreio nas férias e os valores olímpicos**. Maringá: Eduem, 2010. p. 57-68.
- COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. **Natação**. Disponível em: www.cob.org.br. Acesso em: 4 out. 2022.
- CPB - Comitê Paralímpico Brasileiro. **Natação**. Disponível em cpb.org.br . Acesso em: 17 jun. 2022.
- CUNHA, A. C.; OLIVEIRA, E. S. A. de. Educação, conhecimento, cultura e movimento humano: um retorno aos termos e sentidos. *In*: LIMA NETO, A. M. de et al. (Orgs.). **O desafio multidisciplinar**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020. p. 219-228.
- DALLA DÉA, V. **Metodologia de ensino e pesquisa em natação e metodologia de ensino e pesquisa em práticas aquáticas**. Goiânia: s. n., 2013. Mimeo.
- DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papyrus, 2013.
- DUARTE, N. **A individualidade para-si**: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. Campinas: Autores Associados, 2013.
- FIGUEREDO, A. S. **O poeta nadador**. São Paulo: Ágora, 2000.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, Pensar e Agir** – corporeidade e educação. Campinas: Papyrus, 1994.
- GUERRA, D. Corpo: som e movimento Um olhar sobre a cultura corporal de movimento afrobrasileira construída a partir da corporeidade africana. **Revista África e Africanidades**, Ano I, n. 2, ago. 2008.
- HILGEMBERG, T. Jogos paralímpicos: história, mídia e estudos críticos da deficiência. **Recordes**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 1-19, jan./jun. 2019.
- KUNZ, E. (Org.). **Brincar e se movimentar**: tempo e espaços de vida da criança. Ijuí: Editora Unijuí, 2015.

- LISPECTOR, C. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- MACHADO, N. J. **Seis razões para cuidar bem da água**. São Paulo: Escrituras, 2007.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.
- MELLER, V. A.; TESCHE, L. Vivências corporais de pessoas com deficiência física. **Visão Global**, Joaçaba, v. 10, n. 1, p. 61-84, jan./jun. 2007.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. 16. ed. Campinas: Papyrus, 2014.
- MORAES, M. C.; LA TORRE, S. **Sentipensar**: fundamentos e estratégias para reencantar a educação. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo; Brasília: Cortez; UNESCO, 2000.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.
- MORIN, E. **LA VOle**. Barcelona: Espasa Libros, S. L. U., Avda. Diagonal, 2011. p. 662-664.
- MORIN, E. **Ensinar a Viver**: manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- MORIN, E.; KERN, A-B. **Terra-Pátria**. Traduzido do francês por Paulo Azevedo Neves da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- MOVIMENTO. *In*: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/movimento>. Acesso em: 17 jun. 2022.
- PERES, N.; SOBRAL, A. C. imagens da natação para a formação da consciência de si. **Praxia** – Revista on-line de educação física da UEG, v. 2, 2020.
- PETRAGLIA, I. **Edgar Morin**: a educação e a complexidade do ser e do saber. Petrópolis: Vozes, 1995.
- RUBIO, K. Valores olímpicos no recreio nas férias. *In*: OLIVEIRA, A. A. B. de; PIMENTEL, G. G. de A. (Orgs.). **Recreio nas férias e os valores olímpicos**. Maringá: EDUEM, 2010. p. 186.

SANTANA, Vanessa Helena. **Nadar com segurança: prevenção de afogamentos, técnicas de sobrevivência, adaptação ao meio líquido e resgate e salvamento aquático.** – Barueri, SP – 2003.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVESTRE, V.; RAMOS, W.; FERREIRA, M. Interculturalidade crítica e educação infantil: movimentos de desvelar silêncios epistêmicos. **Revista humanidades e inovação**, Palmas, v. 9 n.13, p. 127-140, jun. 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/7740>. Acesso em: 7 set. 2022.

SOUZA NETO, S. de; MICOTTI, M. C. de O.; BENITE, L. C.; SILVEIRA, C. R. A. da. **A pedagogia do “movimento humano”** - o corpo como objeto de estudo. projeto leitura e escrita: a avaliação motora. Disponível em: <https://www.unesp.br/prograd/PDFNE2003/A%20pedagogia%20do%20desenvolvimento.pdf>. Acesso em: 4 out. 2022.

SUANNO, J. H. Emoção, Cognição e Corporeidade: os sete saberes necessários à educação do futuro na sala de aula do presente. *In*: SUANNO, M. V. R.; FREITAS, C. C. de (Orgs.). **Razão Sensível e Complexidade na Formação de Professores: desafios transdisciplinares.** Anápolis: Editora UEG, 2016. p. 109-150.

SUANNO, J. H.; MORAES, M. C. **O pensar complexo na educação: sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade.** Rio de Janeiro: Wak, 2014.

SUANNO, J. H.; SANT’ANA, J. V. B.; SABOTA, B. Educação 3.0, complexidade e transdisciplinaridade: um estudo teórico para além das tecnologias. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 6, n. 10, 2017.

TREBELS, A. H. Uma concepção dialógica e uma teoria do movimento humano. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 249-267, jan./jun. 2003.

VANINI, G. **A história da natação no Brasil.** Publicado em 10 out. 2018. Disponível em: <https://ahistoriadanatacao.blogspot.com/2018/10/a-historia-da-natacao-no-brasil.html>. Acesso em: 9 out. 2022.

APÊNDICE A – Entrevista com os atletas

Nome:

Idade:

Classificação:

1. Quais suas percepções sobre ser nadador com deficiência?
2. Que experiências criativas você estabelece com a água ao ser nadador?
3. Como a água contribui para você transcender ser nadador com deficiência?
4. Que relações são estabelecidas com seu próprio corpo ao nadar?
5. Qual estratégia utiliza para superar as barreiras que a sociedade impõe à pessoa com deficiência?
6. A natação te ajuda a melhorar suas relações interpessoais? Como?
7. Como a natação te ajuda a resolver situações e problemas no dia a dia?

ENTREVISTA COM DIEGO FERREIRA

Nome: Diego Vieira de Oliveira

Idade: 24 anos

Classificação: S14

1. Quais suas percepções sobre ser nadador com deficiência?

Eu sinto meu corpo com muita água, eu já fui para campeonato e eu ganho todas as medalhas. Eu me sinto um nadador campeão.

2. Que experiências criativas você estabelece com a água ao ser nadador?

A água dá muita energia, eu sinto meu corpo nadando, sinto velocidade, rapidez. Eu nado mais rápido, me sinto veloz dentro da água.

3. Como a água contribui para você transcender ser nadador com deficiência?

A água me ajuda a superar a deficiência, não possuo nenhuma deficiência, graças a Deus.

4. Que relações são estabelecidas com seu próprio corpo ao nadar?

O esporte me ajuda a ter mais memória e ganhar muitas competições. Eu faço somente natação para sair bem lá fora.

5. Qual estratégia utiliza para superar as barreiras que a sociedade impõe à pessoa com deficiência ao nadar?

Não sinto nenhum tipo de barreira imposta pela sociedade. Eu vim no mundo para ganhar e ninguém tira isso de mim, graças a Deus.

6. A natação te ajuda a melhorar suas relações interpessoais? Como?

Eu tenho muitos amigos aqui na aula, tenho meu amigo que mora no meu coração, é o Anderson Calai, que dá força para mim e eu dou força para ele. [...] Quero ser professor de natação e de capoeira. [...] Estou no terceiro ano do Ensino Médio e quero fazer faculdade de Educação Física.

7. Como a natação te ajuda a resolver situações e problemas no dia a dia?

Nadando mais forte, pegar a temperatura, rapidez, qualidade, velocidade, tudo que o professor manda fazer eu faço. A natação me deixa mais calmo, a cabeça fica relaxada, sem estresse, a natação fica limpando minha mente, fica em silêncio sem o povo falando na cabeça da gente. Gosto muito de nadar.

ENTREVISTA COM ANDERSON CALAI

Nome: Anderson Luiz Souza Calai

Idade: 22 anos

Classificação: S12

1. Quais suas percepções sobre ser nadador com deficiência?

Boas, eu me percebo em lugares diferentes, me sinto à vontade quando estou na nataçãõ.

2. Que experiências criativas você estabelece com a água ao ser nadador?

Melhorar a cada dia mais na água, ter mais técnicas. Acaba ganhando mais experiência. Melhorei meus tempos e minha técnica para o próximo ano.

3. Como a água contribui para você transcender ser nadador com deficiência?

Eu sempre gostei de água, antes eu não gostava. Comecei a ter amor pela nataçãõ, a gente tem um laço com a água. A gente aprende a desenvolver, desenvolver um padrão. Quando a gente começa, a água é muito pesada, e, quando começa a treinar, a água fica mais leve. No começo foi difícil, não sabia como lidar com a deficiência, então a nataçãõ começou a me dar oportunidades perante a sociedade, e eu comecei a ver a nataçãõ como algo mais sério para minha vida.

4. Que relações são estabelecidas com seu próprio corpo ao nadar?

Melhor. Dentro da água, eu consigo enxergar mais do que os outros. Fora é mais difícil, tenho mais noção da metragem e dimensão da piscina. Tenho a visão 100% do que fora, que tenho 50%. Na nataçãõ tem duas maneiras de você saber, ou pelas bandeirolas ou pelo T da piscina. Quando você olha para o chão e vê o T, significa que falta pouco para chegar à borda.

5. Qual estratégia utiliza para superar as barreiras que a sociedade impõe à pessoa com deficiência ao nadar?

Através do esporte a gente consegue quebrar essas barreiras, muitos hoje não acreditam que conseguem ser alguém importante. Através do esporte somos capazes de quebrar essas barreiras que a sociedade impõe. Através da nataçãõ me deu mais oportunidade do que a escola, a escola não dá o incentivo para o aluno, tem que fazer as coisas por nota. A nataçãõ na minha vida é isso, uma grande oportunidade de vencer e superar meus limites. Na água eu não sou apenas

um cego, a natação mostra de uma forma diferente. Querer ser alguém importante ou ser um professor, desenvolve a pessoa para o quesito que ela quer ser na vida. A escola já não proporcionou essa desenvoltura.

6. A natação te ajuda a melhorar suas relações interpessoais? Como?

A natação me socializa bem, venho para o clube e me sinto mais tranquilo. A natação é um lugar onde eu me sinto bem, sabe? Eu gosto sempre de estar aqui, me ajuda a acalmar, quando venho para natação, fico mais tranquilo. Se você fica em casa o dia inteiro, a gente fica triste e desanimado sem nada para fazer. Treino de terça à sexta. [...] Eu namoro com a natação porque eu convivo legal com as pessoas. Com meus amigos, entretenimento, viagens, ir para outras competições. Interagir.

7. Como a natação te ajuda a resolver situações problemas no dia a dia?

A natação me ajuda a superar as dificuldades do dia a dia porque é difícil cada dia mais a gente mais se esforçando para vencer o desafio que nos é dado. A gente consegue vencer esses obstáculos, e a natação nos ajuda. A natação me ajuda a tirar um pouco a preocupação do dia a dia, na água a gente esquece, na natação a gente a continuar a viver. A natação me dá alegria. Quando eu comecei, eu vivi muita coisa ruim na natação, foi muito difícil conquistar medalha e ir para campeonatos, foi uma fase ruim, mas agora Deus me abriu as portas e me deu a oportunidade de ir.

ENTREVISTA COM MANIR FERREIRA

Nome: Manir Ferreira Filho

Idade: 64 anos

Classificação: S6

1. Quais suas percepções sobre ser nadador com deficiência?

Comecei a nadar sozinho desde sempre, já tinha contato com a água. Agora, para competir em 1992, comecei a nadar por causa de uma reabilitação. Na água fica mais leve, nem sinto minha barriga crescer mais, na água fico magro.

2. Que experiências criativas você estabelece com a água ao ser nadador?

Os professores aqui são excelentes, faz tempo que eu nado, então todos são muito dedicados. Se eu não nadasse, estava na cadeira de rodas, talvez já teria morrido. A natação me dá vida. Fico mais leve. A água me domina e me deixa tranquilo.

3. Como a água contribui para você transcender ser nadador com deficiência?

A natação me ajuda 100%, tô nadando, eu não me vejo uma pessoa com deficiência. Eu faço no Sesc, e a piscina é normal. O que mais sinto limitações com a minha deficiência é o espaço físico e o preconceito da sociedade.

4. Que relações são estabelecidas com seu próprio corpo ao nadar?

Normal. Eu tenho medo da água, ela é traiçoeira, nadando eu aprendo a ter controle da água, mas ainda tenho medo.

5. Qual estratégia utiliza para superar as barreiras que a sociedade impõe à pessoa com deficiência ao nadar?

Agora não tenho problema nenhum, eu vivia sozinho, eu me excluía, não chegava perto de ninguém. A associação para deficientes foi me incluindo e fazendo me socializar. A associação é a estratégia.

6. A natação te ajuda a melhorar suas relações interpessoais? Como?

Ajuda a socializar, tenho muitos amigos. O pessoal aqui é bem chegado, olham tudo na gente, cabelo sobranalha... kkk estão sempre atentos em nós.

7. Como a natação te ajuda a resolver situações problemas no dia a dia?

Ajuda em tudo, alimentação, sono, estresse. Tem dia que saio daqui para comer.

APÊNDICE B – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE**

Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada **NATAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA EPISTEMOLOGIA DA COMPLEXIDADE: uma prática criativa de transcendência individual**. Meu nome é **Anna Clara Souza Sobral**, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é ensino de natação. O orientador dessa pesquisa é o **Professor Dr. João Henrique Suanno**. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, rubrique todas as páginas e assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence a pesquisadora responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo(s) pesquisador(es) responsável(is), via e-mail (annaclarasobral@hotmail.com) e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, acrescentando o número 9090 antes do seguinte contato telefônicos do seguinte contato telefônico: (62) 99216-6632. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Goiás (CEP-UEG), localizado no Prédio da Administração Central, BR 153, Km 99, Anápolis/GO, CEP: 75132-903, telefones: (62) 3328-1439 e (62) 98325-0342, funcionamento: 8h às 12h e 13h às 17h, de segunda a sexta-feira. O contato também poderá ser feito pelo e-mail do CEP-UEG: cep@ueg.br. O Comitê de Ética em Pesquisa é vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que por sua vez é subordinada ao Ministério da Saúde (MS). O CEP é responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa com seres humanos, sendo aprovado aquele que segue os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares. A leitura desse TCLE deve levar aproximadamente 5 minutos e a sua participação na pesquisa 40 minutos.

Justificativa, objetivos e procedimentos:

A Pesquisa intitulada “NATAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA EPISTEMOLOGIA DA COMPLEXIDADE: uma prática criativa de transcendência individual.” é uma pesquisa baseada nas perspectivas transdisciplinares, cujo objetivo

geral é analisar a natação, por meio das práticas pedagógicas de seus professores, como contribuição para a transcendência de atletas com deficiência. Os procedimentos de coleta de dados serão constituídos de um roteiro de entrevista com perguntas abertas e duração de 40 minutos. A entrevista ocorrerá na Associação Paralímpica do Futuro - APAF localizado na Pça. do Cruzeiro 168, Goiânia, GO, 74093-140. O primeiro contato, nos intervalos das aulas, será para agendar a entrevista e o segundo para realizá-la de modo que o participante se sinta confortável, podendo ser reagendado caso o participante tenha algum imprevisto. Para fins de registro, a entrevista terá gravação de áudio com o uso de um aparelho celular, cujos dados serão posteriormente transcritos pela pesquisadora responsável e arquivados para uso exclusivo nesta produção científica. Os materiais de áudio e a transcrição das entrevistas ficarão arquivados num banco de dados sob responsabilidade da pesquisadora, onde não se encaixa nos movimentos da pesquisa a divulgação de voz, apenas transcrição dos dados para fins de análise na própria pesquisa. Solicitamos que assine a opção abaixo que melhor atende sua disponibilidade:

() Não permito a gravação/obtenção da minha imagem/voz.

() Permito a gravação/obtenção da minha imagem/voz.

Riscos:

A pesquisa não oferecerá riscos físicos aos participantes da pesquisa, no entanto poderá ter riscos morais, como constrangimentos ou desconfortos no processo de entrevista, uma vez que teremos perguntas que necessitam de exposição da opinião sobre a relação com a própria deficiência, inclusão social, autoestima e a importância da natação para a vida dos participantes. Além disso a tomada de tempo dos entrevistados, inibição e a promoção de algum receio em expor questões problemáticas sobre a relação professor-atleta. As entrevistas serão voluntárias e para minimizar os riscos provenientes de verbalização de qualquer desconforto ou não conformidade do entrevistado, a pesquisadora se compromete a interromper a pesquisa. Os participantes da pesquisa responderão as perguntas e a pesquisadora fará o registro dos dados com gravação de voz. Quanto ao risco de divulgação de dados, será garantido o anonimato na pesquisa, assegurando que os dados coletados passarão apenas por processo de registro escrito na análise e discussão dos dados. Ao participante da pesquisa é assegurado o sigilo e a

privacidade, além do direito de interromper a participação na pesquisa e/ou solicitar a retirada dos dados coletados, decisões às quais não recorrerá em prejuízo ao participante. Os dados da pesquisa serão conservados em arquivo digital, protegido por senha, por um período de cinco anos após o término da pesquisa, e passado esse tempo o material coletado será excluído da mídia digital.

Assistência:

Se você sentir qualquer desconforto é assegurado assistência imediata e integral de forma gratuita, para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios de qualquer natureza, decorrentes de sua participação na pesquisa. Caso você se sinta desconfortável por qualquer motivo, poderemos interromper a sua participação na entrevista a qualquer momento e esta decisão não produzirá penalização ou prejuízo.

Benefícios:

Quanto aos benefícios diretos aos participantes da pesquisa serão a oportunidade de reflexão e discussão sobre a natação e a contribuição desta para a transcendência de atletas com deficiência. Quanto aos professores, considera-se como benefício a dimensão de uma prática didática que incorpore para além das técnicas esportivas. Benefícios outros, constituídos de maneira indireta e para comunidade, considera-se as contribuições para ampliar a reflexão sobre a natação para além de uma prática esportiva, mas como uma perspectiva de consciência sustentável, cuja prática indica ações relativas aos cuidados com o corpo e com o ambiente. Ademais, a pesquisa transpõe uma dialógica para que pesquisadores também conheçam a temática do esporte em uma perspectiva da complexidade de saberes.

Sigilo, privacidade e guarda do material coletado:

Não há necessidade de identificação, ficando assegurados o sigilo e a privacidade. Você poderá solicitar a retirada de seus dados coletados a qualquer momento, deixando de participar deste estudo, sem prejuízo. Os dados coletados nesta pesquisa serão guardados em arquivo físico e digital, sob nossa guarda e responsabilidade, por um período de cinco anos após o término da pesquisa. Após esse período, o material obtido será picotado e/ou reciclado e todas as mídias apagadas.

Indenização:

Se você sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder. Você não receberá nenhum tipo de compensação financeira por sua participação neste estudo, mas caso tenha algum gasto decorrente do mesmo, como transporte ou alimentação, este será ressarcido por mim, pesquisador responsável. Em qualquer etapa do estudo você poderá entrar em contato comigo, pesquisador(a) responsável, para esclarecimentos de eventuais dúvidas. A pesquisa é de caráter público e sua versão final, a dissertação, será disponibilizada no repositório de dissertações na página do PPG-IELT da UEG. Além da possibilidade de publicações em eventos científicos, artigos científicos, capítulos de livros e livros, sempre respeitando a integridade e a identidade dos participantes. Os resultados da sua participação poderão ser consultados por você a qualquer momento, para isso, nós disponibilizaremos ao final da pesquisa, com a elaboração da dissertação, que poderá ser consultada no site (www.ppgielt.ueg.br/conteudo/2067_banco_de_dissertacoes) ou encaminhada para o e-mail do participante que assim desejar, que poderão entrar em contato com a pesquisadora responsável pelo e-mail: annaclarasobral@hotmail.com – Fone: (62) 99216-6632.

Declaração do pesquisador responsável:

Eu, Anna Clara Souza Sobral pesquisadora responsável por este estudo, esclareço que cumprirei as informações acima e que o participante terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios devido a sua participação nesse estudo; e que suas informações serão tratadas com confidencialidade e sigilo. O participante poderá sair do estudo quando quiser, sem qualquer penalização. Se tiver algum custo por participar da pesquisa, será ressarcido; e em caso de dano decorrente do estudo, terá direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder. Declaro também que a coleta de dados somente será iniciada após a aprovação do protocolo pelo sistema CEP/CONEP.

Consentimento do Participante de Pesquisa:

Eu, DIEGO FERREIRA DE OLIVEIRA, abaixo assinado, discuti com a pesquisadora Anna Clara Souza Sobral sobre a minha decisão em participar nesse estudo como voluntário. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de assistência, confidencialidade e esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é voluntária e isenta de despesas e que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

DIEGO FERREIRA DE OLIVEIRA

Assinatura do(a) participante de pesquisa

Data: 31/01/2023

Anna Clara S. Sobral

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Data: 31/01/2023

Declaração do pesquisador responsável:

Eu, Anna Clara Souza Sobral pesquisadora responsável por este estudo, esclareço que cumprirei as informações acima e que o participante terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios devido a sua participação nesse estudo; e que suas informações serão tratadas com confidencialidade e sigilo. O participante poderá sair do estudo quando quiser, sem qualquer penalização. Se tiver algum custo por participar da pesquisa, será ressarcido; e em caso de dano decorrente do estudo, terá direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder. Declaro também que a coleta de dados somente será iniciada após a aprovação do protocolo pelo sistema CEP/CONEP.

Consentimento do Participante de Pesquisa:

Eu, MANIR FERREIRA FILHO, abaixo assinado, discuti com a pesquisadora Anna Clara Souza Sobral sobre a minha decisão em participar nesse estudo como voluntário. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de assistência, confidencialidade e esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é voluntária e isenta de despesas e que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

MANIR F FILHO

Assinatura do(a) participante de pesquisa

Data: 31 / 01 / 2023

Anna Clara S. Sobral

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Data: 31 / 01 / 2023

Declaração do pesquisador responsável:

Eu, Anna Clara Souza Sobral pesquisadora responsável por este estudo, esclareço que cumprirei as informações acima e que o participante terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios devido a sua participação nesse estudo; e que suas informações serão tratadas com confidencialidade e sigilo. O participante poderá sair do estudo quando quiser, sem qualquer penalização. Se tiver algum custo por participar da pesquisa, será ressarcido; e em caso de dano decorrente do estudo, terá direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder. Declaro também que a coleta de dados somente será iniciada após a aprovação do protocolo pelo sistema CEP/CONEP.

Consentimento do Participante de Pesquisa:

Eu, Anderson Luiz Sousa Calai abaixo assinado, discuti com a pesquisadora Anna Clara Souza Sobral sobre a minha decisão em participar nesse estudo como voluntário. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de assistência, confidencialidade e esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é voluntária e isenta de despesas e que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Anderson Luiz Sousa Calai

Assinatura do(a) participante de pesquisa

Data: 31 / 03 / 2023

Anna Clara S Sobral

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Data: 31 / 03 / 2023

APÊNDICE C – Fotos com os atletas









APENDICE D

Parecer comitê de ética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: NATAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA EPISTEMOLOGIA DA COMPLEXIDADE:
Uma prática criativa de transcendência individual

Pesquisador: Anna Clara souza Sobral

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 63042421.8.0000.8113

Instituição Proponente: UEG CÂMPUS ANÁPOLIS DE CIÊNCIAS SOCIOECONÔMICAS E HUMANAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.717.170

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas dos arquivos Informações Básicas da Pesquisa ("PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1828830.pdf", de 04/10/2022) e projeto detalhado ("Projeto_CEP_03_10.docx", de 03/10/2022).

"A pesquisa de campo para Gil (2002) possui maior profundidade sobre questões propostas, basicamente de entrevistas com informantes para captar explicações e interpretações sobre o que ocorre no grupo de atletas do paradesporto da Associação Paralímpicos do Futuro (APAF).

A pesquisa de campo é o cilindro de oxigênio que vai nos sustentar mergulhar nos relatos sobre o nado. Para Severino (2016), a fonte da pesquisa, que no caso são praticantes de natação, serão abordados em seu ambiente próprio. Nas palavras do autor, "[a] coleta de dados é feita nas condições naturais que os

fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador" (SEVERINO, 2016, p.132,). Com isso, esta pesquisa será um estudo analítico sobre o nadar. Com os objetivos traçados, a problematização direcionada, iremos adentrar nessa aventura de pesquisar a natação para além dos quatro estilos de nado. O que envolve também saber qual a percepção que temos hoje sobre o que é o nadar, sobre o movimentar-se, descobrir também como a epistemologia da complexidade vai nos ajudar a entender o ser em todas as suas dimensões e como está ligado a natação e se realmente ocorre a transcendência por meio do nado, mas é claro descobrir o que é transcendência. E, então, a partir

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 5.717.170

de todos esse estudo teórico ir em busca de atletas e professores da Associação Paraolímpicos do Futuro, para que possam falar sobre a natação de forma íntima e profunda sobre a transcendência e o nado.

O local da pesquisa é a APAF- Associação paralímpica do futuro. Segundo os Documentos APAF, localizado no município de Goiânia - GO no Clube Social Feminino."

"A pesquisadora realizará visitas agendadas pessoalmente na APAF, explicando a proposta do projeto de pesquisa, onde conduzirá o agendamento das entrevistas de acordo com a disponibilidade dos participantes nos dias das aulas de natação, às terças e quintas. A assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE, ocorrerá nos intervalos das aulas, evitando conflito da prática do esporte com os interesses da pesquisa. Após assinatura do TCLE, os participantes irão agendar junto à pesquisadora um dia para a entrevista presencial, mantendo como local da coleta de dados a própria APAF. A atividade em campo ocorrerá nos meses de janeiro a março do ano de 2023. Escolhemos a entrevista como caminho para o aprofundamento da coleta de dados, por ser uma técnica que proporciona observar mais de perto os sentimentos vividos pelo nadar dos atletas da paranatação. Segundo Gil (2008), essa é uma abordagem em que o investigador formula perguntas direcionadas aos objetivos da pesquisa para que o entrevistado responda, sendo, portanto, uma forma de interação social, "mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação" (GIL, 2008 p. 109).

"A escolha da técnica da entrevista aproxima-se mais do objetivo proposto no projeto. E será constituída de perguntas abertas, priorizando a vivência e espontaneidade dos participantes, considerando as emoções, percepções e sentimentos sobre a importância da natação em suas vidas. Com anuência dos participantes, as entrevistas serão gravadas em áudio, utilizando-se gravador de aparelho celular e posteriormente transcritas para análise. Definimos um roteiro (APÊNDICE I e APÊNDICE II) de seis perguntas direcionadas para os atletas e professores. Será uma conversa, onde eles poderão responder abertamente as perguntas. Para fins de registro, a pesquisadora responsável realizará anotações e os áudios serão gravados e posteriormente transcritos, por conseguinte, arquivados para uso exclusivo nesta produção científica. Os materiais de áudio e a transcrição das entrevistas ficarão arquivados num banco de dados sob responsabilidade da pesquisadora. O conjunto dos registros permitirão enriquecer o tratamento e a análise dos dados. Caso surjam novas possibilidades de pesquisas referentes ao mesmo tema o material poderá ser revisitado pela pesquisadora e submetido a nova aprovação do CEP."

"O presente projeto tem como objetivo analisar a natação, por meio das práticas pedagógicas de

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br

seus professores, como contribuição para a transcendência de atletas com deficiência. Para isto adotamos como critérios de inclusão para os participantes da pesquisa atletas e professores vinculados à instituição APAF e inscritos na modalidade natação. Para esta pesquisa a amostragem se fará por seis atletas e três professores sendo estes maiores de 18 anos. Atletas e professores não inscritos na APAF e/ou menores de dezoito anos serão excluídos."

Objetivo da Pesquisa:

"Objetivo Primário:

Analisar a natação, por meio das práticas pedagógicas de seus professores, como contribuição para a transcendência de atletas com deficiência.

Objetivo Secundário:

1. Investigar o que é transcendência do ser
2. Reconhecer o sujeito criativo e integral por meio do pensamento complexo.
3. Buscar em professores e atletas da Associação Paralímpica do Futuro, relatos íntimos e profundos sobre a natação."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

"Riscos:

A pesquisa não oferecerá riscos físicos aos participantes da pesquisa, no entanto poderá ter riscos morais, como constrangimentos ou desconfortos no processo de entrevista, uma vez que teremos perguntas que necessitam de exposição da opinião sobre a relação com a própria deficiência, inclusão social, autoestima e a importância da natação para a vida dos participantes. Além disso a tomada de tempo dos entrevistados, inibição e a promoção de algum receio em expor questões problemáticas sobre a relação professor-atleta. As entrevistas serão voluntárias e para minimizar os riscos provenientes de verbalização de qualquer desconforto ou não conformidade do entrevistado, a pesquisadora se compromete a interromper a pesquisa. Os participantes da pesquisa responderão as perguntas e a pesquisadora fará o registro dos dados com gravação de voz. Quanto ao risco de divulgação de dados, será garantido o anonimato na pesquisa, assegurando que os dados coletados passarão apenas por processo de registro escrito na análise e discussão dos dados. Ao participante da pesquisa é assegurado o sigilo e a privacidade, além do direito de interromper a participação na pesquisa e/ou solicitar a retirada dos dados coletados, decisões às quais não recorrerá em prejuízo ao participante. Os dados da pesquisa serão conservados em arquivo digital, protegido por senha, por um período de cinco anos após o término da pesquisa, e passado esse tempo o material coletado será excluído da mídia digital.

Benefícios:

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO CEP: 75.132-903
UF: GO Município: ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 E-mail: cep@ueg.br

Quanto aos benefícios diretos aos participantes da pesquisa serão a oportunidade de reflexão e discussão sobre a natação e a contribuição desta para a transcendência de atletas com deficiência. Quanto aos professores, considera-se como benefício a dimensão de uma prática didática que incorpore para além das técnicas esportivas. Benefícios outros, constituídos de maneira indireta e para comunidade, considera-se as contribuições para ampliar a reflexão sobre a natação para além de uma prática esportiva, mas como uma perspectiva de consciência sustentável, cuja prática indica ações relativas aos cuidados com o corpo e com o ambiente. Ademais, a pesquisa transpõe uma dialógica para que pesquisadores também conheçam a temática do esporte em uma perspectiva da complexidade de saberes."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Verificar item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Verificar item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Recomendações:

Não há recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as pendências apresentadas no parecer consubstanciado emitido por este Comitê de Ética em Pesquisa em 27 de setembro de 2022 foram atendidas, conforme descritas abaixo. Assim, o projeto de pesquisa intitulado "NATAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA EPISTEMOLOGIA DA COMPLEXIDADE: Uma prática criativa de transcendência individual" foi considerado "APROVADO".

1. Quanto ao Projeto Detalhado e às Informações Básicas da Pesquisa:

1.1. Equipe de pesquisadores: Solicita-se cadastrar o pesquisador João Henrique Suanno como membro da equipe em "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1828830.pdf". PENDÊNCIA ATENDIDA

1.2. Critério de inclusão:

1.2.1. Solicita-se definir a faixa etária dos participantes do estudo, para que possamos analisar aspectos éticos relevantes, como por exemplo a necessidade de um termo de assentimento caso

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO CEP: 75.132-903
UF: GO Município: ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 E-mail: cep@ueg.br

sejam incluídas pessoas com idade inferior a 18 anos. **PENDÊNCIA ATENDIDA**

1.2.2. Nos critérios de inclusão, os pesquisadores apresentam “Seis atletas e três técnicos da natação paralímpica da APAF”, mas na metodologia do projeto de pesquisa referem que “será agendado o questionário com os entrevistados, que são os técnicos, atletas e diretor”. Questiona-se aos pesquisadores: O diretor também será convidado para participar do estudo? Solicita-se adequação. **PENDÊNCIA ATENDIDA**

1.3. Riscos: Os pesquisadores apresentam neste campo “nenhum”. Ressalta-se que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos em tipos e gradações variadas. Define-se como risco da pesquisa “a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural do ser humano, em qualquer etapa da pesquisa e dela decorrente” (Resolução CNS n.º 510, de 2016, Artigo 2º, Inciso XXV; Artigo 17, Inciso II). Dessa forma, solicita-se que os riscos da pesquisa sejam expressos, bem como a apresentação das providências e cautelas a serem empregadas para evitar e/ou reduzir efeitos e condições que possam vir a causar algum dano ao participante de pesquisa. **PENDÊNCIA ATENDIDA**

1.4. Benefícios: Define-se benefício da pesquisa como as “contribuições atuais ou potenciais da pesquisa para o ser humano, para a comunidade na qual está inserido e para a sociedade, possibilitando a promoção de qualidade digna de vida, a partir do respeito aos direitos civis, sociais, culturais e a um meio ambiente ecologicamente equilibrado” (Resolução CNS n.º 510, de 2016, Artigo 2.º, Inciso III; Artigo 17, Inciso V). Desse modo, solicita-se informar, com clareza, quais serão os benefícios, diretamente relacionados à pesquisa, para os participantes da pesquisa (atletas e técnicos), para a comunidade na qual está inserido e para a sociedade. **PENDÊNCIA ATENDIDA**

1.5. Metodologia: Os pesquisadores apenas referem que “A entrevista será no clube onde está sediado a APAF. As aulas acontecem todas as terças e quintas, momento em que será agendado o questionário com os entrevistados, que são os técnicos, atletas e diretor. A meta é fazer várias visitas para que se possa de alguma forma criar familiaridade com o espaço deles e assim possam se sentir à vontade para participar da pesquisa.” É necessário explicar de forma detalhada como e onde acontecerão os processos de consentimento e as entrevistas. As entrevistas serão gravadas e posteriormente transcritas? **PENDÊNCIA ATENDIDA**

2. Quanto à declaração da instituição coparticipante – referente ao arquivo “Termo_instituicao.pdf”, postado em 09/08/2022: Consta nesta declaração autorização para coleta de dados de 20/10/2022 a 20/11/2022. Já no cronograma, a coleta de dados está prevista para ocorrer de 15/12/2022 a 28/02/2023. Solicita-se adequação. **PENDÊNCIA ATENDIDA**

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo	
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO	CEP: 75.132-903
UF: GO	Município: ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439	E-mail: cep@ueg.br

3. Quanto ao TCLE:

3.1. Os pesquisadores apenas afirmam sobre os procedimentos da pesquisa “Caso você aceite participar da pesquisa, você responderá um questionário inicial e final com suas informações pessoais. Ao todo, 4 encontros, realizados no período de 02/10/2022 a 02/11/2022.” Solicita-se descrever, no TCLE, de forma clara, todos os procedimentos envolvidos na pesquisa, com o detalhamento dos métodos a serem utilizados, apresentando os procedimentos que serão realizados e o local das entrevistas. **PENDÊNCIA ATENDIDA**

3.2. Os pesquisadores referem “Caso o Senhor/Senhora permita ou não a divulgação da sua imagem/voz/opinião, assine com X.” O consentimento para participar do estudo, com a devida assinatura do TCLE, já pressupõe a autorização da divulgação da “opinião” do participante, sem identificação do mesmo. Assim, solicita-se manter a opção apenas sobre a imagem/voz, caso seja necessário. Questiona-se aos pesquisadores a necessidade de divulgação da imagem/voz dos participantes diante os objetivos apresentados no estudo. **PENDÊNCIA ATENDIDA**

3.3. Solicita-se que os riscos da pesquisa sejam expressos de forma clara no TCLE, bem como a apresentação das providências e cautelas a serem empregadas para evitar e/ou reduzir efeitos e condições que possam vir a causar algum dano ao participante de pesquisa. Quanto à frase “A pesquisa não oferecerá risco físico ou moral aos participantes”, solicita-se manter apenas o “risco físico”, pelo fato de envolver apenas entrevistas. Como foi apresentado apenas um TCLE, entende-se que este termo deve ser direcionado para atletas e técnicos e não apenas aos “alunos”, como apresentado na frase sobre os riscos. **PENDÊNCIA ATENDIDA**

3.4. O TCLE deve assegurar, de forma clara e afirmativa, que o participante da pesquisa que vier a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no TCLE tem direito a assistência (Resolução CNS n.º 510, de 2016, Artigo 19). **PENDÊNCIA ATENDIDA**

3.5. Os pesquisadores apenas afirmam “Não haverá, também, qualquer tipo de ônus caso decidam por tomar parte dela.” O TCLE deve assegurar, de forma clara e afirmativa, a garantia ao ressarcimento do participante em caso de gastos decorrentes da pesquisa (Resolução CNS n.º 510, de 2016, Artigo 17, Inciso VII). Solicita-se adequação. **PENDÊNCIA ATENDIDA**

3.6. Deve ser inserido, no TCLE, que os pesquisadores respeitarão a opção do participante quanto à manutenção do seu sigilo e da sua privacidade ou pela divulgação de sua identidade e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública, durante todas as suas fases, mesmo após o término da pesquisa (Resolução CNS n.º 510, de 2016, Artigo 9o, Inciso V; Artigo 17, Inciso IV). Solicita-se adequação. **PENDÊNCIA ATENDIDA**

3.7. Deve-se afirmar que manterá os dados da pesquisa sob sua guarda e responsabilidade por

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO CEP: 75.132-903
UF: GO Município: ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 E-mail: cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 5.717.170

um período de cinco anos após o término da pesquisa (Resolução CNS n.º 510, de 2016, Artigo 28).

PENDÊNCIA ATENDIDA

3.8. Deve-se garantir aos participantes acesso aos resultados da pesquisa (Resolução CNS n.º 510, de 2016, Artigo 17). PENDÊNCIA ATENDIDA

3.9. Deve-se assegurar que utilizará o material e os dados da pesquisa exclusivamente para a finalidade prevista no seu protocolo, por exemplo dissertação e artigo científico. PENDÊNCIA ATENDIDA

3.10. Os campos de assinaturas não devem estar separados do restante do documento. Solicita-se a adequação. PENDÊNCIA ATENDIDA

3.11. De forma a garantir sua integridade, o documento deve apresentar a numeração das páginas, recomendando-se, ainda, que essa seja inserida de forma a indicar, também, o número total de páginas, por exemplo: 1 de 2, 2 de 2. Solicita-se adequação. PENDÊNCIA ATENDIDA

Considerações Finais a critério do CEP:

Prezado/a pesquisador/a,

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UEG considera o presente protocolo APROVADO. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado e lembramos que os relatórios de pesquisa devem ser enviados semestralmente, comunicando ao CEP a ocorrência de eventos adversos esperados ou não esperados, conforme disposto na Norma Operacional do CNS nº 001/2013 via modelo de relatório disponível no site do CEP/UEG. A submissão do mesmo deverá ocorrer no formato de NOTIFICAÇÃO via Plataforma Brasil. O prazo para a entrega do relatório final (modelo também disponível no site do CEP/UEG), via notificação na Plataforma Brasil, é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1828830.pdf	04/10/2022 00:04:12		Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO.pdf	04/10/2022 00:02:03	Anna Clara souza Sobral	Aceito
TCLE / Termos de	AnnaClaraSobral_TCLE.docx	03/10/2022	Anna Clara souza	Aceito

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo

Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO

CEP: 75.132-903

UF: GO

Município: ANAPOLIS

Telefone: (62)3328-1439

E-mail: cep@ueg.br



UEG - UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 5.717.170

Assentimento / Justificativa de Ausência	AnnaClaraSobral_TCLE.docx	23:57:21	Sobral	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_CEP_03_10.docx	03/10/2022 23:56:44	Anna Clara souza Sobral	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_CEP_03_10.pdf	03/10/2022 23:56:33	Anna Clara souza Sobral	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	AnnaClaraSobral_TCLE.pdf	03/10/2022 23:54:18	Anna Clara souza Sobral	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	APAF.pdf	03/10/2022 23:53:59	Anna Clara souza Sobral	Aceito
Cronograma	cronograma_final.docx	03/10/2022 23:53:46	Anna Clara souza Sobral	Aceito
Cronograma	cronograma_final_03_10.pdf	03/10/2022 23:53:33	Anna Clara souza Sobral	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_Compromisso.pdf	09/08/2022 08:03:42	Anna Clara souza Sobral	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	09/08/2022 07:59:46	Anna Clara souza Sobral	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ANAPOLIS, 24 de Outubro de 2022

Assinado por:

MARIA IDELMA VIEIRA D ABADIA
(Coordenador(a))

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo

Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO

CEP: 75.132-903

UF: GO

Município: ANAPOLIS

Telefone: (62)3328-1439

E-mail: cep@ueg.br